



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**JOSÉ ALMONTE JESÚS**

**D. António Francisco dos Santos,  
o bispo da Caridade  
O conceito de caridade no seu pensamento  
e ministério pastoral**

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Prof. Doutor Luís Miguel Figueiredo Rodrigues

**Porto  
2020**

**Sumário:** o conceito de caridade desempenha um papel fundamental, sobretudo, na revelação cristã, na teologia e na ação pastoral da Igreja. O seu sentido é amplo e foi sendo enriquecido ao longo dos séculos. Depois de uma análise filológica, bíblica, teológica e pastoral, este estudo procura indagar a importância do conceito de caridade na vida e no pensamento de António Francisco dos Santos, bispo português, que serviu a diocese do Porto entre 2014 e 2017, ano do seu falecimento. Concluimos, a partir dos seus escritos, que caridade foi assumida não apenas como um projeto pessoal de vida, mas como projeto pastoral diocesano, sintetizado na ideia de “Igreja da Caridade”, à qual imprimiu significados específicos do seu pensamento e da sua espiritualidade.

**Palavras-chave:** pastoral; caridade; António Francisco dos Santos; diocese do Porto

**Abstract:** the concept of charity plays a major role, mainly, in the Christian revelation, in theology and in the Church’s pastoral activity. It’s meaning is wide and has been stretched over the centuries. After a preliminary analysis on philological, biblical, theological and pastoral aspects, this study intends to find out the importance of charity in the life and thought of Antonio Francisco dos Santos, Portuguese catholic bishop, who worked in the diocese of Porto from 2014 to 2017, when he passed away. We could achieve the conclusion that charity was not only his own personal project of life, but also a diocesan pastoral purpose, enlightened by the idea of “the Church of Charity”, which has been given specific meanings from his own thought and spirituality.

**Keywords:** pastoral; charity; António Francisco dos Santos; diocese of Porto

# Índice

<b>Siglário .....</b>	<b>1</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>2</b>
<b>1. Aproximação ao conceito de caridade .....</b>	<b>7</b>
1.1. Origens do conceito de caridade .....	7
1.2. A caridade na Sagrada Escritura .....	10
<i>a) a caridade na cultura hebraica e no Antigo Testamento .....</i>	<i>10</i>
<i>b) a caridade nos evangelhos sinóticos .....</i>	<i>12</i>
<i>c) a caridade nas cartas paulinas: o corpo místico e o ágape .....</i>	<i>13</i>
<i>d) a caridade nos escritos joaninos: o mandamento novo .....</i>	<i>15</i>
1.3. A caridade no magistério da Igreja católica .....	18
<i>a) a caridade na patrística .....</i>	<i>18</i>
<i>b) a caridade no II Concílio do Vaticano: a Igreja como ecclesia caritatis .....</i>	<i>20</i>
<i>c) o magistério mais recente e a prática das obras de misericórdia .....</i>	<i>21</i>
<i>d) a caridade na Doutrina Social da Igreja .....</i>	<i>25</i>
1.4. Aspetos teológicos sistemáticos do conceito de caridade .....	31
<i>a) o Filho de Deus é a revelação do amor do Pai .....</i>	<i>32</i>
<i>b) a relação entre caridade e as outras virtudes teológicas .....</i>	<i>33</i>

<i>c) a caridade é universal, um meio de conhecimento         e uma realidade criadora</i>	34
<i>d) a caridade é um elemento essencial à identidade da Igreja</i>	35
<i>e) a caridade e a vida espiritual</i>	36
1.5. A caridade como conceito e desafio pastoral	37
<i>a) a pastoral caritativa e social</i>	37
<i>b) alguns modelos de ação pastoral</i>	39
<i>c) o desafio de uma pastoral caritativa e social</i>	41
 <b>2. A caridade nos escritos de António Francisco dos Santos</b>	<b>47</b>
2.1. A caridade no percurso biográfico de António Francisco dos Santos	49
<i>a) a caridade como projeto pessoal de vida</i>	52
<i>b) a caridade como projeto para a Igreja e para a sociedade</i>	55
2.2. A caridade brota da oração	57
2.3. Da caridade nascem as instituições	59
2.4. Algumas notas essenciais do conceito de caridade	62
<i>a) a caridade, para a Igreja, não é um meio, mas um fim</i>	63
<i>b) a caridade é um processo</i>	64
<i>c) a caridade é um encontro com os ausentes</i>	64
<i>d) a caridade é encarnação, na continuidade de Jesus Cristo</i>	65
<i>e) a caridade é um gastar a vida e sujar as mãos</i>	66
<i>f) a caridade centra-se no serviço aos mais pobres</i>	67
<i>g) a caridade é terna, criativa e ousada</i>	69
<i>h) a caridade conduz a justiça à sua plenitude</i>	71

2.5. “Igreja da Caridade”: uma pastoral diocesana enformada na caridade .....	72
<i>a) a visita pastoral como manifestação da caridade pelas comunidades</i> .....	72
<i>b) Aveiro: Plano Pastoral Diocesano 2008-2013</i>	
<i>“Igreja diocesana renovada na Caridade é Esperança no Mundo”</i> .....	73
<i>c) Porto: Plano Pastoral Diocesano 2015-2020</i>	
<i>“A alegria do Evangelho é a nossa missão”</i> .....	76
<b>Conclusão</b> .....	<b>78</b>
<b>Bibliografia</b> .....	<b>82</b>
A. Fontes .....	82
<i>A.1. de António Francisco dos Santos</i> .....	82
<i>A.2. do Magistério da Igreja Católica</i> .....	84
B. Instrumentos de trabalho .....	87
C. Estudos .....	87

## Siglário

1 Jo	Primeira Carta de João
1 Ts	Primeira Carta aos Tessalonicenses
2 Cor	Segunda Carta aos Coríntios
AA.VV.	Vários autores
AAS	<i>Acta Apostolicae Sedis</i> , Roma, 1909-.
cân.	cânon
CDC	Código de Direito Canónico
Dt	Livro do Deuteronomio
ed.	editor; editores
Ef	Carta aos Efésios
Ex	Livro do Êxodo
Gal	Carta aos Gálatas
Is	Livro do profeta Isaías
Jo	Evangelho segundo São João
Jr	Livro do profeta Jeremias
Lc	Evangelho segundo São Lucas
Lv	Livro do Levítico
Mt	Evangelho segundo São Mateus
Ne	Livro de Neemias
Nm	Livro dos Números
Os	Livro do profeta Oseias
PG	<i>Patrologiae cursus completus. Series graeca</i> , ed. J-P. Migne, 161 vol.
PL	<i>Patrologiae cursus completus. Series latina</i> , ed. J-P. Migne, 221 vol.
Rom	Epístola de São Paulo aos Romanos
Sl	Livro dos Salmos
Tb	Livro de Tobias
Tg	Carta de Tiago
vol.	volume(s)

## Introdução

O nosso mundo e a nossa sociedade vivem em constante e significativa mudança, algumas positivas, que aportam o desenvolvimento nos diversos aspetos da vida humana, outras nem tanto, que se revelam hostis a uma sociedade humanizadora e consciente dos seus valores fundamentais. Neste tempo que nos é dado viver, o egoísmo, o individualismo, a indiferença, grassam nos nossos ambientes quotidianos – da família, ao emprego e às nossas comunidades – deteriorando os valores da solidariedade, da justiça e do bem comum. Ao mesmo tempo, no plano socioeconómico, a pobreza, a marginalização e os sem-abrigo são uma realidade que, embora combatida, persiste e toma novas configurações cada vez mais difíceis de acompanhar e ajudar a solucionar, muitas vezes secundarizados por imperativos materiais mais imediatos, como o lucro e a eficiência. No plano religioso, fenómenos como a secularização fazem recuar valores profundamente enraizados e provocam o afastamento das pessoas em relação à Igreja.

Tempos como estes que nos são dados a viver pedem por sinais coerentes, que reobrem a fé naqueles que a vão perdendo ou nunca tiveram. Por isso, a tarefa da evangelização é tão urgente e o esforço por uma pastoral renovada, criativa e adequada assume-se como uma absoluta prioridade para a Igreja, que busca alcançar o coração dos problemas e das inquietações dos homens e mulheres de hoje. Uma das respostas pastorais essenciais para este tempo é, sem dúvida, a caridade.

Esta intuição estava bem presente na mente e na ação de António Francisco dos Santos (1948 – 2017). Ele acreditava que a caridade é uma fonte inesgotável que evangeliza a Igreja e o mundo no momento em que ela se faz carne, incarna, na vida dos cristãos de cada tempo e de cada lugar, trazendo consigo um espírito novo capaz de transformar o mundo. Tudo isto ficou bem patente nos seus escritos, nas suas intervenções, nas suas entrevistas, nas suas reflexões: o papel central da caridade para a renovação da Igreja, para uma pastoral dos dias de hoje e dos homens e mulheres de hoje, para uma fé viva, estruturada e consciente, anunciada e vivida por todos os cristãos.

O presente estudo procura abordar o tema da caridade no pensamento e no ministério pastoral de António Francisco dos Santos, cruzando uma reflexão teológica com uma análise dos documentos da sua autoria. O seu jeito de ser pastor próximo e a sua forma tão característica de evangelizar, como pessoa e como homem de Igreja, somando à sua vasta experiência pastoral desenvolvida pelas paróquias, seminários, movimentos e dioceses por onde passou e serviu, certamente aportaram uma riqueza inesgotável ao tema.

A nossa motivação é muito clara: um contacto pessoal com António Francisco dos Santos, nos seus anos de episcopado na diocese do Porto (2014 – 2017) que coincidem com o meu tempo de seminarista, onde se insere a instituição nos ministérios de leitor e de acólito pelas suas mãos, e em todas as ocasiões, uma impressão muito viva e uma presença cativante que chamavam à atenção para a delicadeza do seu trato, para a alegria e proximidade que emanava na comunicação com as pessoas . Por diversas ocasiões pude pessoalmente comprovar como o tema da caridade e da solicitude pelos pobres preenchia as suas preocupações e estruturava as suas reflexões, as suas homilias, as suas intervenções. Por fim, o seu testemunho de bondade e proximidade repartido em tantos momentos – a maioria deles discretos, invisíveis – de autêntica caridade, de doação pelos mais necessitados marcou profundamente a comunidade dos crentes, mas também os não-crentes, por todos os lugares onde passou, cativando, atraindo e estimulando as respostas mais criativas e ousadas dos muitos que o seguiram, e através dele encontraram o rosto de Cristo e deram rosto a uma Igreja viva, evangelizada e evangelizadora. António Francisco dos Santos marcou um ritmo motivador na pastoral, procurando apontar um novo modelo de Igreja, preparando a pastoral do futuro.

Por tudo isto, ponderámos desde cedo estudar a figura de António Francisco dos Santos, numa perspetiva da teologia pastoral. Numa primeira fase, em diálogo com o Prof. Doutor Luís Miguel Figueiredo Rodrigues, da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, iniciámos uma investigação preliminar, tendo como conceitos-chave a “caridade”, a “evangelização” e a “oração”. Embora fossem muito fecundos, entendemos avançar para uma segunda fase de investigação, mais aprofundada, apenas centrados no conceito de “caridade” devido, por uma parte, à dispersão e, por vezes, dificuldade de acesso às fontes, ainda não totalmente editadas ou possíveis de ser consultadas e, de outra parte, a falta de estudos existentes sobre a figura de António Francisco dos Santos. A sua morte ainda tão recente torna este tipo de estudos praticamente inéditos.



O primeiro capítulo do nosso trabalho centra-se numa reflexão sistemática sobre o conceito de caridade, a partir de diversos primas, tendo por base os estudos existentes. Desde logo, iniciámos com um estudo filológico da palavra “caridade”, acercando-nos das suas raízes, variantes, sinónimos e significados nas línguas antigas – especialmente, o latim, o grego e o hebraico. A partir daqui, construímos também os alicerces para, logo de seguida, avançarmos para um olhar aos textos bíblicos, primeiro do Antigo Testamento e, depois, do Novo Testamento. Em relação ao Antigo Testamento, procurámos também ver em que consiste a caridade na cultura hebraica. Em relação ao Novo Testamento, além da mensagem dos evangelhos, demos uma especial atenção aos textos paulinos e joaninos, que se debruçam bastante sobre o tema da caridade. Neste enfoque bíblico, socorremos-nos da tradução da Bíblia Sagrada editada pela Difusora Bíblica, dos Franciscanos Capuchinhos. A parte central do primeiro capítulo é dedicada às afirmações do magistério da Igreja Católica sobre a caridade, particularmente na patrística, nos documentos do II Concílio Ecuménico do Vaticano, nos documentos papais mais recentes e na reflexão da Doutrina Social da Igreja. A partir daí, ensaiámos uma sistematização dos principais aspetos teológicos do conceito de caridade, como que sintetizando, de alguma forma, tudo o que foi referido até ali. Por fim, num último ponto, é abordada a relevância da caridade no âmbito da teologia pastoral, seja como critério pastoral, seja como área específica de pastoral, designada por pastoral da caridade.

O segundo capítulo, assumindo as conclusões do primeiro, partiu de uma análise cuidadosa da obra de António Francisco dos Santos no intuito de estudar a importância e o sentido que este atribuía ao conceito de caridade. Para tanto, foi necessário recorrer a toda a documentação da sua autoria que se encontra atualmente acessível: essencialmente, homilias e intervenções durante o seu episcopado em Aveiro e no Porto, que se encontram editadas, ainda que não na sua totalidade, e material jornalístico, sobretudo entrevistas. Por diversos motivos, não acedemos a documentação pessoal e algumas fontes não editadas foram especialmente difíceis de encontrar, por exemplo, documentação pastoral com alguns anos que não se encontra convenientemente conservada e valorizada para estudo científico, pelo que outros estudos, no futuro, poderão certamente fazer uma análise muito mais completa deste e outros temas, à medida que as suas fontes forem sendo editadas.

A partir dessa documentação e de escassos estudos sobre a figura de António Francisco dos Santos, propusemos repartir a nossa exposição em quatro etapas: na primeira, fizemos uma resenha biográfica exaustiva, pondo em relevo o papel da caridade como

projeto de vida, quer pessoal, quer comunitário e diocesano, que se refletiu em inúmeros aspetos do seu percurso. Na segunda, propusemos uma chave de leitura para o tema da caridade no pensamento de António Francisco dos Santos, concretamente, que a caridade brota da oração e que da caridade nascem as instituições: este díptico é, segundo as nossas conclusões, estruturante para compreender o sentido e a importância da caridade no seu pensamento e na sua atuação pastoral. Na terceira, elencámos um conjunto de notas ou características essenciais do conceito de caridade que transparecem dos escritos de António Francisco dos Santos, dispondo-os de forma temática e organizada, nem sempre atendendo a questões cronológicas; de resto, o seu pensamento parece bastante consistente ao longo do seu percurso, assumindo apenas matizes distintos. Por fim, na quarta parte deste capítulo, reunimos os projetos pastorais propostos e aplicados por António Francisco dos Santos nas duas dioceses que serviu como bispo diocesano – Aveiro e Porto – para olhar ao modo como a caridade surge como categoria central da visão e da proposta pastoral, outorgando um ponto independente ao tema das visitas pastorais, às quais deu especial importância neste contexto, como manifestação, por excelência, de caridade pastoral.

O trabalho pastoral de D. António é verdadeiramente notável, por todos os espaços e comunidades por onde passou: deu a vida pelo cuidado pastoral daqueles que lhe foram confiados e sonhou sempre com uma Igreja aberta aos pobres, a todo o tipo de pobres, na prática da caridade, profundamente convencido de que «o serviço da caridade é uma sábia e santa forma de evangelizar»<sup>1</sup>.

De facto, é esta a missão primordial da Igreja, que brota diretamente do anúncio do Evangelho: o serviço ao outro na caridade, a partir da fé em Cristo, professada e vivida, tal como acreditou, anunciou e demonstrou António Francisco dos Santos. A caridade é a primeira e principal de todas as virtudes teologais, o amor que é ao mesmo tempo de e a Deus e, pela fé, também aos irmãos. A caridade é dom inesgotável e gratuito de Deus, capaz de iluminar e salgar a humanidade nas suas várias formas de pobreza e de miséria, a começar pela sua pobreza essencial, que reclama e a lança em direção ao outro. O estilo pastoral e as convicções pessoais que António Francisco dos Santos assumiu e manifestou revelam precisamente esta convicção, e por isso vale a pena olhar ao seu percurso pasto-

---

<sup>1</sup> A.F. SANTOS, «O serviço da caridade é uma sábia e santa forma de evangelizar», *Igreja Aveirense* 3 (2007) 73-77.

ral e aos seus escritos para encontrar uma forma própria, concreta e em diálogo com o seu tempo e a sociedade em que viveu, de compreender, propor e viver a caridade, que aporta novos horizontes a uma pastoral da caridade.

Em jeito de umbral desta introdução em direção ao nosso estudo, gostaria de deixar aqui um testemunho acerca de António Francisco dos Santos, que bem ilustra a sua pertinência e atualidade:

«[Ele] Sofria por causa dos comportamentos religiosos mascarados e das injustiças sociais. Pressinto que tenha morrido mais cedo pelas dores que trazia no peito. Vivia e acreditava numa Igreja humilde, transparente, enfim, à maneira de Jesus, sem a tónica da intriga pelo poder, da desumanização sem amor, do clericalismo vazio de Fé. Bem cedo percebeu que só o Amor sara os corações carentes de sentido. Se fosse possível, D. António estaria com cada um e com todos, para lhes fazer chegar a alegria do Evangelho. Ele interessava-se pelo bem das pessoas e, por isso, perguntava por elas. Sabia que não podia chegar a todo lado, mesmo se o seu coração o impelisse a tal. Confiava que cada um assumia a sua responsabilidade na ajuda e no cuidado para com o próximo.»<sup>2</sup>

Esperamos, pois, uma leitura proveitosa do estudo que se segue. Obrigamos um público e reconhecido agradecimento, em primeiro lugar, ao orientador desta dissertação, o Prof. Doutor Luís Miguel Figueiredo Rodrigues, pela ajuda, pelo acompanhamento e pela orientação científica; em segundo lugar, a Maria do Rosário Mendes e a Filipe de Sousa Vales, pela revisão ortográfica e sugestões redacionais. Uma vez que o português não é a minha língua materna, impôs-se, para realizar um trabalho desta envergadura, que nos socorrêssemos de auxílios que para um nativo da língua certamente não seriam necessários; em todo o caso, pedimos desculpa por alguma imprecisão de linguagem ou confusão que a exposição de ideias possa suscitar fruto deste facto, e assumimos pessoalmente a total responsabilidade por eles.

---

<sup>2</sup> B.C. ALMEIDA, *Caminhando com dom António Francisco dos Santos. A propósito de um monumento em Tendais*, Fundação dom António Francisco dos Santos, Porto, 2019, 169-170.

## 1. Aproximação ao conceito de caridade

A caridade é um conceito amplo e com grandes reverberações na história da cultura, do pensamento e da linguagem, e também uma categoria relevante na filosofia e na teologia. Conheceu algumas mutações, foi assumindo novas aceções, e foi o centro de disputas e críticas. Não será aqui ocasião de levarmos até ao limite, mas um primeiro passo da nossa investigação deve nos conduzir a uma aproximação ao conceito de caridade, com especial incidência na sua dimensão teológica. Antes de nos questionarmos sobre a importância e a compreensão particular de António Francisco dos Santos sobre a caridade, precisamos de dar um passo atrás para tirarmos algumas coordenadas do conceito de caridade.

Neste primeiro capítulo, propomo-nos a uma breve abordagem sistemática ao conceito de caridade, desde logo, com um pequeno estudo filológico sobre a origem do termo “caridade” e a sua aceção latina, mas também dos correspondentes nas línguas antigas, o grego e o hebraico. De seguida, avançaremos para um estudo exegético das fontes bíblicas, em ordem a uma compreensão da caridade em sentido bíblico, começando pelas ocorrências no Antigo Testamento e depois no Novo Testamento, comparando a novidade da caridade cristã. Neste estudo de incidência bíblica, daremos maior importância às visões paulina e joanina sobre a caridade. Sucessivamente, abordaremos o tema da caridade no pensamento cristão primitivo, nos designados Padres da Igreja, para logo de seguida apresentarmos alguns documentos do magistério da Igreja Católica sobre a caridade, nomeadamente da designada Doutrina Social da Igreja. Num último e breve ponto, colocaremos a questão da caridade no âmbito da teologia pastoral e focaremos a pastoral da caridade.

### 1.1. Origens do conceito de caridade

A caridade, terceira virtude teologal, define-se pelo seu próprio objeto, isto é, Deus como bondade suprema e, enquanto tal, e um amor voluntário de escolha e não um amor de sensibilidade<sup>3</sup>. O termo caridade vem do latim *caritas*, que por sua vez deriva de *carus*,

---

<sup>3</sup> O. DE LA BROSSE [et al.], «Caridade», in *Dicionário de Termos da Fé*, Perpétuo Socorro, Porto, 1995, 137.

que quer dizer querido, amado<sup>4</sup>. A caridade da Igreja aponta para a realidade de Deus em si, que na sua essência trinitária é a própria caridade<sup>5</sup>. Para expressar a ideia de amor, os hebreus tinham o verbo *ahab* e o substantivo que dele resulta, *ahabah*. O mesmo pode significar o amor sagrado e o amor profano, o amor casto e o amor impuro, o amor familiar e a simples amizade, mas também o amor de Deus pelos homens e o amor dos homens para com Deus.

Os gregos antigos tinham quatro vocábulos que traduziam a palavra hebraica *ahab*: eram elas *agapan*, *philein*, *stergein* e *eran*. Os dois últimos significam, respetivamente, o amor dos pais pelos filhos e o amor sexual<sup>6</sup>. Assim, de *eran* vem o substantivo *eros* que se refere ao amor passionai ou amor de desejo. Este tipo de amor indicava não só a atração entre duas pessoas, mas o desejo de tudo o que era considerado digno de ser possuído. No mundo greco-romano clássico significava o motor principal de toda a vida moral, artística, filosófico e religiosa. De *philein* compõe-se, entre outros, o substantivo *filantropia*, que diz a amizade e o amor desinteressado de qualquer pessoa por outra. Finalmente, com *agapan* fazia-se referência a significados mais abstratos, como predileção, preferência, um estado de contentamento com qualquer coisa, indicando, em geral, um amor de livre escolha, ativo e difusivo<sup>7</sup>.

Desde as versões latinas mais antigas da Bíblia, se usava traduzir o grego *agape* pelo latino *caritas*, e mais raramente por *dilectio*. O substantivo *agape* encontra-se, pela primeira vez, no Novo Testamento, para se referir ao amor que tem origem em Deus Pai, se visibiliza no Filho e é infundido pelo Espírito Santo nos corações dos crentes (cf. Rom 5, 5). Este amor não parecia encontrar expressão suficiente em qualquer outro vocábulo grego. Os cristãos escolheram esta palavra para se referirem também ao amor mútuo, concre-

---

<sup>4</sup> M. DE VAN, «Carus», in *Etymological Dictionary of Latin and the other Italic Languages*, Brill, Leiden, 2008, 95.

<sup>5</sup> E. REISH, «Caridad», in K. RAHNER [et al.] (ed.), *Sacramentum Mundi*, Vol. 1, Herder, Barcelona, 1972, 659.

<sup>6</sup> G. BROGLIE, «Charité», in M. VILLIER [et al.] (ed.), *Dictionnaire de Spiritualité, Ascétique et Mystique, Doctrine et Histoire*, Vol. 2, Beauchesne, Paris, 1937, 507-509; G. QUELL, «ἀγαπάω, ἀγάπη, ἀγαπητός», in F. MONTAGNINI; G. SCARPAT (ed.), *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, Vol. 1, Paideia, Brescia, 1975, 62-66.

<sup>7</sup> M. SBAFFI, «Caridade», in S. FIORES; T. GOFFI (ed.), *Dicionário de Espiritualidade*, Paulinas, São Paulo, 1989, 81; E. STAUFFER, «ἀγαπάω, ἀγάπη, ἀγαπητός», in F. MONTAGNINI; G. SCARPAT (ed.), *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, Vol. 1, Paideia, Brescia, 1975, 97-98; R. BEEKS, «ἀγαπάω», in R. BEEKS (ed.), *Etymological Dictionary of Greek*, Vol. 1, Brill, Boston, 2010, 8.

tizado, entre outras expressões, na refeição comum, primeiro antecedente da eucaristia cristã, sacramento central da sua fé.

Sucessivamente, a tradução latina *caritas* foi sendo disseminada nas línguas ditas modernas: no português (*caridade*), no castelhano (*caridad*), no italiano (*carità*), no francês (*charité*), no inglês (*charity*), etc. Atualmente, entende-se por caridade, em sentido religioso e concretamente cristão, como aquele amor fraterno que se dirige aos que mais sofrem ou que precisam de ajuda. A caridade, à luz do magistério da Igreja, não é apenas um dever de cada cristão, mas um sinal distintivo e uma manifestação vital da Igreja<sup>8</sup>.

Na distinção dos vários termos utilizados na língua grega para descrever o amor, vale a pena socorrer-nos da explicação do papa Bento XVI, aqui também contextualizando um pouco a perspectiva do magistério da Igreja sobre esta raiz terminológica. Na sua encíclica *Deus Caritas est*, Bento XVI estabelece uma ligação entre os termos *eros* e *filia*, não os considerando contrapostos, mas antes referindo:

«No fundo, o “amor” é uma única realidade, embora com distintas dimensões; caso a caso, pode uma ou outra dimensão sobressair mais. Mas, quando as duas dimensões se separam completamente uma da outra, surge uma caricatura ou, de qualquer modo, uma forma redutiva do amor. E vimos sinteticamente também que a fé bíblica não constrói um mundo paralelo ou um mundo contraposto àquele fenómeno humano originário que é o amor, mas aceita o homem por inteiro intervindo na sua busca de amor para purificá-la, desvendando-lhe ao mesmo tempo novas dimensões. Esta novidade da fé bíblica manifesta-se sobretudo em dois pontos que merecem ser sublinhados: a imagem de Deus e a imagem do homem.»<sup>9</sup>

O amor de dileção (*eros*) e o amor de amizade (*filia*) não são duas realidades separadas, antes se supõem na dileção recíproca fundada na comunicação de bens que cria a felicidade entre amigos. Como dito anteriormente, o objeto próprio da caridade é Deus, o Deus que prometeu comunicar gratuitamente aos seus filhos a sua divina essência, que se atinge na visão beatífica; por isso, a caridade pressupõe, num horizonte cristão, a fé e a esperança, isto é, as outras duas virtudes teologais. A caridade para com Deus estende-se à caridade como amor ao próximo chamado à mesma partilha da felicidade. Assim, em

---

<sup>8</sup> REISH, «Caridad», 659-660.

<sup>9</sup> BENEDICTUS PP. XVI, *Litterae Encyclicae [...] de christiano amore (Deus caritas est)*, 8, in *AAS* 98 (2006) 224.

primeiro lugar, temos a caridade como ato de amor a Deus; depois, os atos que são efeitos dessa caridade, quer interiores (alegria, paz...), quer exteriores (beneficência, etc.)<sup>10</sup>.

Não obstante, cumpre destacar deste primeiro ponto do nosso capítulo, que o termo caridade não é um exclusivo da revelação judaico-cristã. Entre as civilizações antigas, concretamente no mundo greco-romano clássico, já se falava em caridade, embora não entendida precisamente nos mesmos termos que na religião cristã, sendo quase sempre sinónimo de filantropia, associado com uma relação de amizade, ou seja, de equilíbrio e intercâmbio de interesses. Encontra-se, por isso, totalmente ausente o sentido de caridade como solicitude desinteressada, nomeadamente pelos pobres, que no mundo antigo eram vistos como um prejuízo social, e muitas vezes excluídos, por essa mesma condição, da plena participação cívica<sup>11</sup>.

## **1.2. A caridade na Sagrada Escritura**

Depois do estudo filológico, agora passamos a estudar o conceito de caridade na Sagrada Escritura. Começaremos por olhar às expressões hebraicas de caridade e o seu sentido no Antigo Testamento. Depois, passaremos aos textos do Novo Testamento, sublinhando os traços de continuidade e de novidade na compreensão da caridade, face ao Antigo Testamento, com maior destaque para os escritos joaninos e paulinos.

### *a) a caridade na cultura hebraica e no Antigo Testamento*

Como já aludimos anteriormente, o Antigo Testamento emprega a raiz hebraica *hb* e o seu derivado *ahabah* para expressar o conceito de amor, que tanto pode indicar o amor profano como o amor sagrado. Com esta terminologia, o Antigo Testamento apresenta o amor como um sentimento espontâneo que leva uma pessoa a fazer de si mesma um dom à pessoa amada ou, no que se refere aos objetos, a desejar a posse desse objeto ou a cumprir uma ação na qual se encontra prazer. Podiam deste modo expressar o amor de Deus pelo homem, que não é apenas um sentimento, mas a própria ação de Deus que intervém

---

<sup>10</sup> DE LA BROSE, «Caridade», 138.

<sup>11</sup> SBAFFI, «Caridade», 77-79.

na História em favor do seu povo eleito<sup>12</sup>. O amor de Deus pelo seu povo pode descrever-se com um amor ativo<sup>13</sup>, eletivo e criador<sup>14</sup>, mas sobretudo misericordioso<sup>15</sup>.

No Antigo Testamento, encontramos também testemunhos do significado de amor como resposta do homem ao amor eletivo e misericordioso de Deus<sup>16</sup>. O amor de resposta manifesta-se na atenta escuta dos Mandamentos de Deus, e no serviço obediente, pessoal e total<sup>17</sup>. Por fim, também o amor ao próximo aparece explicitado no livro do Levítico, quando diz: «Amarás o teu próximo como a ti mesmo.»<sup>18</sup> O amor ao próximo é um preceito que é devido, em primeiro lugar, ao pobre, ao necessitado, ao estrangeiro, ao órfão e à viúva<sup>19</sup>. Pelo contrário, ao inimigo são devidos o ódio e a vingança<sup>20</sup>, mas apenas com o propósito de apelar à libertação que vem de Deus, o que deriva da conceção judaica segundo a qual quem ofende a Deus ou despreza o seu Povo torna-se inimigo de Deus<sup>21</sup>.

O amor ao próximo é um tema importante para o judaísmo helenístico, ou seja, para as comunidades judaicas que se disseminaram pelas cidades e territórios gregos ao longo do mar Mediterrâneo. Para estes, o amor ao próximo não é apenas um mandamento de Deus, mas é uma manifestação do próprio amor de Deus, um amor que se radica em Deus. Assim, o amor vem de Deus e só quem ama o próximo percorre os caminhos de Deus. O ódio conduz à morte; o amor, ao contrário, leva à salvação do homem. Por isso, na sua compreensão, este amor ao próximo aplica-se, para além dos familiares e amigos, também a todo o homem e, inclusive, aos inimigos<sup>22</sup>.

Sobre o amor aos inimigos, o judaísmo rabínico, em geral, é um pouco mais restritivo, porque apenas o contempla no enquadramento do amor ao próximo identificado com os membros do povo eleito. Dito de outro modo, o amor pelo próximo, na sua compreen-

---

<sup>12</sup> QUELL, «ἀγαπάω, ἀγάπη, ἀγαπη-τός», 58-60.

<sup>13</sup> Cf. Os 11, 11; Jr 31, 3; Dt 4, 37; 10, 15; Sl 41, 12.

<sup>14</sup> Cf. Dt 7, 6-8.

<sup>15</sup> Cf. Ne 9, 17; Dt 23, 5; Sl 86, 5; Is 43, 25; 54, 10.

<sup>16</sup> Cf. Sl 18, 2-4; Dt 10, 12ss; Ex 20, 6.

<sup>17</sup> Cf. Dt 6, 5; 13, 4.

<sup>18</sup> Lv 19, 18.

<sup>19</sup> Cf. Ex 23, 6; Lv 29, 10.15; Ex 22, 21; Lv 19, 33-34; Dt 10, 18.

<sup>20</sup> Cf. Ex 15, 6; Nm 23, 11; Sl 7, 6.

<sup>21</sup> SBAFFI, «Caridade», 81.

<sup>22</sup> STAUFFER, «ἀγαπάω, ἀγάπη, ἀγαπητός», 106-108.



são, não é outra coisa senão a conduta que os membros do povo eleito devem ter uns para com os outros e, por isso, também se aplica aos inimigos dentro desse povo<sup>23</sup>.

No Antigo Testamento, o amor tem um elevado valor teológico, embora seja muitas vezes referido de modo reservado e limitado. Isto explica-se pelo facto de que, no pensamento teológico veterotestamentário, prevalece a ideia de aliança para se referir à relação entre Deus e o homem. Só muito raramente a mentalidade judaica deixa que, neste âmbito, a ideia de aliança seja substituída pelo conceito de amor. Todavia, tudo indica que o conceito judaico de aliança corresponde, de certo modo, na esfera jurídica, à experiência do amor no que refere à relação entre Deus e o homem, pelo que é possível afirmar que no conceito de aliança subjaz o conceito de amor<sup>24</sup>.

#### *b) a caridade nos evangelhos sinóticos*

A passagem do Antigo para o Novo Testamento, no que se refere ao conceito de amor, é significativa sobretudo no que se refere ao amor ao próximo, uma vez que Jesus assume que o próximo é todo o homem, em sentido universal e sem nenhuma distinção<sup>25</sup>. O sentido cristão do amor ao próximo, inclusive ao inimigo, está patente nos evangelhos sinóticos, sobretudo em duas grandes secções: a parábola do bom samaritano e o discurso ou sermão da montanha.

Na *parábola do bom samaritano*<sup>26</sup>, é já por si significativo que nos seja apresentada, como exemplo de caridade, um samaritano, que, no tempo de Jesus, eram desprezados pelos judeus como hereges. A parábola vem narrada em função da resposta a uma pergunta: quem é o meu próximo? A resposta colocada na boca de Jesus é que o próximo não é alguém aqui ao acolá, mas é quem fazemos nosso próximo, em situações concretas, quando precisa da nossa ajuda. O amor ao próximo pregado por Jesus não se restringe a vínculos familiares, sentimentais ou étnicos, mas tem a sua medida na pessoa concreta, sofredora e necessitada<sup>27</sup>.

---

<sup>23</sup> STAUFFER, «ἀγαπάω, ἀγάπη, ἀγαπητός», 114.

<sup>24</sup> QUELL, «ἀγαπάω, ἀγάπη, ἀγαπητός», 72-73.

<sup>25</sup> BROGLIE, «Charité», 510-511.

<sup>26</sup> Lc 10, 25-37.

<sup>27</sup> W. KASPER, *La misericordia: clave del Evangelio y de la vida cristiana*, Sal Terrae, Santander, 2012, 73-75.

No discurso ou *sermão da montanha*<sup>28</sup>, encontramos patente a novidade da caridade cristã: o amor ao inimigo. Este amor é o mesmo amor com que Deus ama e que encontra a sua plenitude na cruz, amor de Deus em ato, por excelência, onde Jesus é entregue por todos, justos e injustos, de forma totalmente oblativa e gratuita. O amor aos inimigos, que se alça à estatura do amor na cruz, só é possível no amor com que Deus nos ama, ou seja, é Deus que nos vem a possibilidade de amar o inimigo e a não ser à luz do amor de Deus, o amor pelos inimigos resulta totalmente incompreensível. Na cruz, no amor de Deus em ato, encontra-se estabelecida a plena universalidade do amor, que também não se limita a amar que nos ama, mas também ama o próprio inimigo.

Contudo, no Novo Testamento, é nos escritos paulinos e joanino que encontramos as mais relevantes reflexões sobre a caridade, os quais têm pontos em comum, mas apresentando, substancialmente, diferenças de linguagem e de exposição.

«Quando falam sobre a caridade, eles querem dizer com essa palavra a caridade fraterna, mas não a separam do amor de Deus, sabem que são duas virtudes inseparáveis, ou melhor, que são os dois aspetos da mesma virtude teológica, porque o amor dos nossos irmãos não fica sem o amor de Deus, nem o amor de Deus sem o amor dos nossos irmãos.»<sup>29</sup>

Vejamos então agora de seguida alguns aspetos fundamentais da teologia das cartas paulinas e dos escritos joaninos sobre a caridade.

### *c) a caridade nas cartas paulinas: o corpo místico e o ágape*

Nos escritos paulinos, encontramos uma correlação muito forte entre a doutrina sobre a caridade fraterna e a doutrina do corpo místico. De facto, a fonte da caridade é o corpo místico e, ao mesmo tempo, a caridade promove o crescimento e o aperfeiçoamento desse corpo. Através dos sacramentos do batismo e da eucaristia, os cristãos são intimamente unidos a Cristo, que anseia por unir todos os homens a Ele e entre si, formando um só corpo. A eucaristia é o sacramento onde se revela «o desígnio de amor que guia toda a

---

<sup>28</sup> Mt 5, 43-48; Lc 6, 27-36.

<sup>29</sup> BROGLIE, «Charité», 512.

História, [...porque] é a doação que Jesus Cristo faz de si mesmo, revelando-nos o amor infinito de Deus por cada pessoa»<sup>30</sup>.

O paradigma da prática da caridade é, de acordo com os escritos paulinos, o próprio Deus e a sua revelação plena em Jesus Cristo<sup>31</sup>, e tem um papel fulcral na sua teologia, uma vez que é na caridade que se manifesta a força da fé<sup>32</sup> e é a própria caridade o vínculo da perfeição e o resumo da lei divina<sup>33</sup>.

A teologia paulina fundamenta o amor cristão na cruz, onde Jesus testemunha que o amor vence o ódio e a vida vence a morte<sup>34</sup>. Na carta aos Gálatas, está escrito: «Foi para a liberdade que vós fostes chamados. Só que não deveis deixar que essa liberdade se torne numa ocasião para os vossos apetites carnis. Pelo contrário: pelo amor, fazei-vos servos uns dos outros.»<sup>35</sup> O amor de Deus é o dinamismo da fé em Deus: a fé dinamiza-se no amor a Deus se este amor for autêntico, estendendo-se até ao amor ao próximo, uma vez que «em Cristo, nem a circuncisão vale alguma coisa, nem a incircuncisão, mas sim a fé que atua pelo amor.»<sup>36</sup> O amor, nos escritos paulinos, manifesta a fé em Deus.

A compreensão da teologia paulina da caridade passa necessariamente pelo capítulo quinto da segunda epístola aos cristãos de Corinto, que na versão latina da Bíblia (a *Vulgata*), tem por subtítulo *Caritas Christi urget nos*:

«Sim, o amor de Cristo nos absorve completamente, ao pensar que um só morreu por todos e, portanto, todos morreram. Ele morreu por todos, a fim de que, os que vivem, não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou. Por conseguinte, de agora em diante, não conhecemos ninguém à maneira humana. Ainda que tenhamos conhecido a Cristo desse modo, agora já não o conhecemos assim. Por isso, se alguém está em Cristo, é uma nova criação. O que era antigo, passou; eis que surgiram coisas novas.»<sup>37</sup>

---

<sup>30</sup> BENEDICTUS PP. XVI, *Adhortatio Apostolica Postsynodalis* [...] *de Eucharistia vitae missionisque Ecclesiae fonte et culmine (Sacramentum caritatis)*, 1-8, in *AAS* 99 (2007) 105-110.

<sup>31</sup> Cf. Ef 4, 32; Ef 5, 1-2; 1 Ts 4, 9.

<sup>32</sup> Cf. Gal 5, 6.

<sup>33</sup> BROGLIE, «Charité», 512-513.

<sup>34</sup> KASPER, *La misericordia*, 80-81.

<sup>35</sup> Gal 5, 13.

<sup>36</sup> Gal 5, 6.

<sup>37</sup> 2 Cor 5, 14-17.

De acordo com os escritos paulinos, a vida nova para o cristão redimido é a caridade ou ágape, aquela que o próprio autor descobriu, por meio da graça, na cruz de Jesus Cristo. Desta cruz, acolhida com fé, se gera a nova criação. O ágape de Cristo revela, em primeiro lugar, o próprio amor que Ele tem pela humanidade, pelo que os cristãos se tornam, em virtude de abraçarem a fé, livres de não viverem mais para si mesmos. Assim, o ágape de Cristo torna-se também o ágape *em nós*, assimilando o cristão a Cristo, pelo qual este se abeira de todos os outros homens, especialmente dos pobres e dos últimos. Assim se compreende que, nesta lógica, o ágape seja a raiz das “coisas novas” que florescem e frutificam em Igreja, sinal da vinda do Reino de Deus, e daí abarque e assuma dimensões distintas mas complementares: cristológica, antropológica, pastoral e eclesiológica.<sup>38</sup>

Por outro lado, a caridade, à luz dos escritos paulinos, é a plenitude da lei. Na epístola aos Gálatas, por exemplo, podemos ler que: «toda a Lei se cumpre plenamente nesta única palavra: Ama o teu próximo como a ti mesmo.»<sup>39</sup> Nesta afirmação, é posta em evidência a concentração escatológica do sentido da lei e dos profetas no duplo mandamento do amor. O ágape que Cristo oferece à humanidade converte-se, para os que nele creem, numa nova compreensão da existência e do agir, donde resulta que a lei de Cristo, resumida no mandamento do amor, não é uma lei que escraviza, mas que liberta.<sup>40</sup>

#### *d) a caridade nos escritos joaninos: o mandamento novo*

Os escritos joaninos fazem derivar o seu conceito de caridade dos atributos de Deus e do mandamento de Cristo. Na instituição da Eucaristia, Jesus Cristo anuncia aos seus apóstolos, reunidos para a última ceia antes da sua morte, que irá partir e que lhes deixa, podemos dizer em testamento, um mandamento novo: «que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei.»<sup>41</sup> Jesus Cristo formula o mandamento novo do amor precisamente no momento em que institui a eucaristia, o sacramento do seu amor; por isso, apenas a partir da eucaristia podemos compreender o mandamento novo do amor, como defende o papa emérito Bento XVI, na sua encíclica *Deus caritas est*:

---

<sup>38</sup> P. CODA, *El ágape como gracia y libertad. En la raíz de la teología y la praxis de los cristianos*, Ciudad Nueva, Málaga, 1996, 116-117.

<sup>39</sup> Gal 5, 14.

<sup>40</sup> CODA, *El ágape como gracia y libertad*, 120.

<sup>41</sup> Jo 13, 34b.

«Jesus deu a este ato de oferta uma presença duradoura através da instituição da Eucaristia durante a Última Ceia. Antecipa a sua morte e ressurreição entregando-Se já naquela hora aos seus discípulos, no pão e no vinho, a Si próprio, ao seu corpo e sangue como novo maná. [...] A Eucaristia arrasta-nos no ato oblato de Jesus. Não é só de modo estático que recebemos o *Logos* encarnado, mas ficamos envolvidos na dinâmica da sua doação. A imagem do matrimónio entre Deus e Israel torna-se realidade de um modo anteriormente inconcebível: o que era um estar na presença de Deus torna-se agora, através da participação na doação de Jesus, comunhão no seu corpo e sangue, torna-se união. [...] A união com Cristo é, ao mesmo tempo, união com todos os outros aos quais Ele Se entrega. Eu não posso ter Cristo só para mim; posso pertencer-Lhe somente unido a todos aqueles que se tornaram ou tornarão Seus. A comunhão tira-me para fora de mim mesmo projetando-me para Ele e, deste modo, também para a união com todos os cristãos. Tornamo-nos “um só corpo”, fundidos todos numa única existência. O amor a Deus e o amor ao próximo estão agora verdadeiramente juntos: o Deus encarnado atrai-nos todos a Si.»<sup>42</sup>

Na primeira carta de João, o autor considera Deus como fonte da caridade sob três aspetos ou vias: (i) Deus é a luz, e se não queremos estar nas trevas, devemos viver em comunhão com Deus, o que quer dizer deixar-se iluminar pela luz dos mandamentos divinos, especialmente o mandamento novo do amor; (ii) Deus é Pai e nos deu o seu Filho como gesto e prova de amor, ele próprio modelo de caridade fraterna: «Foi com isto que ficámos a conhecer o amor: Ele, Jesus, deu a sua vida por nós; assim também nós devemos dar a vida pelos nossos irmãos.»<sup>43</sup>; e (iii) Deus é essencialmente amor. Do mesmo modo, o amor vem de Deus e faz de cada um filho de Deus, ou seja, o amor é um dom de Deus que torna quem nele crê participante, por filiação, da vida divina. Sem o amor, não conheceríamos a Deus, sendo ele o amor por essência<sup>44</sup>.

O autor da primeira carta de João estabelece uma ligação intrínseca entre o amor e a realidade cristológico-trinitária, porque quando diz que Deus é amor<sup>45</sup> também sublinha, em simultâneo, as suas consequências éticas e a realidade da graça e da verdade última do acontecimento de Cristo<sup>46</sup>. Se Deus é amor, então a sua essência mais íntima deve ser experimenta por analogia no amor humano, como resultado da adesão pela fé. Desta essência faz parte não somente dar algo ao outro, mas sobretudo comunicar-se a si mesmo,

---

<sup>42</sup> BENEDICTUS PP. XVI, *Deus caritas est*, 13-14, in *AAS* 98 (2006) 228-229.

<sup>43</sup> 1 Jo 3, 16.

<sup>44</sup> BROGLIE, «Charité», 518-521.

<sup>45</sup> 1 Jo 4, 8.

<sup>46</sup> CODA, *El ágape como gracia y libertad*, 51.

doar-se totalmente. No mistério do amor está implícito que só na unidade com o outro se pode alcançar a plenitude, uma unidade que elimina distâncias, mas respeita a diferença.

Como defende Walter Kasper<sup>47</sup>, Deus, enquanto afirmação trinitária, é um mesmo ser que se autocomunica e se doa a si mesmo; enquanto bem, Deus define-se por ser o que se comunica e doa a si mesmo; enquanto amor que emana de si mesmo, é uno e trino. Precisamente porque Deus é um amor em si que se autocomunica, pode ele comunicar-se também para fora como aquele que é desde sempre. Se Deus não fosse autocomunicação de si mesmo, a comunicação de si próprio para fora seria para ele um devir de si mesmo; então, Deus só chegaria a ser o que através da autorrevelação. Se assim fosse, a revelação não ser um acontecimento livre e gratuito, mas o necessário processo do devir de Deus.

O mesmo autor refere ainda que a autorrevelação de Deus só pode ser um dom livre e imerecido de amor, uma vez que Deus é em si mesmo amor. Desde modo, a natureza trinitária de Deus é o fundamento intrínseco da sua misericórdia; por outro lado, a sua misericórdia é revelação, como por espelho, da sua essência. No discurso da sua despedida, Jesus Cristo diz, de acordo com o relato do quarto evangelho, que: «se alguém me tem amor, há de guardar a minha palavra; e o meu Pai o amará, e Nós viremos a ele e nele faremos morada.»<sup>48</sup> Assim, conclui Walter Kasper, existe uma comunhão íntima entre o Pai e o Filho, e esta comunhão é para nós a máxima alegria e a perfeita realização de nós mesmos: «o que nós vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também vós estejais em comunhão connosco. E nós estamos em comunhão com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo.»<sup>49</sup>

Neste ponto, analisámos a natureza trinitária do amor, como fica patente na primeira carta de João, e a relação com a sua dimensão cristológica, uma vez que Jesus Cristo é a revelação de Deus, que é amor. Esta dimensão cristológica está especialmente descrita na passagem onde se lê: «Foi com isto que ficámos a conhecer o amor: Ele, Jesus, deu a sua vida por nós; assim também nós devemos dar a vida pelos nossos irmãos.»<sup>50</sup> Este “por nós” recorda um dos temas fundamentais da primeira carta de João: o amor cristão entre homens como irmãos nasce do amor com o qual fomos amados por Deus, em primeiro

---

<sup>47</sup> KASPER, *La misericordia*, 94-99.

<sup>48</sup> Jo 14, 23.

<sup>49</sup> 1 Jo 1, 3.

<sup>50</sup> 1 Jo 3, 16.

lugar. A expressão “deu a sua vida” faz referência à morte de Jesus Cristo na cruz, como dom, um ato totalmente livre e voluntário. Assim, a cruz de Cristo se assume como um acontecimento histórico que revela um mistério: é a manifestação do amor<sup>51</sup>.

### 1.3. A caridade no magistério da Igreja Católica

Depois de analisarmos os aspetos filológico e bíblico do conceito de caridade, passamos à reflexão no seio da comunidade cristã, concretamente no magistério da Igreja Católica, olhando, de forma sucinta e sucessivamente, ao pensamento patrístico, ao pensamento no II Concílio do Vaticano, depois ao magistério mais recente, sobretudo o papa emérito Bento XVI, e finalmente a sistematização da Doutrina Social da Igreja.

#### *a) a caridade na patrística*

A caridade é um dos temas fundamentais do pensamento patrístico, embora, à exceção de Agostinho de Hipona, dificilmente se encontre um tratado exclusivamente sobre o assunto. Aliás, de certo modo, é a reflexão de Agostinho que marca quase toda a patrística posterior nas suas referências à caridade. No *De Trinitate*, escreve que «se vês a caridade, vês a trindade»<sup>52</sup>, ou seja, na comunhão que se funda com a caridade entre os homens se vislumbra a caridade essencial à comunhão íntima da divina trindade.

De um modo geral, os Padres da Igreja tomam como ponto de partida que a caridade é um dom de Deus, e o outro é um irmão. Deste modo, os cristãos são chamados a praticar a caridade, não apenas de forma associativa (embora também o possam e devam fazer), mas como iniciativa pessoal e sinal íntimo de conversão<sup>53</sup>.

Um outro filão onde encontramos uma reflexão sobre a caridade na patrística é o que resulta dos comentários bíblicos, concretamente aquelas passagens, como vimos no ponto anterior, que se referem mais diretamente à caridade. Os Padres da Igreja sublinham o grave dever de praticar a caridade como virtude teologal, como no seguinte excerto de João Crisóstomo, dirigido aos ricos:

---

<sup>51</sup> CODA, *El ágape como gracia y libertad*, 55-56.

<sup>52</sup> AGOSTINHO DE HIPONA, *De Trinitate*, VIII, 8, 1, Paulinas, Coimbra, 2007, 287.

<sup>53</sup> P.A. ALVES, «Caridade como experiência na patrística», *Semanário Ecclesia* 1447 (2014) 21.

«Digo-o, não porque a riqueza seja um pecado; não, o pecado está em não a repartir com os pobres, em fazer mau uso dela. Nada do que Deus fez é mau; tudo é muito bom. Deste modo, as riquezas também são boas, desde que não dominem quem as possui e resolvam a pobreza do próximo [...]. O verdadeiro rico não procura apoderar-se do que lhe é alheio, mas antes socorrer os outros; o que procura apoderar-se do que é alheio já não é rico, esse é o verdadeiro pobre.»<sup>54</sup>

Também em Ambrósio de Milão, ao falar dos ricos e dos pobres, podemos encontrar uma referência a que a natureza, no nascimento e na morte, não faz aceção de pessoas<sup>55</sup>. É importante sublinhar que, nos primeiros séculos da Igreja, as primeiras comunidades debatem-se sobretudo com a sua própria estruturação interna. É neste contexto que surgem os textos patrísticos, especialmente dedicados a estimular a prática da caridade para com os irmãos mais pobres. O centro da reflexão é marcado pela preocupação em colocar os irmãos no mesmo patamar de dignidade, mais do que procurar uma mudança das estruturas sociais<sup>56</sup>.

Em jeito de síntese, olhando para o conjunto de toda a patrística, podemos enumerar algumas notas essenciais da caridade cristã. Desde logo, a distinção entre o amor a Deus e o amor ao próximo é que o motivo do primeiro é o amor a Deus por si mesmo, uma vez que Ele é o único que pode ser amado por si mesmo. Por outro lado, a caridade tem o traço distintivo de não procurar recompensa, tanto no que se refere a Deus como ao próximo: amar a Deus por si mesmo encoraja-nos a amar a Deus não pela recompensa que possamos obter, mas somente para agradar a Deus. Neste ponto, os Padres da Igreja em geral dividem a vida espiritual em três etapas no que se refere ao amor a Deus: o temor, a esperança e a caridade, consoante a virtude dominante na relação. Em qualquer uma destas etapas é possível amar a Deus, em gratuidade, ou seja, não pelos dons obtidos, mas por si mesmo. De certa forma, a caridade é desinteressada porque se assume a si mesma como a recompensa, isto é, a união com Deus, que é o que permite a caridade em si. Esta é a própria essência do amor que tende a união com Deus<sup>57</sup>.

---

<sup>54</sup> JOÃO CRISÓSTOMO, *Homilia XIII sobre a Carta aos Coríntios*, PG, 61, 113.

<sup>55</sup> AMBRÓSIO DE MILÃO, *Livro sobre Nabot de Jesrael*, PL, 14, 767.

<sup>56</sup> ALVES, «Caridade como experiência na patrística», 24.

<sup>57</sup> BROGLIE, «Charité», 533-542.



*b) a caridade no II Concílio do Vaticano: a Igreja como ecclesia caritatis*

Damos agora um salto de muitos séculos, porque em virtude da brevidade do nosso trabalho, não nos podemos demorar em cada etapa histórica do pensamento teológico. Assim, depois das referências filológica, bíblica e patrística, que são fontes fundamentais do pensamento teológico, avançamos diretamente para o pensamento contemporâneo, assumindo como marco referencial da teologia contemporânea o evento incontornável do II Concílio do Vaticano (1962-1965).

O II Concílio do Vaticano colocou com grande insistência a caridade no centro das reflexões teológicas e da consciência cristã. Assim, pela primeira vez na história do magistério conciliar, há uma referência à ação caritativa da Igreja e dos fiéis, e não só da caridade como virtude teologal, digamos, no foro pessoal<sup>58</sup>. A *ecclesia caritatis* é um dos temas centrais da constituição dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, onde se diz que «a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano»<sup>59</sup>. Quer isto dizer que a presença de Cristo na sua Igreja não significa apenas que Cristo continua a viver através da sua Igreja mas também que continua a *amar* através dela. Uma vez que todos os cristãos são membros deste corpo sacramental, formando conjuntamente a Igreja, então o corpo inteiro de Cristo, em cada um dos seus membros, deve atualizar esta realidade, concretamente no amor praticado<sup>60</sup>. A constituição pastoral sobre a Igreja no mundo atual, a *Gaudium et Spes*, corrobora precisamente esta necessária coerência<sup>61</sup>.

---

<sup>58</sup> REISH, «Caridad», 660-661.

<sup>59</sup> SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Constitutio Dogmatica de Ecclesia (Lumen Gentium)*, 1, in *AAS* 57 (1965) 5.

<sup>60</sup> REISH, «Caridad», 661.

<sup>61</sup> «É necessário, portanto, tornar acessíveis ao homem todas as coisas de que necessita para levar uma vida verdadeiramente humana: alimento, vestuário, casa, direito de escolher livremente o estado de vida e de constituir família, direito à educação, ao trabalho, à boa fama, ao respeito, à conveniente informação, direito de agir segundo as normas da própria consciência, direito à proteção da sua vida e à justa liberdade mesmo em matéria religiosa. A ordem social e o seu progresso devem, pois, reverter sempre em bem das pessoas, já que a ordem das coisas deve estar subordinada à ordem das pessoas e não ao contrário; foi o próprio Senhor quem o insinuou ao dizer que o sábado fora feito para o homem, não o homem para o sábado [...]. Para o conseguir, será necessária a renovação da mentalidade e a introdução de amplas reformas sociais.» SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Constitutio pastoralis de Ecclesia in Mundo huius temporis (Gaudium et Spes)*, 26, in *AAS* 58 (1966) 1046-1047.

*c) o magistério mais recente e a prática das obras de misericórdia*

O amor não é apenas um sentimento, mas vai mais além; o mandamento do amor «consiste precisamente no facto de que eu amo, em Deus e com Deus, a pessoa que não me agrada ou que nem conheço sequer. Isto só é possível realizar-se a partir do encontro íntimo com Deus, um encontro que se tornou comunhão de vontade, chegando mesmo a tocar o sentimento.»<sup>62</sup> Se a eucaristia é o sacramento da caridade que nos mostra o amor de Deus por cada pessoa, não podemos ficar inativos perante a indigência do ser humano e a crescente desigualdade entre ricos e pobres. Assim, é dever do cristão estar atento à indigência da humanidade e, em conjunto, trabalhar na edificação da civilização do amor, sendo que a união com Cristo, que se realiza no sacramento, nos une numa relação mística com toda a humanidade à qual Cristo se entrega<sup>63</sup>.

A caridade para com o próximo, porém, não se refere apenas ao auxílio material; na verdade, podemos distinguir várias formas de exercer a caridade para com o próximo. O primeiro ato de caridade a que a Igreja é chamada é o anúncio do *kerygma*, da boa nova do evangelho: Deus ama a todos, sem distinção. Assim, a Igreja tem por missão primordial a evangelização, em todos os momentos da História e em todos os lugares do mundo. A evangelização tem diversos destinatários, mas os privilegiados são os pobres, como já podíamos encontrar no livro da profecia de Isaías:

«O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, por que o Senhor me ungiu: enviou-me para levar a boa-nova aos que sofrem, para curar os desesperados, para anunciar a libertação dos exilados e a liberdade aos prisioneiros; para proclamar um ano da graça do Senhor, o dia da vingança da parte do nosso Deus; para consolar os tristes»<sup>64</sup>

Esta missão evangelizadora, como primeiro ato de caridade, é realizada pela Igreja em todos e cada um dos seus membros, individual e comunitariamente, seja através da catequese, ou da liturgia, ou do serviço caritativo<sup>65</sup>. Assim, os cristãos são chamados a dar testemunho da caridade em Igreja, que deriva da caridade do próprio Cristo, como co-

---

<sup>62</sup> BENEDICTUS PP. XVI, *Deus caritas est*, 18, in *AAS* 98 (2006) 232.

<sup>63</sup> BENEDICTUS PP. XVI, *Sacramentum caritatis*, 89-90, in *AAS* 99 (2007) 173-175.

<sup>64</sup> Is 61, 1-2.

<sup>65</sup> D. ESTÉBANEZ, «Cáritas», in V.M. PEDROSA [et al.] (ed.), *Diccionario de Pastoral y Evangelización*, Monte Carmelo, Burgos, 2000, 143.

munidade de amor<sup>66</sup>; uma das expressões desse amor em Igreja é a prática das designadas obras de misericórdia, espirituais<sup>67</sup> e corporais<sup>68</sup>, que têm uma importância capital na espiritualidade e na pastoral cristãs, como recordou o recente Jubileu Extraordinário da Misericórdia, convocado pelo Papa Francisco entre dezembro de 2016 e novembro de 2017.

As duas primeiras obras de misericórdia espirituais – dar bons conselhos e ensinar os ignorantes – estão interligadas. Acerca delas, escreve o Papa Francisco:

«A palavra ignorante é demasiado forte, mas quer dizer aqueles que não sabem algo e aos quais se deve ensinar. São obras que se podem viver quer numa dimensão simples, familiar, ao alcance de todos, quer – especialmente a segunda, a de ensinar – num plano mais institucional, organizado. Pensemos, por exemplo, em quantas crianças sofrem ainda de analfabetismo. Não se pode compreender isto: num mundo onde o progresso técnico-científico chegou a um patamar tão alto, há crianças analfabetas! É uma injustiça.»<sup>69</sup>

Do mesmo modo, corrigir os que erram (terceira obra de misericórdia espiritual) é uma obra de caridade, dando seguimento ao ensinamento do evangelho segundo Mateus, onde se diz que: «se o teu irmão pecar, vai ter com ele e repreendo-a a sós»<sup>70</sup>. De facto, exige uma correlação muito forte entre caridade e amor, como fez questão de destacar o papa emérito Bento XVI na sua encíclica *Caritas in veritate*; dentre várias passagens podemos destacar: «sem a verdade, a caridade cai no sentimentalismo.»<sup>71</sup> Por outro lado, consolar os tristes (quarta obra de misericórdia espiritual) é participar na própria missão messiânica de Jesus Cristo, que veio cumprir e assumir sobre si a missão anunciada pelos profetas e que por sua vez, depois da ressurreição, envia aos que nele creem o Espírito Santo que é, entre outros atributos, o espírito consolador, que consola e nos leva a consolar os outros, mormente os aflitos e os tristes.

---

<sup>66</sup> C. FLORISTÁN, «Cáritas», in C. FLORISTÁN; J.J. TAMAYO (ed.), *Diccionario Abreviado de Pastoral*, Verbo Divino, Navarra, 1988, 65.

<sup>67</sup> As obras de misericórdia espirituais são em número de sete: i) dar bons conselhos; ii) ensinar os ignorantes; iii) corrigir os que erram; iv) consolar os tristes; v) perdoar as injúrias; vi) suportar com paciência as fraquezas do nosso próximo; e vii) rezar a Deus por vivos e defuntos.

<sup>68</sup> As obras de misericórdia corporais são também em número de sete: i) dar de comer a quem tem fome; ii) dar de beber a quem tem sede; iii) vestir os nus; iv) dar pousada aos peregrinos; v) visitar os enfermos; vi) visitar os presos; e vii) enterrar os mortos.

<sup>69</sup> FRANCISCUS PP., Audiência geral, 23 de novembro de 2016: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco\\_20161123\\_udienza-generale.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20161123_udienza-generale.html)

<sup>70</sup> Mt 18, 15.

<sup>71</sup> BENEDICTUS PP. XVI, *Litterae Encyclicae [...] de humana integra progressionem in caritate veritateque (Caritas in Veritate)*, 3, in *AAS* 101 (2009) 642-643.

«Bendito seja Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e o Deus de toda a consolação! Ele nos consola em toda a nossa tribulação, para que também nós possamos consolar aqueles que estão em qualquer tribulação, mediante a consolação que nós mesmos recebemos de Deus.»<sup>72</sup>

De igual forma, perdoar as injúrias (quinta obra de misericórdia espiritual) é seguir o exemplo de Cristo, que não respondeu ao mal com o mal, mas do alto da cruz clamou por perdão a todos os que o ofendiam<sup>73</sup>. E em conexão com esta obra de misericórdia surge também suportar com paciência as fraquezas do nosso próximo (sexta obra de misericórdia espiritual), como é recomendado na Carta aos Romanos<sup>74</sup>.

O papa emérito Bento XVI sublinhava, na sua encíclica *Caritas in veritate*, a íntima associação entre as obras de misericórdia corporais e espirituais, advertindo que não se devem privilegiar umas em detrimento das outras, mas mutuamente se enriquecem e edificam na expressão da verdadeira caridade cristã:

«Uma das pobreza mais profundas que o homem pode experimentar é a solidão. Vistas bem as coisas, as outras pobreza, incluindo a material, também nascem do isolamento, de não ser amado ou da dificuldade de amar. As pobreza frequentemente nascem da recusa do amor de Deus, de uma originária e trágica reclusão do homem em si próprio...»<sup>75</sup>

No que se refere às obras corporais de misericórdia, é a própria essência da caridade como dom de Deus que produz em nós a capacidade de amar o próximo desse modo, pois como afirma a Carta de Tiago:

«De que aproveita, irmãos, que alguém diga que tem fé, se não tiver obras de fé? Acaso essa fé poderá salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e precisarem de alimento quotidiano, e um de vós lhes disser: “Ide em paz, tratai de vos aquecer e de matar a fome”, mas não lhes dais o que é necessário ao corpo, de que lhes aproveitará? Assim também com a fé: se ela não tiver obras, está completamente morta.»<sup>76</sup>

---

<sup>72</sup> 2 Cor 1, 3-4.

<sup>73</sup> Cf. Lc 23, 34.

<sup>74</sup> «Nós, os fortes, temos o dever de carregar com as fraquezas dos que são débeis e não procurar aquilo que nos agrada. Procure cada um de nós agradar ao próximo no bem, em ordem à construção da comunidade. Pois também Cristo não procurou o que lhe agradava; ao contrário, como está escrito, “os insultos daqueles que te insultavam caíram sobre mim”.» Rom 15, 1-3.

<sup>75</sup> BENEDICTUS PP. XVI, *Caritas in Veritate*, 53, in AAS 101 (2009) 688-689.

<sup>76</sup> Tg 3, 14-17.

As primeiras duas obras de misericórdia corporais – dar de comer a quem tem fome e dar de beber a quem tem sede – estão interligadas e a tradição bíblica sempre deu, como já vimos, grande importância a este preceito que, porém, atingirá a plenitude da sua novidade em Jesus Cristo<sup>77</sup>. Sobre a preocupação central da Igreja, desde os primeiros séculos, pela assistência aos famintos e sedentos, e o imperativo ético que, nestes domínios, recai sobre cada cristão e a comunidade em geral, refere o papa Bento XVI:

«Dar de comer aos famintos é um imperativo ético para toda a Igreja, que é resposta aos ensinamentos de solidariedade e partilha do seu Fundador, o Senhor Jesus. Além disso, eliminar a fome no mundo tornou-se, na era da globalização, também um objetivo a alcançar para preservar a paz e a subsistência da terra. [...] Os direitos à alimentação e à água revestem um papel importante para a consecução de outros direitos, a começar pelo direito primário à vida. Por isso, é necessária a maturação duma consciência solidária que considere a alimentação e o acesso à água como direitos universais de todos os seres humanos, sem distinções nem discriminações.»<sup>78</sup>

As obras de misericórdia, expressão da caridade, são uma consequência direta da pertença do cristão ao corpo místico de Cristo, a sua Igreja, a partir da qual reconhecemos no outro um irmão e membro da nossa mesma família humana. O cristão reconhece no próximo uma pessoa amada por Deus e por quem Cristo também se entregou na cruz.

Se as seis primeiras obras de misericórdia corporais surgem praticamente decalcadas da passagem, já aqui referida, do capítulo 25 do evangelho segundo São Mateus<sup>79</sup>, a sétima e última delas – enterrar os mortos – é a única obra de misericórdia que não consta nos textos evangélicos. Todavia, devemos recordar que era já gesto louvável no judaísmo, uma vez que implicava a exposição à impureza e, por isso, muitos rejeitavam assumir essa responsabilidade e a delegavam em pessoas inferiores ou rejeitados pela sociedade. É célebre o episódio narrado no livro de Tobias: «Por isso, sabeis que enquanto oravas, tu e a tua nora Sara, eu apresentava as vossas orações diante da glória do Senhor. Da mesma forma, enquanto enterravas os mortos, eu também estava contigo.»<sup>80</sup>

Em síntese, o amor ao próximo, assim como o amor em geral, provém de Deus, é um dom gratuito que dele brota e que encontra a sua fonte no amor de Deus pela humani-

---

<sup>77</sup> Cf. Mt 25, 37-40.

<sup>78</sup> BENEDICTUS PP. XVI, *Caritas in Veritate*, 27, in *AAS* 101 (2009) 661.

<sup>79</sup> «Vinde benditos de meu Pai! [...] Porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era peregrino e recolhestes-me, estava nu e destes-me que vestir, adoeci e visitastes-me, estive na prisão e fostes ter comigo.» Mt 25, 34-36. Para o contexto desta passagem, cf. Mt 25, 31-46.

<sup>80</sup> Tb 12, 12.

dade. Pois Deus entregou-se gratuitamente a si mesmo na cruz pelos homens, sem olhar aos seus merecimentos: «mas é assim que Deus demonstra o seu amor para conosco: quando ainda éramos pecadores é que Cristo morreu por nós.»<sup>81</sup> Trata-se este de um amor oblato e gratuito. Assim, o amor cristão pelo próximo encontra o seu ser e a sua força no amor de Deus. A caridade é dom de Deus: «Nós amamos, porque ele nos amou primeiro. Se alguém disser: “Eu amo a Deus”, mas tiver ódio ao seu irmão, esse é um mentiroso; porque aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê.»<sup>82</sup>

A caridade para com o próximo é um amor que faz sair de si mesmo para doar-se inteiramente ao outro, na plena gratuidade. O homem, pelo pecado original, está fechado em si mesmo, de tal modo que podemos afirmar que, ignorar a natureza ferida do homem, por si mesmo inclinada para o mal, pode dar lugar a erros em diversos campos da vida humana, como sejam a educação, a política, a ação social, a ética, etc. Todavia, a ótica da fé torna presente o auxílio da graça que torna possível o dom de si mesmo na caridade, como, «porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.»<sup>83</sup> Deste modo, os homens, pelo dom do amor de Deus, «são constituídos sujeitos de caridade, chamados a fazerem-se eles mesmos instrumentos da graça, para difundir a caridade de Deus e tecer redes de caridade.»<sup>84</sup>

#### *d) a caridade na Doutrina Social da Igreja*

Um dos principais campos do magistério da Igreja Católica que procura refletir e dar uma resposta de sentido cristão a este domínio da caridade, entendido como amor de Deus recebido e dado, é precisamente o da designada Doutrina ou Ensino Social da Igreja, sobretudo nas chamadas encíclicas (e outros documentos) sociais.

---

<sup>81</sup> Rom 5, 8.

<sup>82</sup> 1 Jo 4, 19-20.

<sup>83</sup> Rom 5, 5.

<sup>84</sup> BENEDICTUS PP. XVI, *Caritas in Veritate*, 5, in *AAS* 101 (2009) 643.

Um desses documentos mais recentes, e também de maior incidência na temática que estamos a abordar é justamente a encíclica do papa Bento XVI sobre a caridade na verdade, *Caritas in veritate*, publicada em 2009. Entre outros assuntos que aborda, dá uma ênfase particular ao impulso que a Igreja, nos seus ensinamentos e na sua ação, sempre deu no domínio da transformação social:

«A esta dinâmica de caridade recebida e dada, propõe-se dar resposta a doutrina social da Igreja. Tal doutrina é “*caritas in veritate in re sociali*», ou seja, proclamação da verdade do amor de Cristo na sociedade; é serviço da caridade, mas na verdade. Esta preserva e exprime a força libertadora da caridade nas vicissitudes sempre novas da história. É ao mesmo tempo verdade da fé e da razão, na distinção e, conjuntamente, sinergia destes dois âmbitos cognitivos. O desenvolvimento, o bem-estar social, uma solução adequada dos graves problemas socioeconómicos que afligem a humanidade precisam desta verdade. Mais ainda, necessitam que tal verdade seja amada e testemunhada.»<sup>85</sup>

Já desde longa data que o imperativo de ajudar a construir um mundo melhor e de responder aos anseios do homem pela paz, a segurança e a subsistência foi uma das preocupações centrais da Doutrina Social da Igreja. Se não formos antes, pelo menos na importante encíclica *Populorum Progressio*, sobre o desenvolvimento dos povos, publicada pelo papa Paulo VI em 26 de março de 1967, encontramos que:

«Fiel ao ensino e exemplo do seu divino Fundador, que dava como sinal da sua missão o anúncio da Boa Nova aos pobres, a Igreja nunca descurou a promoção humana dos povos aos quais levava a fé em Cristo. Os seus missionários construíram, não só igrejas, mas também asilos e hospitais, escolas e universidades. [...] Sem dúvida que a sua obra, pelo que tinha de humano, não foi perfeita e alguns misturaram por vezes a maneira de pensar e de viver do seu país de origem, com a pregação da autêntica mensagem evangélica. Mas também souberam cultivar e promover as instituições locais. [...] Sentimo-nos na obrigação de prestar homenagem a estes precursores, tantas vezes ignorados, a quem a caridade de Cristo impelia, assim como aos seus êmulos e sucessores, que ainda hoje continuam a servir generosa e desinteressadamente aqueles que evangelizam.»<sup>86</sup>

A Igreja Católica tem vindo a ensinar e a apelar para o necessário e urgente dever de promover o desenvolvimento dos indivíduos e dos povos e para a prática da caridade. Entre os vários documentos publicados e os que já foram citados anteriormente, é possível elencar aqui alguns dos textos mais importantes da Igreja que têm vindo a inspirar e guiar

---

<sup>85</sup> BENEDICTUS PP. XVI, *Caritas in Veritate*, 5, in *AAS* 101 (2009) 643.

<sup>86</sup> PAULUS PP. VI, *Litterae Encyclicae [...] de populorum progressionem promovenda (Populorum Progressio)*, 12, in *AAS* 59 (1967) 263.

na prática da caridade, como vínculo íntimo com a fé professada em Jesus Cristo, como tão bem explicavam as palavras iniciais do texto conciliar da *Gaudium et Spes*:

«As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração.»<sup>87</sup>

Esses documentos são a base de atividades caritativas e de organizações da Igreja Católica, como seja o caso mais paradigmático da *Caritas*. Vejamos, agora de seguida, algumas das passagens mais relevantes desses documentos, em torno dos conceitos-chave da Doutrina Social da Igreja.

O primeiro desses conceitos é a *promoção do desenvolvimento humano integral*, ao qual a Igreja se dedica e procura promover em todos os campos, considerando-o verdadeiramente como uma vocação, ou seja, como parte integrante do projeto de Deus para o homem, para todos os homens, independentemente da sua condição religiosa ou qualquer outra condição. Sobre isso, escreveu o papa Bento XVI, ainda na *Caritas in veritate*, retomando a encíclica *Populorum progressio*, já referida, de Paulo VI:

«Além de requerer a liberdade, o *desenvolvimento humano integral enquanto vocação exige também que se respeite a sua verdade*. A vocação ao progresso impele os homens a “realizar, conhecer e possuir mais, para ser mais”. Mas aqui levanta-se o problema: que significa “ser mais”? A tal pergunta responde Paulo VI indicando a característica essencial do “desenvolvimento autêntico”: este “deve ser integral, quer dizer, promover todos os homens e o homem todo”. Na concorrência entre as várias concepções do homem, presentes na sociedade atual ainda mais intensamente do que na de Paulo VI, a visão cristã tem a peculiaridade de afirmar e justificar o valor incondicional da pessoa humana e o sentido do seu crescimento. A vocação cristã ao desenvolvimento ajuda a empenhar-se na promoção de todos os homens e do homem todo.»<sup>88</sup>

Esta posição parte da reflexão teológica prévia que conduziu a uma revisão do próprio conceito de desenvolvimento, já não entendido numa linha puramente económica, como aumento de riqueza, mas num sentido mais abrangente. Esta intuição, que tem já raízes profundas na Doutrina Social da Igreja, surge explicitada na encíclica do papa João Paulo II, *Sollicitudo Rei Socialis*, de 1987:

---

<sup>87</sup> CONCILIIUM VATICANUM II, *Gaudium et Spes*, 1, in AAS 58 (1966) 1025.

<sup>88</sup> BENEDICTUS PP. XVI, *Caritas in Veritate*, 18, in AAS 101 (2009) 653-654.



«Ao mesmo tempo, também entrou em crise a própria concepção “económica” ou “economicista”, ligada à palavra desenvolvimento. Hoje, de facto, compreende-se melhor que a *mera acumulação* de bens e de serviços, mesmo em benefício da maioria, não basta para realizar a felicidade humana. E, por conseguinte, também a disponibilidade dos múltiplos *benefícios reais*, trazidos nos últimos tempos pela ciência e pela técnica, incluindo a informática, não comporta a libertação de toda e qualquer forma de escravidão.»<sup>89</sup>

A Igreja ensina que o desenvolvimento e a promoção humana são integrais, isto é, não se limitam apenas ao desenvolvimento económico, mas devem englobar todos os aspetos da vida humana: moral, cultural, espiritual, política, física e mental. A promoção é de todos os homens, sem discriminação, como declarou o papa Paulo VI: «o que conta para nós é o homem, cada homem, cada grupo de homens, até se chegar à humanidade inteira.»<sup>90</sup> A caridade não se pode limitar a um só aspeto da vida da pessoa, seja económico ou outro, pois amar o próximo é amá-lo na sua totalidade enquanto pessoa. Deste modo, a caridade para com o próximo deve envolver todos os aspetos da sua vida material e espiritual.

Um segundo conceito-chave é o da *dignidade* da pessoa humana, baseado, numa perspetiva teológica, no facto de o homem ser criado à imagem e semelhança de Deus. A partir deste premissa, a vida humana torna-se sagrada e cada ser humano deve ser tratado com respeito e a sua dignidade deve ser salvaguardada. Entre diversos fatores que concorrem para essa salvaguarda, está a garantia dos direitos humanos, desde logo os mais básicos, como a alimentação. Sobre isso, escrevia já o papa João XIII, na sua encíclica *Pacem in Terris*, a primeira que não foi dirigida aos católicos em particular, mas a todos os homens de boa vontade, no ano de 1963, sobre a paz de todos os povos:

«E se contemplarmos a dignidade da pessoa humana à luz das verdades reveladas, não poderemos deixar de tê-la em estima incomparavelmente maior. Trata-se, com efeito, de pessoas remidas pelo Sangue de Cristo, as quais com a graça se tornaram filhas e amigas de Deus, herdeiras da glória eterna.»<sup>91</sup>

---

<sup>89</sup> IOANNES PAULUS PP. II, *Litterae Encyclicae* [...] *vicesimo expleto anno ab editis Litteris Encyclicis a verbis “Populorum progressio” incipientibus (Sollicitudo rei socialis)*, 28, in *AAS* 80 (1988) 549.

<sup>90</sup> PAULUS PP. VI, *Populorum Progressio*, 15, in *AAS* 59 (1967) 264.

<sup>91</sup> IOANNES PP. XXIII, *Litterae encyclicae* [...] *de pace omnium gentium in veritate, iustitia, caritate, libertate constituenda (Pacem in terris)*, 10, in *AAS* 55 (1963) 259.

Assim, a dignidade do homem leva sempre, segundo o papa João XXIII, a que este tenha alguns direitos fundamentais que procedem da sua própria natureza: direito à existência e a um modo de vida digno; direitos morais e culturais (boa fama, liberdade na procura da verdade, liberdade de manifestação e difusão de pensamento, direito à informação fidedigna, direito a uma instrução de base); direitos relacionados com a liberdade e expressão religiosa; direito à eleição do próprio estado de vida; direitos económicos e políticos (como à emigração, p.ex.), direito de reunião e associação, entre outros<sup>92</sup>. Todavia, do mesmo modo que da sua dignidade derivam estes direitos, também resultam alguns deveres fundamentais intimamente conexos com aqueles direitos. «Assim, por exemplo, o direito à existência liga-se ao dever de conservar-se em vida, o direito a um condigno teor de vida, à obrigação de viver dignamente, o direito de investigar livremente a verdade, ao dever de buscar um conhecimento da verdade cada vez mais vasto e profundo.»<sup>93</sup>

A caridade para com o próximo manifesta-se também na *solidariedade*, a qual representa o laço que une todos os homens, constituindo-os membros de uma só e mesma família. A este propósito recordava o papa João Paulo II, na já referida encíclica *Sollicitudo rei socialis*, que a firme convicção de que estamos todos implicados nos problemas sociais deve induzir a uma atitude de disponibilidade em prol do bem comum:

«...é a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum; ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos. Esta determinação está fundada na firme convicção de que as causas que entravam o desenvolvimento integral são aquela avidez do lucro e aquela sede do poder de que se falou. Estas atitudes e estas «estruturas de pecado» só poderão ser vencidas — pressupondo o auxílio da graça divina — com uma atitude diametralmente oposta: a aplicação em prol do bem do próximo, com a disponibilidade, em sentido evangélico, para «perder-se» em benefício do próximo em vez de o explorar, e para «servi-lo» em vez de o oprimir para proveito próprio.»<sup>94</sup>

Em relação ao *bem comum* que a solidariedade visa promover, a Igreja tem vindo a ensinar como esse é um dos cuidados centrais da participação do homem na vida social, procurando antepor o interesse comum ao interesse próprio, na medida em que «cada um deve considerar o próximo, sem exceção, como um “outro eu”, tendo em conta, antes de mais, a sua vida e os meios necessários para a levar dignamente, não imitando aquele

---

<sup>92</sup> Cf. IOANNES PP. XXIII, *Pacem in terris*, 11-27, in *AAS* 55 (1963) 259-261.

<sup>93</sup> IOANNES PP. XXIII, *Pacem in terris*, 29, in *AAS* 55 (1963) 262.

<sup>94</sup> IOANNES PAULUS PP. II, *Sollicitudo rei socialis*, 38, in *AAS* 80 (1988) 564-566.

homem rico que não deu qualquer importância ao pobre Lázaro.»<sup>95</sup> Daí que o conceito de bem comum se possa definir, sinteticamente, como «o conjunto de condições sociais que permitem e favorecem nos homens o desenvolvimento integral da personalidade»<sup>96</sup>, atendendo não apenas às suas necessidades corporais como também às espirituais.

Umas das expressões mais relevantes da disponibilidade para a promoção do bem comum é a solicitude na *ajuda aos pobres*. De facto, ao falar-nos acerca da caridade, os evangelhos são perentórios em dar prioridade aos pobres e à sua delicada situação no seio das nossas sociedades<sup>97</sup>. De facto, um princípio moral básico para avaliar uma sociedade que se considera justa é através do modo como trata os seus membros mais vulneráveis, cujas necessidades devem vir em primeiro lugar.

Nos dias de hoje, o seio das questões sociais, nomeadamente o cuidado pelos mais vulneráveis, expandiu-se em direção a outros aspetos dessas mesmas questões, nomeadamente alargando-se à *ecologia*, que inclui a solicitude pelas gerações vindouras:

«a existência humana baseia-se em três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra. Segundo a Bíblia, estas três relações vitais romperam-se não só exteriormente, mas também dentro de nós. Esta rutura é o pecado. A harmonia entre o Criador, a humanidade e toda a criação foi destruída por termos pretendido ocupar o lugar de Deus, recusando reconhecer-nos como criaturas limitadas.»<sup>98</sup>

De facto, o amor pela criação é uma manifestação não só do amor de Deus, mas do amor para com Deus, uma vez que a criação, numa ótica cristã, é obra das mãos de Deus e, portanto, cumpre ao ser humano o grave dever de cuidar, zelar e desenvolver a terra de tal modo que, também esta, cumpra o seu desígnio<sup>99</sup>. A promessa feita ao homem por Deus de que este deveria submeter a terra deve ser entendido não numa interpretação egoísta e gananciosa, mas «no sentido de um administrador responsável»<sup>100</sup>.

---

<sup>95</sup> CONCILIUM VATICANUM II, *Guadium et Spes*, 27, in *AAS* 58 (1966) 1047-1048.

<sup>96</sup> IOANNES PP. XXIII, *Litterae encyclicae [...] de recentioribus rerum socialium processibus ad christiana praecepta componendis (Mater et Magistra)*, 65, in *AAS* 53 (1961) 415.

<sup>97</sup> IOANNES PP. XXIII, *Pacem in terris*, 57, in *AAS* 55 (1963) 273.

<sup>98</sup> FRANCISCUS PP., *Litterae Encyclicae de Communi Domo Colenda (Laudato Si')*, 66, in *AAS* 107 (2015) 873.

<sup>99</sup> IOANNES PP. XXIII, *Litterae encyclicae [...] Pontificali eius Ministerio ineunte (Redemptor hominis)*, 15, in *AAS* 71 (1979) 286-287.

<sup>100</sup> FRANCISCUS PP., *Laudato Si'*, 116, in *AAS* 107 (2015) 894.

Já no II Concílio do Vaticano, embora não estivesse presente explicitamente a preocupação ecológica, o tema da caridade foi abordado tendo em vista a preocupação e o cuidado pela criação como, por exemplo, vemos refletido na redação da constituição *Gaudium et Spes*: «Deus destinou a terra com tudo o que ela contém para uso de todos os homens e povos; de modo que os bens criados devem chegar equitativamente às mãos de todos, segundo a justiça, secundada pela caridade.»<sup>101</sup> Esta caridade não se limita apenas à preocupação com o facto de os recursos naturais não virem, um dia, a chegar para todos com a abundância desejado, mas antes e sobretudo com a preservação e o cuidado da natureza tendo em vista a subsistência e as exigências das gerações vindouras, como continua o mesmo número do documento: «Todos [...] têm de [...] prever o futuro e garantir um sã equilíbrio entre as necessidades do consumo hodierno, individual e coletivo, e as exigências de investimentos para a geração futura.»<sup>102</sup>

Por fim, embora não o menos importante, o mandamento da caridade tem como uma das suas consequências mais básicas e uma das suas manifestações mais coerentes a *construção da paz*, de acordo com as bem-aventuranças evangélicas. A paz não pode ser encarada apenas como a ausência de atos bélicos, mas como uma ação positiva, uma verdadeira construção, que conduz os homens a uma convivência harmoniosa e fecunda, e a uma comunhão recíproca de aspirações e valores. Precisamente nesse sentido, declarava o papa João Paulo II numa mensagem para o Dia Mundial da Paz de 1987: «os nossos laços comuns de humanidade exigem que vivamos em harmonia e promovamos o que é bom uns para os outros. Essas implicações éticas são a razão pela qual a solidariedade é a chave básica da paz.»<sup>103</sup>

#### 1.4. Aspetos teológicos sistemáticos do conceito de caridade

Depois de percorrermos, ainda que de forma muito sumária, as grandes coordenadas do conceito de caridade – no seio da filologia e das línguas antigas, na sagrada escritura e no magistério da Igreja – devemos agora pontualizar alguns aspetos sistemáticos de síntese sobre esse mesmo conceito de caridade.

---

<sup>101</sup> CONCILIUM VATICANUM II, *Guadium et Spes*, 69, in *AAS* 58 (1966) 1090-1092.

<sup>102</sup> *Ibidem*, 70, in *AAS* 58 (1966) 1092.

<sup>103</sup> IOANNES PAULUS PP. II, *Nuntius Scripto Datus Ob diem Paci fovendae dicatum (Sviluppo e solidarietà: due chiavi per la Pace)*, 7, in *AAS* 79 (1987) 52.

*a) o Filho de Deus é a revelação do amor do Pai*

O dado teológico fundamental da caridade, numa perspectiva cristã, é que é o próprio Jesus Cristo a manifestação ou revelação plena da caridade de Deus: «o amor de Deus manifestou-se desta forma no meio de nós: Deus enviou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que, por Ele, tenhamos a vida.»<sup>104</sup> A revelação do amor de Deus em Cristo é, ao mesmo tempo, a manifestação do amor do Filho pelo Pai, como também do amor de Deus pelos homens; por sua vez, é desse amor de Deus que nasce o amor do homem por Deus e pelo próximo, sendo que entre estes últimos dois há uma relação de antecedência do primeiro em relação ao segundo: o amor ao próximo é consequência do amor a Deus.

«A natureza da caridade que devemos ter para com Deus exige que tanto o amor ao próximo como o amor que temos por nós mesmos sejam subordinados ao nosso amor a Deus, dependentes dele e se tornem com ele um amor apenas.»<sup>105</sup>

Numa perspectiva cristã, poderemos dizer que o amor ao próximo que não brota do amor de Deus dificilmente se distingue da filantropia ou da beneficência.

«A caridade cristã [distingue-se] da filantropia do humanismo gentílico ou da benevolência das grandes religiões não-cristãs – sobretudo do budismo, que se destaca entre elas pelos seus elevados ensinamentos sobre o amor – poderíamos dizer que a sua característica distintiva é Cristo. É Ele a sua fonte, o seu centro e o seu fim [...]. Ora, justamente da riqueza da caridade que é Cristo e que está em Cristo brotam peculiaridades específicas da caridade cristã.»<sup>106</sup>

A característica distintiva do amor cristão, face à filantropia e à benevolência, que encontramos noutros referenciais religiosos e filosóficos, é precisamente Jesus Cristo, incarnação de Deus, incarnação, portanto, do próprio amor, assumindo-se não apenas como um modelo de amor, mas como condição de possibilidade, mediante a fé, de um “outro” amor, do verdadeiro e pleno amor. Jesus Cristo, tomado como esse ponto de partida irrenunciável de uma perspectiva cristã da caridade, imprime características próprias à caridade, como as que veremos de seguida.

---

<sup>104</sup> 1 Jo 4, 9.

<sup>105</sup> BROGLIE, «Charité», 532.

<sup>106</sup> SBAFFI, «Caridade», 83-85.

*b) a relação entre a caridade e as outras virtudes teologais*

A caridade tem uma relação própria com as outras virtudes teologais – a esperança e a fé – sendo que a fé é o seu fundamento e a esperança a sua antecipação, «mas a maior delas é o amor»<sup>107</sup>. As três virtudes teologais precedem de Deus e Ele é o seu fundamento.

A caridade tem uma relação própria com a fé. De facto, se entendermos a fé como uma entrega pessoal e total a Deus, e se compreendermos a caridade como o amor do homem a Deus como resposta ao amor primeiro de Deus pelo homem, então a fé e a caridade são intercambiáveis, visto que ambas explicitam uma relação de plenitude entre Deus e o homem. A fé é a resposta e a adesão ao Deus que se revela a si mesmo, e a caridade é a plenitude do vínculo gerado por essa relação. Desde modo, a fé, a esperança e a caridade formam uma tríade da nova vida do homem em Cristo<sup>108</sup>.

Considerando o amor a Deus como resposta ao seu amor primeiro pela humanidade e a fé como encontro entre Deus e o homem, segue-se então que o amor a Deus está intimamente ligado ao amor ao próximo, não sendo dois momentos distintos e separáveis, mas duas dimensões do mesmo amor e da mesma entrega total da pessoa a Deus. Pois se, ao amar o próximo, nos encontramos com o mesmo Cristo, isso quer dizer que este mesmo amor está ligado à fé, através da qual também nos encontramos com Cristo. A fé em Cristo e o amor ao próximo estão interligados. Não se pode amar a Deus se não se ama o irmão e não se pode ter fé em Deus se não se ama o irmão. A fé leva necessariamente a amar o próximo, e ao amar o próximo tem-se um encontro implícito com Deus<sup>109</sup>.

A caridade tem também uma relação própria com a esperança, havendo uma íntima relação entre fé, esperança e caridade, pois as três virtudes teologais tendem ao encontro com Deus, embora as três considerem e acolham Deus sob perspectivas distintas. A fé tem uma perspectiva alicerçada na Palavra que se revela; a esperança, na promessa certa da vida eterna; e, finalmente, a caridade, no amor incondicional, transformador e beatificante. Deus, que é amor, é revelado na Palavra do Filho, o qual é acolhido na fé, com a promessa de vida eterna que nos é infundida no Espírito Santo: daí que em muitos autores,

---

<sup>107</sup> 1 Cor 13, 13.

<sup>108</sup> M. GELABERT BALLESTER, «Mutua implicación entre fe y caridad», *Corintios XIII. Revista de teología y pastoral de la caridad* 146 (2013) 11-12.

<sup>109</sup> *Ibidem*, 12-20.

sobretudo na Patrística, se associassem cada a uma das virtudes teologais a uma das pessoas da Santíssima Trindade: o amor ao Pai, a fé ao Filho e a esperança ao Espírito Santo.

Sobre esta realidade da inter-relação das virtudes teologais e a sua proximidade ao dinamismo trinitário, podemos olhar, entre outros textos, para a carta aos Romanos: «que o Deus da esperança vos encha de toda a alegria e paz na fé, para que transbordeis de esperança, pela força do Espírito Santo.»<sup>110</sup> A fé no Filho e a esperança infundida em nós pelo Espírito Santo levam-nos a Deus Pai, que é amor. As três virtudes são assim inseparáveis, à semelhança das pessoas divinas do Pai, do Filho e do Espírito Santo, distintas mas inseparáveis na unidade de uma só substância. As três virtudes formam uma estrutura de salvação e, na falta de um dos seus alicerces, essa estrutura desmorona-se. Deste modo compreende a Igreja as virtudes teologais, e assim compreendidas e acolhidas como atitudes que implicam todas as dimensões da vida, elas permitem, aos que a elas aderirem, o encontro e a união íntima com Deus, tendo sempre presente que cada uma das virtudes contém e estimula as restantes<sup>111</sup>.

*c) a caridade é universal, um meio de conhecimento e uma realidade criadora*

A caridade, numa perspetiva cristã, e seguindo o exemplo do seu fundador, não faz qualquer aceção de pessoas, nem se dirige a uma determinada classe ou tipologia de pessoas, mas a todos se dirige, a toda a criação (e não apenas ao ser humano), ou seja, é *universal*; de facto, «Deus não faz aceção de pessoas»<sup>112</sup>. Os homens constituem entre si uma só família humana, e todos os povos, na sua diferença e complementaridade, uma só comunidade mundial. Esta relação também encontra paralelo no íntimo da Santíssima Trindade e na relação entre as pessoas divinas, uma vez que também ela constitui uma unidade absoluta, e é a vontade de Deus que todos os homens participem nessa comunhão<sup>113</sup>. Assim, no seio da conceção teológica cristã, não é concebível que se equacionem quaisquer condições ou limites ao conceito de caridade, nem no plano teórico, nem na sua prática, efetiva, seja em função de qualquer razão ou critério.

---

<sup>110</sup> Rom 15, 13.

<sup>111</sup> GELABERT BALLESTER, «Mutua implicación entre fe y caridad», 13-14.

<sup>112</sup> At 10, 34.

<sup>113</sup> BENEDICTUS PP. XVI, *Caritas in Veritate*, 27, in *AAS* 101 (2009) 661.

A caridade é também, nesta mesma perspectiva, um *meio de conhecimento* porque advém de Deus e nos conduz até Ele, dando-nos a conhecer o seu rosto e a sua essência. Este conhecimento consiste em alcançar a verdade que está em Jesus Cristo, Filho de Deus que revela o Pai na sua encarnação, e o seu centro focal está situado na iniciativa livre e gratuita de Deus em autorrevelar-se, não se baseando, por isso mesmo, nos critérios humanos de justiça e mérito. A relação entre amar e conhecer estava já bastante explicitada, de forma límpida e muito expressiva, na primeira carta de João:

«Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus, e todo aquele que ama nasceu de Deus e chega ao conhecimento de Deus. Aquele que não ama, não chegou a conhecer a Deus, pois Deus é amor.»<sup>114</sup>

Por fim, a caridade é também uma *realidade criadora* da vida cristã, sendo ela que suscita e inspira o agir, o pensar e o expressar-se próprios de um cristão. Do mesmo modo, a caridade se assume como realidade criadora porque advém de Deus, que é o Criador e que, em virtude desse seu agir criador, imprimiu em toda a criação, numa perspectiva cristã, um desígnio de amor. A caridade é criadora e criativa, mesmo dentro da arquitetura organizada do universo, pois vive e alimenta uma tensão em relação à vida eterna. Pouco antes de morrer, Maximiliano Kolbe ousa dar mais um passo em relação a esta conceção, afirmando que «só o amor cria»<sup>115</sup>.

#### *d) a caridade é um elemento essencial à identidade da Igreja*

A caridade é um elemento inalienável da identidade da Igreja e todas as suas tarefas (litúrgicas, evangelizadoras, etc.) dependem da caridade para a sua credibilidade. A forma da caridade, enquanto movimento de aproximação ao homem nas situações angustiantes da sua vida, é sempre variável consoante a condição histórica de cada sociedade, e pode dirigir-se a grupos diferenciados: doentes momentâneos ou permanentes, incapacitados de toda a ordem, corporal ou espiritual, estrangeiros e migrantes, etc. É mediante as circunstâncias históricas concretas que se podem idealizar e concretizar as respostas adequadas, os movimentos e as estruturas que darão resposta aos desafios que a realidade coloca.

---

<sup>114</sup> 1 Jo 4, 7-8.

<sup>115</sup> P. TREECE, *Massimiliano Kolbe. Il Santo de Auschwitz*, Immacolata, Bologna, 2012, 185.



Se a Igreja é, de facto, sacramento de salvação no mundo, do mesmo modo, a caridade, como função de diaconia, ou serviço, da Igreja, participa desse sinal sacramental<sup>116</sup>.

A direção e organização da caridade numa diocese é da competência última do próprio bispo diocesano que, juntamente com todas as suas outras funções, assume como parte da sua função ou ministério este de ser, na linguagem patrística, *pater pauperum*, ou seja, pai dos pobres que lhe estão confiados. Pede-se ao bispo que se entregue, bondosa e misericordiosamente a todos os pobres e demais necessitados de ajuda.

Assim se compreende a íntima relação entre a identidade da Igreja e o serviço da caridade, como explica o papa Bento XVI, na sua carta apostólica sob a forma de *motu proprio* acerca do serviço da caridade, a *Intima Ecclesia Natura*, publicada em 2012:

«a ação prática resulta insuficiente se não for palpável nela o amor pelo homem, um amor que se nutre do encontro com Cristo» (ibid., 34). Portanto, na sua atividade caritativa, as variadas organizações católicas não se devem limitar a uma mera recolha ou distribuição de fundos, mas sempre devem dedicar uma especial atenção à pessoa necessitada e, de igual modo, efetuar na comunidade cristã uma singular função pedagógica, favorecendo a educação para a partilha, o respeito e o amor, segundo a lógica do Evangelho de Cristo. Com efeito, a atividade caritativa da Igreja, nos seus diversos níveis, deve evitar o risco de se diluir na organização assistencial comum, tornando-se uma simples variante da mesma.»<sup>117</sup>

A caridade é um dever próprio da Igreja pois a sua natureza íntima exprime-se em três missões centrais: anunciar a Palavra de Deus, celebrar os sacramentos e servir na caridade. Estes deveres estão interligados uns com os outros, não sendo a caridade uma simples assistência social, mas pertencendo à sua própria natureza e essência<sup>118</sup>.

#### *e) a caridade e a vida espiritual*

A caridade é a perfeição da vida espiritual, não no sentido que esgota em si toda a perfeição, mas no sentido de que é um elemento incontornável dessa perfeição. Assim, a via da perfeição cristã passa por algumas etapas, como a identificam um grande número de autores: primeira, o temor; segunda, a esperança; e por fim, terceira, a caridade. A

---

<sup>116</sup> REISH, «Caridad», 660-663.

<sup>117</sup> BENEDICTUS PP. XVI, *Litterae Apostolicae Motu Proprio [...] De Caritate ministranda (Intima Ecclesia Natura)*, Proémio, in *AAS* 104 (2012) 997.

<sup>118</sup> Cf. BENEDICTUS PP. XVI, *Deus caritas est*, 25, in *AAS* 98 (2006) 236-237.

caridade contém em si todas as prerrogativas da perfeição, é o seu degrau mais elevado: porque se define precisamente como a distância em relação ao pecado e a proximidade, até à perfeita união, com Deus, tornando enfim o homem semelhante a Deus através dessa participação na sua natureza íntima. Se a perfeição nos une intimamente a Deus, então a caridade é a perfeição, visto que ela nos une a Deus. A perfeição é também o que reconstrói em nós a semelhança com Deus, através da caridade, pela qual nos tornamos, embora sempre na condição de criaturas, muito próximos da natureza divina. Deste modo, a medida da caridade é a medida da perfeição; quanto maior é a caridade no homem, melhor ele é. Amar a Deus e ao próximo leva à entrada no Reino de Deus. Mas esta perfeição na caridade é possível apenas por ação do Espírito Santo que derrama no coração do homem o mesmo amor<sup>119</sup>.

### **1.5. A caridade como conceito e desafio pastoral**

Depois de tudo o que dissemos até agora, caminhamos para integrar o conceito de caridade na ótica específica da teologia pastoral, concretamente no que se designa por “pastoral da caridade”. Deste modo, estaremos em condições, com uma grelha de análise adequada, para olharmos ao percurso de António Francisco dos Santos, tanto no plano pessoal, como nas suas opções e critérios pastorais, em favor do povo que lhe esteve confiado nas dioceses por onde passou.

#### *a) a dimensão social e caritativa na vida da Igreja*

Podemos entender a pastoral da caridade ou pastoral social como o conjunto de expressões da ação pastoral que têm por objeto o exercício da caridade e a promoção da justiça, na linha da fraternidade que é fruto da filiação divina acolhida e vivida na graça. A pastoral caritativa e social é a expressão concreta da responsabilidade da missão eclesial quando esta se encontra com o mandamento de anunciar e realizar a salvação na sua integridade, não só na realidade mundana e material, mas também na transformação espiritual pela evangelização e promoção humana.

---

<sup>119</sup> BROGLIE, «Charité», 543-545.

A pastoral caritativa e social é o fruto de um conjunto de convicções: desde logo, o social é âmbito da graça e do pecado, e não apenas o foro íntimo da moralidade pessoal; segundo, o exercício da caridade, de modo análogo, não se esgota em gestos particulares (como a esmola), mas se estende a expressões de caridade social e política; por fim, o serviço do mundo, como sinal de uma Igreja evangelizadora e missionária, que se manifesta na promoção da justiça, é parte da sua identidade essencial, sobretudo atendendo a uma correta articulação entre história e escatologia. Por isso, a fé cristã e a sua presença pastoral exigem um papel evangélico dos cristãos na vida pública, podendo falar-se numa verdadeira missão de conversão social aos valores do evangelho<sup>120</sup>.

Entre a pessoa singular e a sociedade plural dá-se uma interdependência de tal ordem que não se pode considerar, ainda para mais numa perspetiva pastoral, a pessoa sem se considerar toda a sociedade, como bem notava o papa João Paulo II na sua exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles laici* sobre vocação e missão dos leigos:

«A pessoa humana tem uma natural e estrutural dimensão social enquanto é chamada, desde o seu íntimo, à comunhão com os outros e à doação aos outros [...]. Dá-se uma interdependência e reciprocidade entre a pessoa e a sociedade: tudo o que for feito em favor da pessoa é também serviço feito à sociedade, e tudo o que for realizado em favor da sociedade reverte-se em benefício da pessoa.»<sup>121</sup>

Assim, também a dimensão social deve ser interpretada à luz das categorias éticas do bom e do justo, e tendo também em vista que o pecado abrange a rutura dos compromissos com a realidade social, pelo que, além do pecado pessoal, se deve ter em conta a existência concreta de pecados sociais e estruturais<sup>122</sup>.

A caridade não se reduz à esporádica esmola, mas a vida teologal se concretiza integralmente nas diferentes dimensões da vida humana, também na dimensão social. O serviço ao mundo e pelo mundo é parte da missão evangelizadora, enquanto sinal de fé. Deste modo, também a promoção da justiça compõe constitutivamente a missão evangelizadora. Pois, como escreveram os bispos espanhóis, na conclusão da 60ª assembleia ple-

---

<sup>120</sup> P. JARAMILLO RIVAS, «Pastoral caritativa y social», in PEDROSA, V.M. [et al.] (ed.), *Diccionario de Pastoral y Evangelización*, Monte Carmelo, Burgos, 2000, 146.

<sup>121</sup> IOANNES PAULUS PP. II, *Adhortatio Apostolica Post-synodalis [...] de vocatione et missione Laicorum in Ecclesia et in mundo (Christifideles laici)*, 40, in AAS 81 (1989) 468.

<sup>122</sup> JARAMILLO RIVAS, «Pastoral caritativa y social», 146.

nária da Conferência Episcopal de Espanha, em 1993, dedicada ao tema da caridade na vida da Igreja:

«O serviço dos mais pobres é uma maneira de tornar Jesus presente («a mim o fizeste», cf. Mt 25, 40) e uma irrenunciável expressão da ação evangelizadora das comunidades cristãs. A chamada “diaconia” ou serviço da caridade faz, deste modo, parte integrante do anúncio da obra salvadora e libertadora de Jesus.»<sup>123</sup>

A pastoral caritativa e social deve ter também em consideração uma boa relação entre história e escatologia, de tal modo que tenha entre os seus propósitos contribuir para a criação de uma consciência crítica face a todas as escravidões contrárias ao plano salvador de Deus. Contra toda a privatização da fé, a consciência dos fiéis e das comunidades cristãs deve caminhar para ser sal, luz e fermento do mundo. A pastoral caritativa e social impulsiona, assim, para a presença dos cristãos na vida pública, mas seguindo o estilo de presença do seu fundador<sup>124</sup>.

#### *b) alguns modelos de ação pastoral*

No que se refere à pastoral, e concretamente à pastoral da caridade, podemos assumir diferentes modelos de ação pastoral, no sentido de «uma ação da Igreja estruturada e ordenada em torno de ideias fundamentais que são capazes de relacionar todos os campos dessa mesma ação»<sup>125</sup>. Entre esses modelos, podemos identificar, pelos menos, quatro diferentes: o modelo dito tradicional, o modelo comunitário, o modelo evangelizador e o modelo libertador. Claro que estes modelos não se encontram concretizados de forma estanque e perfeitamente identificável, mas tratam-se essencialmente de tipologias que, segundo as circunstâncias históricas e os condicionalismos culturais e sociais, norteiam as principais opções pastorais e surgem, até na maioria das vezes, em modelos híbridos.

O *modelo tradicional* é predominante naqueles contextos nos quais a Igreja Católica se percebe a si mesma como atuando num mundo sociologicamente cristão, isto é, marcado por uma forte cristianização e uma extensa implantação na cultura, na mentalidade e nos costumes sociais. Este modelo descreve sucintamente a postura da Igreja ao longo

---

<sup>123</sup> CONFERENCIA EPISCOPAL ESPAÑOLA, *La caridad en la vida de la Iglesia*, Madrid, 1994, 6.

<sup>124</sup> JARAMILLO RIVAS, «Pastoral caritativa y social», 150.

<sup>125</sup> J. A. RAMOS GUERREIRA, *Teología Pastoral*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1995, 124.

do chamado regime de cristandade, e também em algumas sociedades atuais onde a sua presença é muito forte. Segundo este modelo tradicional, a categoria teológica que melhor descreve a Igreja é a de “sociedade perfeita”, organizada em torno de um esquema hierárquico de perfil piramidal. De um ponto de vista de organização pastoral, parte de um duplo dualismo: por um lado, entre clero e povo; por outro, no plano antropológico, entre corpo e alma, de tal modo que a ação pastoral se centra na “cura das almas”. O meio mais relevante dessa cura ou pastoreio das almas é a distribuição dos sacramentos pelo clero em favor do povo, em especial em ambiente paroquial, célula elementar e quase exclusiva desta concepção de Igreja<sup>126</sup>.

O *modelo comunitário*, como que em resposta a uma pastoral tradicional centrada na prática sacramental e mais focada na formação de autênticas comunidades eclesiais como meios privilegiados de vivência da fé, surgiu como uma importante renovação no panorama pastoral. De facto, a pastoral dita tradicional potenciava alguns problemas, como a massificação, anonimato e privatização na vivência da fé, assim como estava condicionada por uma concepção rígida do âmbito pastoral restrito aos limites geográficos de uma paróquia. Por outro lado, a pastoral comunitária surge e procura responder a um tempo de transformação sociológica das comunidades paroquiais e a uma redescoberta da dimensão comunitária da fé, que se dá sobretudo a partir de meados do séc. XX, concretamente com o fim da II Grande Guerra Mundial. Esse modelo propõe-se a edificar a Igreja a partir de pequenas “comunidades de base” que, na sua vivência de fé e experiência de comunhão, vão construindo sucessivamente todo o edifício eclesial. Neste contexto, essas comunidades cristãs de base querem ser um sinal de salvação no mundo e mostrar o poder transformador do amor de Deus nos diversos contextos e circunstâncias<sup>127</sup>.

É importante sublinhar que a caridade tem, neste modelo comunitário, um papel fulcral. De facto, o amor ao próximo é o único caminho de possibilidade, numa perspectiva cristã, da autêntica realização pessoal. Isto leva a que no amor ao próximo se ame também a Deus, como em qualquer ato moral se dá uma referência implícita a Deus, especialmente no amor ao próximo. O amor a Deus e ao próximo estão em relação recíproca um com o outro. O amor a Deus se torna existencialmente real quando é também amor ao próximo, vivenciado na experiência de comunidade, e essa experiência de amor ao próximo só alcança a sua plenitude, quando desemboca no amor a Deus. Assim, a comunidade torna-

---

<sup>126</sup> Cf. RAMOS, *Teología Pastoral*, 127-129.

<sup>127</sup> Cf. RAMOS, *Teología Pastoral*, 130-133.

se instância indispensável de possibilidade de experiência desta dupla dimensão do mesmo amor<sup>128</sup>.

O *modelo evangelizador* emerge sobretudo em novas geografias de evangelização, em culturas outrora inacessíveis ao anúncio do evangelho, mas também em contextos de nova evangelização, ou seja, naqueles ambientes outrora de cristandade, mas agora marcados por um processo de acelerada descristianização. Este modelo parte do conceito de *kerygma*, isto é, do anúncio central, da mensagem nuclear dos Evangelhos, que deve ser proclamada a todos os homens sem exceção. Toda a ação pastoral se deve aglutinar ao redor desta missão evangelizadora. Como o amor ao próximo é parte estruturante e decisiva desse *kerygma*, então a caridade tem também um papel importante neste modelo de ação pastoral, ainda que não numa lógica tão estruturada nem institucionalizada.

Por fim, o *modelo libertador* tem como referência o papel e a missão da Igreja em ambientes especialmente desfavorecidos, onde é dada especial ênfase às consequências sociais, políticas e económicas da mensagem do Evangelho. Em alguns ambientes, sobretudo na América Latina, este modelo esteve fortemente correlacionado com a chamada “teologia da libertação”. A sua proposta pastoral consiste em tomar consciência da situação social na qual se desenvolve a atividade de evangelização e transformá-la para que o anúncio da salvação resulte coerente e, por isso, eficaz. Para tanto, a ação pastoral tem como ponto de partida uma evangelização que conduza a essa tomada de consciência e, de seguida, estimula uma ação social e política conducente a pôr termo a situações injustas e a instaurar uma ordem social de acordo com o Evangelho. Nesta perspetiva, a caridade não é entendida como a categoria principal, senão a justiça, embora a caridade seja, em primeiro lugar, aquela que determina uma busca firme pela justiça<sup>129</sup>.

### *c) o desafio de uma pastoral caritativa e social*

Depois de ter analisados alguns modelos pastorais e as características da sua ação evangelizadora, olhemos ao específico da pastoral social e caritativa. Antes de mais, convém sublinhar, como já fizemos questão de notar anteriormente, que a caridade é parte do anúncio evangélico e que, numa compreensão cristã, é dom de Deus para a unidade,

---

<sup>128</sup> Cf. REISH, «Caridad», 660.

<sup>129</sup> Cf. RAMOS, *Teologia Pastoral*, 134-144.

formando, entre os que creem, um só corpo. Por isso, a caridade não é apenas uma entre outras vertentes da ação pastoral, mas o próprio nexo de unidade que é o seu propósito último, em todos os aspetos dessa ação. Por isso, antes de existir uma pastoral da caridade, a caridade está ela mesma presente em todos os campos da pastoral: ela é o âmbito, o clima e a realidade mesma na qual se devem desenvolver todas as outras ações.

Neste último ponto do nosso primeiro capítulo, devemos concluir com alguma li-nhas gerais de uma pastoral social e caritativa, que operacionalizem os aspetos teóricos sistemáticos que temos vindo a elencar.

Em primeiro lugar, cumpre recordar como o serviço, em especial o serviço aos mais pobres (a *diakonia*), integra a identidade fundamental da Igreja, como missão irrenunciável no mundo. De facto, tanto o anúncio e testemunho do evangelho (a *martyria*), como o culto e o louvor a Deus (a *liturgia*) e a unidade e comunhão entre os cristãos, que formam entre si um só corpo (a *koinonia*), estão dependentes deste quarto elemento, o serviço, como consequência necessária e critério de coerência e veracidade. Por isso, não se concebe a pastoral da Igreja sem uma dimensão caritativa, de serviço aos outros; o mesmo não quer dizer que tenha de haver uma área particular da pastoral dedicada ao serviço da caridade, embora seja desejável, como veremos mais adiante<sup>130</sup>.

A pastoral social e caritativa da Igreja prolonga e desdobra aquela que foi a própria ação de Jesus Cristo no meio dos homens, aquele que se definiu a si próprio como quem «não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida para resgatar a multidão.»<sup>131</sup> A partir desse dado, refletiu a epístola de São Paulo aos Coríntios que Jesus «sendo rico, se fez pobre por vós, para vos enriquecer com a sua pobreza.»<sup>132</sup> Ora, a Igreja é precisamente o prolongamento da encarnação do Filho de Deus e, por isso, adota e continua as suas opções fundamentais e atitudes básicos, pelo que não pode renunciar a servir aqueles a quem foi enviada a anunciar o evangelho.

Por isso, e como defende Casiano Floristán, podemos afirmar que a missão da Igreja é, em si mesma, *servir*: servir no horizonte do Reino de Deus, que pertence aos que dão a sua vida e não a guardam para si<sup>133</sup>; servir como seguimento de Cristo e prolongamento

---

<sup>130</sup> Cf. RAMOS, *Teología Pastoral*, 377.

<sup>131</sup> Mt 20, 28.

<sup>132</sup> 2 Cor 8, 9.

<sup>133</sup> Cf. Mt 16, 25.

da sua ação no mundo e no meio dos homens; e, finalmente, servir como libertação do homem e, por isso, de realização do próprio conteúdo anunciado no Evangelho<sup>134</sup>.

Do mesmo modo, se deve ter em conta que o serviço tem, ele próprio, um caráter sacramental – ou seja, não se trata apenas de uma consequência do Evangelho, mas o próprio serviço da caridade é ele mesmo anúncio, revelação do rosto misericordioso de Deus. De facto, Jesus não operava milagres apenas para ganhar credibilidade aos olhos dos que o ouviam, mas os seus gestos e atitudes davam elas próprias a conhecer quem era de facto Deus, quais as suas características e os seus desejos e projetos para o homem. O mesmo acontece na Igreja: muitas vezes, a evangelização resulta deficiente ou incompreensível porque há aspetos do anúncio que apenas se conseguem revelar no serviço concreto aos mais pobres, no rosto terno e materno da Igreja.

«Realmente, muitas vezes aqui está o problema da evangelização e quando estamos a falar de uma nova evangelização, caracterizada por um novo ardor e novos métodos, sem dúvida que temos de pensar em sinais concretos do serviço eclesial como uma das áreas que a farão possível. Uma evangelização sem sinais de serviço perde a sua eficácia e o seu ser sacramental. Por isso, é essencial que a pastoral da Igreja não prescindir nunca dos sinais de serviço, que hão de compreender-se a partir da teologia sacramental no sentido mais amplo de significado e eficácia.»<sup>135</sup>

Assim, a pastoral social e caritativa é constitutiva da essência da Igreja e da ação eclesial numa lógica sacramental, e não pode ser considerada um aspeto supletivo da sua missão nem pode ser delegada num carisma individual ou grupal de alguns cristãos. A pastoral social e caritativa tem de ter uma estrutura sacramental, ser sinal da salvação ao mesmo tempo imanente e transcendente; tem de ser uma ação de toda a Igreja que deriva das obrigações próprias do batizado e que vincula especialmente o laicado, como forma de santificação da ordem temporal; e tem de partir de uma correta antropologia, de uma visão unitária do homem que suprima qualquer fosso entre a “cura das almas” e o serviço social, de modo a corresponder à realidade<sup>136</sup>.

Como referimos atrás, e depois do que acabámos de afirmar, compreendemos como a caridade tem de ser transversal a todos os âmbitos da vida da Igreja: toda a Igreja é diaconal, está ao serviço do homem, e do homem inteiro, e não apenas do aspeto espiritual

---

<sup>134</sup> C. FLORISTÁN, *Teología práctica. Teoría y praxis de la acción pastoral*, Sígueme, Salamanca, 1991, 655.

<sup>135</sup> RAMOS, *Teología Pastoral*, 381-382.

<sup>136</sup> Cf. RAMOS, *Teología Pastoral*, 383-384.



do homem. Esse serviço expressa-se na condição de serviço das estruturas da Igreja, assim como na adoção de atitudes de serviço na sua presença e ação no mundo. Uma dessas expressões, ao par de muitas outras, é precisamente o cuidado de constituir uma *pastoral social e caritativa organizada*, formada de estrutura e equipas destinadas a atender situações e grupos humanos específicos, sobretudo os mais frágeis e os pobres. Mas, como afirmam alguns autores, podemos entender toda a pastoral setorial da Igreja como uma sectorização da pastoral da caridade – ou seja, toda a pastoral é, de certa maneira, ou deve ser, uma pastoral da caridade<sup>137</sup>.

A pastoral da caridade tem como prioridades: promover a solidariedade, a nível comunitário e internacional; defender o princípio da justiça como um dos elementos que constituem o Reino de Deus; estar ao serviço da reconciliação e da paz entre os homens; exercer uma atividade profética no seio da sociedade e da cultura hodiernas; trazer à realidade projetos de autêntica libertação; e também cooperar na construção da sociedade nas instâncias onde precisamente ela se configura<sup>138</sup>.

O centro desta ação pastoral e desta solicitude pelo serviço expressa-se, nos termos da linguagem da Doutrina Social da Igreja, como uma *opção preferencial pelos pobres*. Não quer isto dizer que a Igreja valoriza ou canoniza a pobreza, mas antes a caridade; os pobres, e não a pobreza (neste sentido de privação que fere a dignidade humana), é que têm um lugar privilegiado na Igreja. Por se tratar de uma solicitude pelos pobres e não pela pobreza, ou formas concretas de pobreza, a ação caritativa da Igreja não é tipificada, não é estática, nem consagra um determinado estado de coisas, mas consubstancia-se num dinamismo dirigido à mudança das próprias condições sociais.

«A atividade caritativa, hoje, pode e deve atingir as necessidades de todos os homens. Onde quer que se encontrem homens a quem faltam sustento, vestuário, casa, remédios, trabalho, instrução, meios necessários para levar uma vida verdadeiramente humana, afligidos pelas desgraças ou pela doença, sofrendo o exílio ou a prisão, aí os deve ir buscar e encontrar a caridade cristã, consolar com muita solicitude e ajudar com os auxílios prestados.»<sup>139</sup>

---

<sup>137</sup> FLORISTÁN, *Teología práctica*, 665-682.

<sup>138</sup> Cf. RAMOS, *Teología Pastoral*, 386-388.

<sup>139</sup> PAULUS PP. VI, *Decretum de apostolatu laicorum (Apostolicam actuositatem)*, 8, in *AAS* 58 (1966) 844-846.

Nos nossos tempos, inclusivamente, o conceito de pobreza alargou-se para abarcar novas formas de pobreza, além da pobreza tradicional, incluindo ainda países inteiros, que ficaram à margem do desenvolvimento económico e da justiça entre nações. O alargamento do conceito de pobreza implica também o alargamento do conjunto daqueles que estão vinculados à obrigação de fazer alguma coisa por isso: não se trata apenas do clero, ou de Igreja como um todo, ou dos «homens e povos que disfrutam de condição próspera»<sup>140</sup>; esses sem dúvida, mas, no fundo, todos os que podemos contribuir para a construção da justiça estamos especialmente vinculados a essa obrigação.

«A evolução do conceito de pobreza e de ação caritativa fez-nos compreender que os problemas estruturais não se podem resolver com soluções individuais. Por isso, a caridade cristã não há de ser só a individual, mas também a estrutural. A Igreja necessita criar estruturas caritativas para fazer frente às situações injustas que a pobreza provoca.»<sup>141</sup>

Chegamos, por fim, à consideração de que, embora a caridade seja uma componente genética de toda a ação pastoral da Igreja, nos seus diversos domínios, tornar-se indispensável existir também uma estrutura pastoral específica, dedicada à caridade e ao serviço social. Só dessa forma a Igreja poderá responder construtivamente e dar um contributo significativo numa realidade social cada vez mais complexa. Desta necessidade tinha António Francisco dos Santos perfeita consciência e grande sensibilidade, como veremos no capítulo seguinte, certo de que apenas uma pastoral caritativa devidamente formada, organizada e dotada de meios humanos e materiais poderia ir à raiz dos problemas sociais, e não apenas acudir a aspetos superficiais que nada mudam na realidade.

A caridade pode, pois, ser considerada a expressão vital da Igreja e da sua missão no mundo. Como já dissemos, a caridade na Igreja é o sinal ou sacramento da caridade que é Deus em si mesmo, na Santíssima Trindade, e que Ele revela no seu Filho. Na Igreja, a caridade deve expandir-se a todas as relações interpessoais e à instituições, sobretudo às que estão ligadas diretamente à sua ação pastoral, como forma de comunhão. Esta visão permite superar falsas alternativas na missão da Igreja entre o testemunho e o anúncio, identidade e diálogo<sup>142</sup>. Segundo esta perspetiva, pode-se assim entender a opção prefe-

---

<sup>140</sup> *Ibidem*.

<sup>141</sup> RAMOS, *Teología Pastoral*, 394.

<sup>142</sup> Cf. R. PELLITERO, «Dimensión “pastoral” de la teología y teología pastoral», *Scripta Teologica* 36 (2004) 223.

rencial pelos pobres como «uma forma especial de primado na prática da caridade cristã, testemunhado por toda a Tradição da Igreja»<sup>143</sup>. Esta opção preferencial, sem ser exclusiva, é o critério fundamental de discernimento pastoral, que conduza, entre outros, a uma mudança de estilo de vida, de modelos de produção, estruturas de poder, para que a caridade seja também a fonte donde brote o compromisso social em todas as áreas de vida do cristão<sup>144</sup>.

Concluimos este primeiro capítulo falando de tipos, métodos e ações pastorais, concretamente da pastoral da caridade, para assim podermos passar à análise de uma atualização ou concretização dessa pastoral no caso concreto da vida e do percurso do bispo D. António Francisco dos Santos. Apenas através de concretizações históricas é possível ver como se põe em ato o mandamento do amor, «amai-vos como Eu vos amei»<sup>145</sup>, deixado por Jesus Cristo à sua Igreja.

---

<sup>143</sup> IOANNES PAULUS PP. II, *Sollicitudo rei socialis*, 42, in *AAS* 80 (1988) 572-573.

<sup>144</sup> PELLITERO, «Dimensión “pastoral” de la teología y teología pastoral», 224.

<sup>145</sup> Jo 13, 34.

## 2. A caridade nos escritos de António Francisco dos Santos

Em resultado do nosso primeiro capítulo, demo-nos conta de como o conceito de caridade tem dentro de si inúmeros significados, e foi sempre motivo de reflexão e debate quer na filosofia, quer na teologia ao longo da história da humanidade. Assim, ao falarmos em caridade, quer como ideia ou conceito teórico, quer como categoria que se realiza na ação humana (que é critério e motivo dessa ação), temos sempre de nos perguntar de que “caridade” estamos a falar, isto é, em que contexto, em que tempo histórico, em que autor ou corrente de pensamento.

Também no primeiro capítulo, concluímos como a caridade é um conceito central na revelação judaico-cristã, sintetizada no célebre apotegma joanino «Deus é amor» (*cf.* 1 Jo 4,16). Já presente nos escritos do Antigo Testamento, é sem dúvida na pregação e na vida de Jesus Cristo e, depois, nos escritos apostólicos que ela assume essa centralidade. Daí que a teologia nunca pôde passar ao lado deste tema, sempre presente na sua reflexão até à atualidade, em diálogo com a cultura e a filosofia de cada tempo que, também elas, sempre tomaram a caridade como uma categoria indispensável. Na vida da Igreja de cada tempo, sobretudo na ação pastoral que aqui procuramos focar, a caridade é anúncio a fazer e a traduzir na linguagem contemporânea, e é, em simultâneo, critério e projeto a realizar.

Por isso, faz todo o sentido que neste segundo capítulo nos deixemos interrogar por este conceito de caridade, numa concretização histórica que é precisamente a vida, a obra e o pensamento de António Francisco dos Santos. Em primeiro lugar, porque, como veremos, a caridade foi um conceito-chave do seu modo de pensar e de anunciar a mensagem cristã, de modo peculiar. Em segundo lugar, porque como bispo católico, que atuou em diversas dioceses no espaço geográfico do Norte de Portugal<sup>146</sup>, teve, no exercício desses ministérios, a responsabilidade máxima pela promoção da atividade pastoral<sup>147</sup> e o grave dever de ser, ele próprio, «exemplo de santidade na caridade»<sup>148</sup>.

---

<sup>146</sup> Na diocese de Lamego, apenas como presbítero, até 2004; depois em Braga, já como bispo, auxiliar de D. Jorge Ortiga, entre 2004 e 2006; e depois como bispo diocesano em Aveiro (de 2006 a 2014) e no Porto (de 2014 a 2017, ano em que veio a falecer).

<sup>147</sup> *Cf.* CDC, cân.381, §1; cân.383, §1; cân.394, §1.

<sup>148</sup> CDC, cân.387.

Nesta segunda parte do nosso estudo, iremos focar-nos no período da sua vida em que foi bispo (de 2004 a 2016), atendendo a que foi sobretudo neste período em que foi mais manifesta e encontramos mais abundantes testemunhos da sua forma de pensar e das suas linhas de atuação. Por outro lado, deixar-nos-emos conduzir pela visão que nos é transmitida pelas suas fontes escritas<sup>149</sup>: homilias, discursos, mensagens, documentos pastorais, entrevistas e artigos em revistas ou jornais, etc.

Começaremos por uma breve perspetiva biográfica, pondo em saliência os momentos e as atividades que mais o ligaram à pastoral da caridade, assim como os elementos da sua formação que possam ter contribuído para a sua própria definição de caridade; ao mesmo tempo, veremos como a caridade foi assumida como projeto pessoal de vida e do mesmo modo como proposta pastoral para as comunidades que serviu. Num segundo momento, procuraremos fazer uma breve síntese do pensamento dos papas Bento XVI (2005-2013) e Francisco (2013- ) sobre a caridade e detetar os elementos fundamentais que tenham uma certa continuidade ou novidade em relação ao próprio pensamento de António Francisco dos Santos. Assim, chegaremos, num terceiro momento, a uma primeira sistematização da sua compreensão particular sobre a caridade refletida quer na sua pregação – homilias, discursos, mensagens – quer na sua ação pastoral concreta, sobretudo a partir dos seus documentos pastorais.

Parece evidente que não se pode falar numa “teologia da caridade” em António Francisco dos Santos, pelo menos não em sentido positivo, porque nunca ele a elaborou enquanto tal (num livro ou num manual, por assim dizer). Mas podemos, sem dúvida, procurar alguns aspetos fundamentais de um modo de pensar e de propor a caridade, como conteúdo de um anúncio, como conceito dado ao pensamento e como uma forma de ler, estar e atuar no mundo, que se transforma num projeto a realizar. Ou seja, é possível falar numa “teologia da caridade” em António Francisco dos Santos em sentido mais propriamente narrativo, inscrito numa história e num estilo de ser cristão, num tempo, num espaço e com interlocutores concretos. Neste segundo capítulo, procuramos dar um contributo significativo precisamente neste último sentido.

---

<sup>149</sup> Como referimos na introdução, por razões metodológicas, restringimos a nossa análise às fontes escritas, estejam elas já editadas ou não. Deixamos de parte registos áudio e videográficos, testemunhos, etc.

## **2.1. A caridade no percurso biográfico de António Francisco dos Santos**

António Francisco dos Santos nasceu na freguesia e paróquia de Santa Cristina de Tendais, concelho de Cinfães, distrito de Viseu e diocese de Lamego, no dia 29 de agosto de 1948<sup>150</sup>. Filho único de Donzelina e de Ernesto Francisco dos Santos, foi batizado com pouco mais de um mês de idade, a 2 de outubro, pelo pároco de Tendais, Pe. Manuel Pinto Afonso. O jovem António Francisco cedo manifestou a vontade de ser padre (ainda que não correspondesse totalmente à vontade dos pais) e assim ingressou no Seminário Menor de Resende, aos 11 anos, em 1959, onde esteve até 1966, quando transitou, com 18 anos, para o Seminário Maior de Lamego. Ali frequentou os estudos filosóficos e teológicos próprios da formação sacerdotal, naqueles anos efervescentes da receção do II Concílio do Vaticano (1962-1965) em Portugal.

Terminou os estudos do Seminário Maior em 1971 e foi ordenado diácono (primeiro grau do sacramento da ordem) no dia 22 de agosto de 1971, na Sé Catedral de Lamego. Nesse verão, foi enviado em estágio pastoral para a paróquia de São João Batista na Vila de São João da Pesqueira, a cerca de 50 km a nascente de Lamego, sede da Diocese. Por lá exerceu o seu ministério diaconal até finais de 1972. A 8 de dezembro de 1972, o bispo de Lamego D. António de Castro Xavier Coutinho, ordenou António Francisco dos Santos como presbítero (segundo grau do sacramento da ordem), também na Sé Catedral de Lamego. Nesse final de ano de 1972, o então padre António Francisco dos Santos foi nomeado pelo Bispo de Lamego para o múnus de coadjutor da paróquia de São João Batista de Cinfães, bastante próximo da sua terra natal, onde exerceu por dois anos o seu ministério presbiteral. Até este ponto, o percurso vocacional de António Francisco dos Santos seguiu o curso que, naquele tempo, era normal para os candidatos ao sacerdócio.

Depois de um período de dois anos como coadjutor (naquela época, era frequente aqueles que eram ordenados presbíteros passarem os primeiros anos do seu ministério sob a orientação de um pároco mais experiente, ocupando o lugar de coadjutor desse pároco), o Bispo de Lamego, ainda D. António de Castro Xavier Coutinho, decide mandar o padre António Francisco dos Santos em missão de estudos, para Paris, precisamente no ano de 1974, um ano de grande transformação no plano social e político português.

---

<sup>150</sup> Seguimos as notas biográficas de António Francisco dos Santos publicadas no Boletim da Diocese do Porto. Cf. AA.VV., «Biografia de D. António Francisco dos Santos», *Igreja Portucalense* 34 (2014) 11-12.

Em Paris, o padre António Francisco dos Santos frequentou o Instituto Católico de Paris: primeiro, a licenciatura de três anos em Filosofia, que concluiu no ano de 1977, e logo a seguir, um mestrado de dois anos em Filosofia Contemporânea, que veio a terminar no ano de 1979. Ao mesmo tempo, obteve um diploma em Sociologia Religiosa pela Escola Prática de Altos Estudos em Ciências Sociais e pelo Centro Nacional de Investigação Científica de Paris (C.N.R.S.), ambas instituições de ensino superior de referência no âmbito das ciências sociais. Enquanto permaneceu na capital francesa, foi também o responsável pastoral pela comunidade portuguesa emigrante da paróquia de São João Batista de Neuilly-sur-Seine, nos arredores da cidade. Será importante frisar a riqueza e diversidade desta experiência formativa de António Francisco dos Santos, por um lado, os estudos em pensamento contemporâneo, que o colocaram na linha da frente do diálogo com a cultura e a filosofia; por outro lado, o trabalho próximo com a comunidade emigrante portuguesa, expressão concreta de uma realidade de pobreza muito presente em Portugal.

No ano de 1979, com trinta e um anos de idade, e com um Portugal certamente muito diferente do que havia deixado cinco anos antes, o padre António Francisco dos Santos regressa à sua diocese de Lamego, para ser formador no Seminário Maior de Lamego. No seu tempo de formador ocupa diversos cargos – professor, secretário, ecónomo – e enfim é nomeado Vice-Reitor<sup>151</sup> do Seminário Maior de Lamego em 1986, cargo que ocupa até ao ano de 1991. Nesse ano, saiu do Seminário (embora tenha continuado a dar aulas no Instituto Superior de Teologia do Núcleo Regional das Beiras da Universidade Católica Portuguesa, em Viseu) e passou a integrar a equipa sacerdotal da Paróquia de Santa Maria Maior de Almacave, no centro da cidade de Lamego. Nesse mesmo ano de 1991 é elevado à dignidade de Cônego Capitular da Sé Catedral de Lamego; e em 1997 é agraciado com o título de Monsenhor como Prelado de Honra de Sua Santidade, o Papa João Paulo II.

Entretanto, desempenha numerosas outras missões pastorais, embora não todas em simultâneo: professor do Centro de Promoção Social Rural de Lamego e diretor da Escola Profissional de Lamego (pertencente à Diocese de Lamego), a partir de 1996; delegado episcopal para a formação do clero; responsável da Pastoral Universitária; secretário diocesano da Pastoral das Migrações; chefe de redação do jornal “Voz de Lamego”; Vigário Episcopal do Clero; Pró-Vigário Geral da Diocese de Lamego; diretor espiritual dioce-

---

<sup>151</sup> O cargo de Vice-Reitor do Seminário é, em termos práticos, o que corresponde ao *exercício efetivo* da Reitoria, uma vez que o Reitor por direito é o Bispo Diocesano, embora geralmente não exerça diretamente esse poder, delegando-o num Vice-Reitor.

sano do Movimento dos Cursilhos de Cristandade; conselheiro espiritual das Equipas de Casais de Nossa Senhora; vice-presidente da Associação de Ajuda Mútua do Clero de Lamego; entre outros. Esta extensa lista, não sendo exaustiva, não tem outro objetivo senão ilustrar uma vasta e ampla experiência pastoral que o padre António Francisco dos Santos foi acumulando nos anos de presbítero em Lamego.

Foi neste contexto, e certamente graças a estas e outras qualidades, que, no dia 21 de dezembro de 2004, o papa João Paulo II comunicou, através do núncio apostólico, ao padre António Francisco dos Santos a sua decisão de o nomear bispo auxiliar de Braga. Assim, foi ordenado bispo (terceiro grau do sacramento da ordem) no dia 19 de março de 2005, na Sé Catedral de Lamego, com o título de bispo titular de Magnetum<sup>152</sup>. O seu lema episcopal foi «In manus Tuas», reproduzindo, em língua latina, um excerto do versículo que, na narração do Evangelho da Paixão segundo São Lucas, contém as últimas palavras de Jesus na cruz: «Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito» (Lc 23,46b)<sup>153</sup>.

Na Conferência Episcopal Portuguesa, ocupou diferentes cargos relacionados com pelouros relativamente distintos: sobretudo a educação cristã (catequese e escolas católicas) e as vocações e ministérios (seminários, diaconado permanente e vocações), tendo talvez por denominador comum, na nossa análise, o trabalho com a juventude e as instituições de formação e educação. Logo no ano de 2005, aquando da sua ordenação episcopal, foi eleito Presidente da Comissão Episcopal Vocações e Ministérios, cargo que exerceu por dois mandatos, até ao ano de 2011. Em 2008, foi eleito como vogal da Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé, a que depois virá a presidir de 2011 a 2014. De 2014 até à data de sua morte, António Francisco dos Santos era membro (vogal) do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa.

Em Braga, António Francisco dos Santos esteve de 2004 a 2006, até ter sido nomeado, a 21 de setembro de 2006, bispo diocesano de Aveiro para suceder a D. António Baltasar Marcelino que, nesse mesmo dia, perfazia setenta e seis anos, em que ultrapassava já por um ano a idade máxima na qual os bispos devem pedir a sua renúncia do cargo de bispo diocesano. D. António Francisco só assume a diocese de Aveiro passados cerca

---

<sup>152</sup> É um uso comum na Igreja Católica atribuir aos bispos auxiliares o «título» de uma diocese extinta, como se fora a sua própria diocese. Trata-se de um costume que visa manter o princípio de univocidade entre um bispo e uma diocese. Devemos também referir que Magnetum, a diocese titular atribuída a António Francisco dos Santos enquanto auxiliar em Braga, crê-se que teria sede na atual paróquia de Meinedo, no concelho de Lousada, diocese do Porto, a que viria a servir, como bispo diocesano, anos mais tarde.

<sup>153</sup> Sobre o lema episcopal de António Francisco dos Santos, veremos mais amiúde no ponto seguinte.



de dois meses e meio, a 08 de dezembro de 2006, data da sua entrada solene. O período entre 2006 e 2014, em que ocupa a sede aveirense, é o mais longo do episcopado de António Francisco dos Santos o que, como veremos, se reflete na maior abundância relativa de fontes que correspondem a este período. Entre os marcos mais importantes da sua passagem por esta diocese, salienta-se, em 2013, a celebração dos setenta e cinco anos da restauração da diocese de Aveiro (extinta numa reorganização canónica em 1845 e restaurada em 1938, pelo Papa Pio XI).

A última etapa da sua vida começa no dia 21 de fevereiro de 2014, quando é nomeado pelo Papa Francisco para bispo do Porto, sucedendo assim a D. Manuel Clemente que, entretanto, fora transferido para Lisboa, a fim de ser Patriarca na sucessão de D. José da Cruz Policarpo. D. António Francisco assume a diocese portugalense, a maior de Portugal em número de habitantes, no dia 6 de abril de 2014, o quinto domingo da quaresma, data da sua entrada solene na Sé Catedral do Porto. Durante pouco mais de três anos, serviu dedicadamente a diocese do Porto, até que no dia 11 de setembro de 2017 sucumbe a um enfarte que põe, repentinamente, termo à sua vida; foi sepultado na Sé Catedral do Porto, na cripta da Capela de São Vicente.

#### *a) a caridade como projeto pessoal de vida*

A análise detalhada do percurso biográfico de António Francisco dos Santos – ainda assim muito longe de ser um elenco exaustivo de um percurso de sessenta e nove anos de vida – permite-nos, entre outros, perceber a sua variadíssima experiência pastoral, a diversidade de influências que determinaram o seu estilo e forma de pensar, mas sobretudo os contextos da sua atuação, pessoal e pastoral, e de muitos dos seus escritos.

Um dos filões que nos permite uma aproximação ao centro da nossa análise consiste em olhar retrospectivamente para a tônica que António Francisco dos Santos, conscientemente, colocou no tema da caridade enquanto projeto de vida, quer pessoalmente, quer como desejo e proposta para os dinamismos sociais onde se inseriu, especialmente nos âmbitos diocesanos. Encontramos pistas dessa reflexão nas suas declarações programáticas, especialmente naquelas que dirigiu no início do seu ministério episcopal, quer em Aveiro, quer no Porto, assim como em entrevistas e outras declarações onde desenvolveu a sua perspectiva, em relação a si mesmo e a esses espaços, humanos e geográficos.

Logo em 2006, na sua mensagem de saudação à diocese de Aveiro, no mesmo dia em que é sabida a sua nomeação para suceder a D. António Baltasar Marcelino, no dia 21 de setembro, escreve aos seus diocesanos explicitando o seu projeto pastoral, ao mesmo tempo refletindo a sua postura, mas também o estilo próprio que deseja emprestar à sua nova comunidade diocesana, enformada no testemunho do amor:

«Apresento-me despojado, sem planos nem programas, animado por um único desejo: escutar o Senhor, anunciar a sua Palavra, testemunhar o Seu amor, servir com Ele (cf. Mt 20,28) e, convosco, continuar a construir uma Igreja serva, em nome d'Aquele que sempre assumiu como servo (cf. Lc 22,27).»<sup>154</sup>

O recém-nomeado bispo de Aveiro apresenta-se como um bispo «sem planos nem programas»; ou melhor: o seu único plano ou programa é exatamente «testemunhar o [...] amor» do Senhor, «servir com Ele», colocando aí todo o centro da sua ação e a razão de ser do seu ministério. Note-se que António Francisco dos Santos não está a elaborar sobre a importância do testemunho da caridade no ministério episcopal (diríamos, em abstrato), mas está a falar de si mesmo e do seu modo de ser bispo, no lugar programático que deu à caridade na sua vida pessoal, e também enquanto bispo, dimensões totalmente indissociáveis a dado momento da sua vida.

De forma mais explícita, volta a reafirmar esse projeto de vida centrado na caridade na homília que proferiu na celebração da sua entrada solene na diocese de Aveiro, a 08 de dezembro de 2006, quando concretiza as expressões dessa caridade com que se apresenta no seu modo de atuar, com solicitude e solidariedade, em favor dos mais necessitados, pela doença, pobreza, sofrimento e solidão:

«O meu pensamento e a minha oração colocam, desde esta primeira hora, no Coração de Deus, de todos quantos, fragilizados pelo sofrimento, pela doença ou pelas incertezas e provações da vida, não estão connosco, mas a quem eu me sinto enviado, com os mesmos sentimentos do bom samaritano do Evangelho (Lc 10,29-37). Volto-me, assim, com redobrado afeto, para os pobres e doentes, para os idosos sem ninguém e para as vítimas da injustiça e da violência, do esquecimento, da solidão, do abandono. Para todos vós, queridos irmãos, orientarei, em permanência, a minha solicitude pastoral e a minha solidariedade cristã.»<sup>155</sup>

---

<sup>154</sup> A.F. SANTOS, «Saudação à Diocese de Aveiro», *Igreja Aveirense* 2 (2006) 95.

<sup>155</sup> A.F. SANTOS, «Homília de entrada na Diocese de Aveiro, Solenidade da Imaculada Conceição, Sé Catedral de Aveiro», *Igreja Aveirense* 2 (2006) 102.

A sua atitude modela-se, nesta descrição, a partir da figura do Bom Samaritano, evocando a célebre narrativa lucana (*cf.* Lc 10, 30-37), colocada na boca do próprio Jesus Cristo, que é apresentada, na sequência do Evangelho, precisamente como uma ilustração do amor ao próximo. Neste modelo consiste, como afirma o biblista Joaquim Jeremias, a lei nova do amor, que se impõe àqueles que aceitam participar no Reino que desponta na pessoa de Jesus: esse amor, expresso na parábola do Bom Samaritano, é incondicional, desinteressado e feito mais de obras do que sentimentos e palavras, e é a autêntica espinha dorsal da vida do discípulo, que se ramifica em todas as dimensões da sua vida<sup>156</sup>. De facto a caridade assume-se, no projeto pessoal de vida de António Francisco dos Santos, como algo muito concreto, que se dirige, num «redobrado afeto», aos «pobres e doentes, [...] idosos sem ninguém, [...] vítimas da injustiça e da violência, do esquecimento, da solidão e do abandono», nas palavras que acabámos de citar.

Oito anos mais tarde, em 2014, por ocasião da sua nomeação como bispo do Porto, dirige-se aos seus novos diocesanos, numa mensagem de saudação, em termos que estão em linha de continuidade com esta forma de pensar.

«Apenas quem serve com amor e ternura, que são as linhas do rosto de compaixão e de misericórdia de Deus, é capaz de cuidar, de proteger, de promover e de salvar o seu Povo. Por isso, irmãos e irmãs, ajudai-me a ser pastor ao jeito do coração de Deus e a seguir em todos os passos o exemplo de Cristo, o belo e bom Pastor.»<sup>157</sup>

Aqui, encontramos a referência ao “coração de Deus” (que também já constava na sua homilia na entrada na diocese de Aveiro, que vimos acima), sede dos mesmos sentimentos de Jesus, mas que por sua vez se concretizam, se realizam em gestos concretos de cuidado, proteção, promoção e salvação. Percebemos mais claramente como o serviço da caridade, à imagem de Jesus Cristo, é um desígnio totalizante da sua vida, lapidariamente inscrito no uso do verbo ser («ajudai-me a ser»).

Por fim, podemos também, e talvez de forma mais sistemática, encontrar esta opção de vida norteadada pela caridade em António Francisco dos Santos, no próprio mote ou lema que elegeu para o seu brasão episcopal. De facto, sabemos que as armas episcopais não querem tanto manifestar, para quem as possui, honras ou privilégios na hierarquia

---

<sup>156</sup> J. JEREMIAS, *La teología del Nuevo Testamento. I. La predicación de Jesús*, Sígueme, Salamanca, 1974, 248-250.

<sup>157</sup> A.F. SANTOS, «Homilia na entrada solene na Diocese do Porto, Catedral do Porto, 6 de abril de 2014», *Igreja Portucalense* 34 (2014) 52.

social; testemunham, antes, um programa de vida, assumindo-se como compromisso público desse programa, nomeadamente através do mote nele inscrito.

O mote escolhido por António Francisco dos Santos, logo em 2004 quando foi nomeado bispo auxiliar de Braga, foi «IN MANUS TUAS», perícope latina que pode ser traduzida para a língua portuguesa como «nas tuas mãos». Este lema reverbera as últimas palavras de Jesus Cristo pregado na cruz, segundo o relato do Evangelho de São Lucas (cf. Lc 23, 46). Essa mesma referência foi reafirmada por António Francisco dos Santos na sua mensagem à diocese do Porto, aquando da sua nomeação em 2014:

«IN MANUS TUAS é o lema episcopal que escolhi, quando o Papa João Paulo II, me chamou a ser bispo auxiliar de Braga e titular de Meinedo. Renovei este mesmo compromisso diante do Papa Bento XVI quando me enviou para Aveiro. É com igual verdade que agora o afirmo diante do Papa Francisco. Este lema e os sentimentos que ele exprime unem-me a Cristo e à Sua Cruz e colocam-me sob o olhar terno da Mãe de Jesus, Senhora da Assunção, nossa Mãe e Padroeira.»<sup>158</sup>

O momento da crucifixão e morte de Jesus trata-se, no seio de revelação cristã, do momento derradeiro e definitivo da manifestação do amor de Deus pela humanidade. Esse mesmo amor definitivo quis António Francisco dos Santos expressar e assumir de forma programática na sua vida. Não se tratou de um programa temporário, mas definitivo, uma vez que manteve sempre o mesmo mote pelas diversas dioceses onde passou, precisamente com essa intenção; em entrevista à Rádio Renascença, também em 2014, pouco antes de entrar na diocese do Porto como novo bispo, declara: «É um lema que me acompanha em todo o meu caminho de cristão, de irmão, de servidor e de bispo»<sup>159</sup>.

#### *b) a caridade como projeto para a Igreja e para a sociedade*

A tónica colocada na caridade por António Francisco dos Santos não se plasmou apenas no âmbito pessoal, mas também social e, concretamente, eclesial e diocesano, na forma como pensou e propôs essas mesmas realidades. Noutro ponto mais adiante da nossa exposição, iremos retornar a este tema, debruçando-nos sobre os planos diocesanos de

---

<sup>158</sup> A.F. SANTOS, «Mensagem à Diocese do Porto», *Igreja Portucalense* 34 (2014) 49-50.

<sup>159</sup> A.F. SANTOS, «Novo bispo de Porto quer ser ‘apóstolo da bondade, da proximidade e da simplicidade’», entrevistado por Eunice Lourenço, Rádio Renascença, 21 de fevereiro de 2014.

pastoral, em Aveiro e no Porto, durante o episcopado de António Francisco dos Santos; por agora, basta-nos sublinhar alguns traços gerais.

No que concerne à *Igreja e às instituições e movimento eclesiais*, António Francisco dos Santos foi, ao longo do seu ministério, declinando uma mesma ideia, que podemos ver condensada na seguinte afirmação: «toda a missão, em Igreja, se resume a isso: anunciar o amor infinito com que Deus nos ama»<sup>160</sup>. Já no seu episcopado em Aveiro, tivera a iniciativa de um quinquénio pastoral, sob o lema “Igreja diocesana renovada na caridade é esperança no mundo”, em que pedia «uma atenção especial à Caridade, pretendendo que a Igreja diocesana tome consciência da sua importância e se deixe renovar por ela»<sup>161</sup>. A caridade é, portanto, não apenas o núcleo da missão da Igreja, mas também a sua instância e critério de renovação, rumo ao que designava como uma “igreja da caridade”<sup>162</sup>.

A caridade, numa perspetiva pastoral, não era para António Francisco dos Santos um objetivo a atingir ou atividade a realizar, mas um modo próprio de ser Igreja, uma «pedagogia pastoral»<sup>163</sup> que exige e conduz à corresponsabilidade entre os diversos setores e níveis da vida eclesial<sup>164</sup>.

No que concerne à *sociedade civil e à cultura contemporânea*, António Francisco dos Santos também concedia um lugar central à caridade, apelando à implementação de uma autêntica “cultura da caridade”:

«Certo de que imperativo da caridade não se esgota nunca, sentimos que o trabalho pastoral ao longo do ano realizado deve ampliar-se, alargar-se e consolidar-se. A sociedade atual precisa desta cultura da caridade que nasce no coração de Comunidades reunidas para celebrar a Eucaristia, Sacramento da caridade e dom de Deus para a vida do mundo.»<sup>165</sup>

---

<sup>160</sup> A.F. SANTOS, «Homilia na Festa de S. Brás, Igreja matriz de Frazão, 3 de fevereiro de 2015», *Igreja Portucalense* 37 (2015) 73-76.

<sup>161</sup> A.F. SANTOS, «Igreja de Aveiro: âncora e farol de esperança, Festa da Natividade da Virgem Santa Maria, Aveiro, 8 de setembro de 2008», *Igreja Aveirense* 4 (2008) 83.

<sup>162</sup> A.F. SANTOS, «Apresentação do Plano Diocesano da Pastoral Socio-Caritativa, Aveiro, Seminário de Santa Joana Princesa, 5 de outubro de 2009», *Igreja Aveirense* 5 (2009) 21.

<sup>163</sup> «Vamos continuar este esforço pastoral numa nova perspetiva como quem encontra “no serviço da caridade” a chave que nos abre o horizonte de uma nova pedagogia pastoral que nos vai mobilizar ao longo dos próximos anos.» A.F. SANTOS, «Dia da Igreja Diocesana, Santuário de Nossa Senhora de Vagos, Aveiro, 29 de junho de 2008», *Igreja Aveirense* 4 (2008) 49.

<sup>164</sup> A.F. SANTOS, «Homilia na Dedicção da Catedral e abertura do Ano Pastoral, Igreja Catedral, 9 de setembro de 2014», *Igreja Portucalense* 34 (2014) 40.

<sup>165</sup> A.F. SANTOS, «Dia da Igreja Diocesana, Santuário de Nossa Senhora de Vagos, Aveiro, 29 de junho de 2008», *Igreja Aveirense* 4 (2008) 49.

Esta consiste num imenso desafio à Igreja atual, que requer um movimento de abertura, de diálogo e de caminho conjunto, para «acolher os que procuram Deus, de tantas formas e por caminhos tão diversos»<sup>166</sup>. O reconhecimento de uma grande multiplicidade de caminhos para chegar a Deus é, por si mesma, uma atitude que brota dessa caridade que busca encontrar mais os pontos de convergência do que os de divergência, não apenas num sentido puramente conciliador, mas numa lógica de diálogo, de proposta, de crítica construtiva que se torna em instrumento e caminho de evangelização.

A implementação de uma “cultura da caridade” é, em primeiro lugar, um dever da Igreja, enquanto comunidade dentro da comunidade; mas não deixa de ser uma necessidade da própria sociedade contemporânea, a braços com as suas limitações e contradições. Numa programática homilia no Encontro Nacional de Leigos<sup>167</sup>, na cidade do Porto, em janeiro de 2015, António Francisco dos Santos denunciou uma sociedade que valoriza mais o “ter” do que o “ser”, que educa para a rivalidade, para a afronta e para a violência, que busca a liberdade com objetos comprados com o dinheiro, «mas que o amor de Deus, o afeto do coração e a dádiva da vida não trabalharam suficientemente». Ora, prossegue, «sabemos [...] que só a força do amor de Deus dá sentido à vida humana e abre caminho ao futuro da sociedade». Por isso, a Igreja deve ser uma «luz colocada no candelabro da cultura do nosso tempo», de modo a evangelizá-la e, assim, alargar-lhe os horizontes, de tal modo que a nossa sociedade se torne «pátria das bem-aventuranças do Evangelho». Esta é uma poderosa síntese do que António Francisco dos Santos compreende ser a cultura de caridade, de forma muito operativa e concreta, na prática das bem-aventuranças, numa sociedade renovada à luz do homem novo do Evangelho.

## **2.2. A caridade brota da oração**

Depois de, numa primeira etapa, fazermos uma breve análise do percurso biográfico de António Francisco dos Santos – o seu itinerário pessoal, formativo e pastoral que em muito influenciou o seu modo de pensar e de atuar – e de sublinharmos, através de diversas fontes documentais, a centralidade que ele concedia à caridade tanto no seu projeto

---

<sup>166</sup> A.F. SANTOS, «Homilia na igreja de Santa Maria do Marco de Canaveses, 10 de julho de 2016», *Igreja Portucalense* 41 (2016) 91-94.

<sup>167</sup> A.F. SANTOS, «Homilia no Encontro Nacional de Leigos. Igreja de S. Francisco, 24 de janeiro de 2015», *Igreja Portucalense* 37 (2015) 57-60.

peçoal de vida, como na sua visão e na sua proposta para a Igreja e para a sociedade como um todo, avançamos agora no sentido de compreender o próprio conceito de caridade, não tanto num plano teórico, mas no modo concreto e prático da sua concretização. Um dos primeiros degraus por onde descemos essa escada em direção a uma compreensão mais profunda da caridade segundo António Francisco de Santos é olharmos às suas causas e aos seus efeitos.

Em diversas circunstâncias, António Francisco dos Santos deixou patente que a caridade brota da relação com Deus, que se dá na oração, e em especial na oração da Igreja por excelência: a eucaristia.

«Só a prioridade dada à oração e a centralidade oferecida à celebração quotidiana da Eucaristia, continuada na adoração Eucarística, nos permitirão viver com generosidade e com alegria uma vida de santidade...»<sup>168</sup>

E noutra ocasião, acrescenta:

«A eucaristia, na palavra proclamada, no Pão repartido e na Comunidade reunida, é o lugar donde procede a vitalidade da Igreja e para o qual convergem todas as nossas atividades de missão, de evangelização, de catequese, de formação, de culto a Deus e de serviço na caridade aos irmãos.»<sup>169</sup>

A experiência da oração, que pela espiritualidade cristã nos introduz na intimidade com Deus, é o húmus fértil donde germina a caridade. Não se trata, portanto, de um sentimento voluntarioso, de um estado de alma, mas de algo que se trabalha, que se alimenta e que se faz crescer por uma vida ativa e intensa de oração. António Francisco dos Santos de certa forma, antecipa a sensibilidade do papa Bento XVI manifestada na sua encíclica *Caritas in veritate*, em 2009, quando declara que «O amor – “caritas” – é uma força extraordinária [...] é uma força que tem a sua origem em Deus»<sup>170</sup> que «sem verdade, [...] cai no sentimentalismo»<sup>171</sup>, algo que só se alcança «com os braços levantados para Deus em

---

<sup>168</sup> A.F. SANTOS, «Dia Mundial de Oração pela Santificação dos Sacerdotes, “Viver e testemunhar a Santidade”, 21 de maio de 2008», *Igreja Aveirense* 4 (2008) 14.

<sup>169</sup> A.F. SANTOS, «Homilia na celebração da Ceia do Senhor, Sé de Aveiro, 9 de abril de 2009», *Igreja Aveirense* 5 (2009) 42.

<sup>170</sup> BENEDICTUS PP. XVI, *Caritas in Veritate*, 1, in *AAS* 101 (2009) 641-642.

<sup>171</sup> *Ibidem*, 3, in *AAS* 101 (2009) 642-643.

atitude de oração»<sup>172</sup>. A verdade na caridade – ou poderíamos nós dizer, sem abuso de linguagem, a caridade de verdade – resulta dessa vida intensa de oração, não apenas como alimento em ordem à sua quantidade, mas também como impulso de verticalidade, ou de verdade, em ordem à sua qualidade.

No centro de toda a vida de oração está o sacramento da eucaristia, que é, também nas palavras do papa Bento XVI, o “sacramento da caridade”<sup>173</sup>, expressão frequentemente utilizada por António Francisco dos Santos<sup>174</sup>. Neste ponto, retoma também o ensinamento conciliar, ao recordar que a eucaristia é fonte e cume da vida cristã<sup>175</sup>, como pudemos verificar no último excerto que transcrevemos acima, de uma homilia sua: «A eucaristia [...] é o lugar donde procede a vitalidade da Igreja e para o qual convergem todas as nossas atividades de missão»<sup>176</sup>.

A oração instaura um “diálogo de amor” entre o cristão e Deus, que torna Deus presente e nele se alicerça todo o trabalho pastoral<sup>177</sup>. Esta dinâmica pende com maior importância sobre os sacerdotes e demais agentes pastorais, porque o seu amor é um amor «cujo destinatário imediato é a comunidade eclesial»<sup>178</sup> ao qual são chamados a dar testemunho, acima de tudo, do próprio amor de Deus, cuja experiência apenas se pode fazer no seio de uma relação de intimidade na oração.

### 2.3. Da caridade nascem as instituições

Se a oração é, em certo sentido, a causa necessária ou origem da caridade, segundo o pensamento de António Francisco dos Santos, descemos agora mais um degrau nesta escada de compreensão para considerar como as instituições – sejam elas eclesiais ou não

---

<sup>172</sup> *Ibidem*, 79, in *AAS* 101 (2009) 708-709.

<sup>173</sup> BENEDICTUS PP. XVI, *Sacramentum caritatis*, 1, in *AAS* 99 (2007) 105.

<sup>174</sup> Por exemplo, em A.F. SANTOS, «Dia da Igreja Diocesana, Santuário de Nossa Senhora de Vagos, Aveiro, 29 de junho de 2008», *Igreja Aveirense* 4 (2008) 49.

<sup>175</sup> SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Constitutio de Sacra Liturgia (Sacrosanctum Concilium)*, 10, in *AAS* 56 (1964) 102.

<sup>176</sup> A.F. SANTOS, «Homilia na celebração da Ceia do Senhor, Sé de Aveiro, 9 de abril de 2009», *Igreja Aveirense* 5 (2009) 42.

<sup>177</sup> A.F. SANTOS, «Homilia na Celebração do Crisma e Encerramento de Visita Pastoral, Vilarinho do Bairro, 15 de novembro de 2009», *Igreja Aveirense* 5 (2009) 55-56.

<sup>178</sup> A.F. SANTOS, «Homilia na Missa Crismal, Sé Catedral do Porto, 17 de abril de 2014», *Igreja Portuguesa* 34 (2014) 63-68.



– são, por outro lado, um dos seus efeitos mais relevantes. Não parece uma associação imediata o impacto que a caridade pode ter sobre as instituições sociais, não um impacto imediato e superficial, mas persistente e genético, e por isso sublinhamos este ponto.

Numa entrevista ao jornal *Correio do Vouga*, em dezembro de 2006, poucos dias depois da sua entrada solene como novo bispo de Aveiro, explica como as instituições necessárias à vida da Igreja e ao serviço das pessoas não nascem da ação direta, neste caso, do bispo ou do pastor, mas são mediadas pela generosidade de coração que se desperta com um atitude de serviço:

«Venho para servir as pessoas e acredito que da generosidade do seu coração e da dedicação do seu trabalho nascerão as estruturas indispensáveis à vida da Igreja, ao anúncio do evangelho e ao serviço dos pobres. Essa é a nossa missão. O resto virá por acréscimo.»<sup>179</sup>

Este é o primeiro conteúdo da missão evangelizadora a que Jesus Cristo nos envia: a caridade na verdade, o exercício de ousadia da caridade junto de todos os que mais precisam. A partir dessa disposição interior que se desdobra em atitude exterior se alicerçam e renovam as estruturas, onde habitem os valores cristãos. Será importante frisar que ao se referir às estruturas e as instituições, António Francisco dos Santos nunca distingue se se tratam de estruturas e instituições apenas eclesiais, ou se abrangem as diferentes estruturas sociais, o que nos leva a concluir, sem nada em contrário, pela segunda hipótese:

«O Senhor envia-nos em missão de caridade na verdade, ensinando-nos a darmos de verdade e a partilhar e partilhar com solidariedade sobretudo com os mais pobres. Sabemos que vivemos num mundo a braços com injustiças flagrantes, onde a pobreza, o desemprego, os salários menores são aviltantes face às necessidades urgentes das famílias. Oxalá a Igreja saiba e possa estar sempre com o seu servir solidário e no exercício da ousadia da caridade junto de todos os que precisam. O Senhor envia-nos em missão de evangelização aos nossos ambientes, para vertebrar formas novas e estruturas diferentes de viver, onde os valores cristãos sejam assumidos e onde Deus encontre lugar.»<sup>180</sup>

---

<sup>179</sup> A.F. SANTOS, «Entrevista a D. António Francisco ao *Correio do Vouga*, 13 de dezembro de 2006», *Igreja Aveirense* 2 (2006) 125.

<sup>180</sup> A.F. SANTOS, «Homilia na eucaristia do Jubileu do Movimento dos Cursilhos de Cristandade na Diocese de Aveiro, 19 de setembro de 2010», *Igreja Aveirense* 6 (2010) 33.

Ao contrário de onde nos levaria uma primeira intuição, de que apenas pode haver justiça e bondade dentro de instituições boas e justas – e que portanto o primeiro filão de ação teria de passar por uma reforma das instituições – António Francisco dos Santos dá um passo atrás para buscar a própria raiz da bondade e da justiça das instituições, renova-as segundo o desígnio da caridade, que mais não pode ser do que o próprio coração dos homens e mulheres de cada tempo. Porém, a caridade não é apenas uma etapa prévia à fundação e renovação das estruturas e instituições, mas o seu alimento constante e o critério fundamental que permite o discernimento da sua verdade e autenticidade:

«Disse, no dia da minha entrada na Diocese, aqui bem perto, na Sé, que queria dedicar-me ao serviço dos mais pobres. Só o conseguirei com a vossa ajuda se formos capazes de criar dinamismos necessários para que todos os cristãos adquiram consciência de que a caridade é o sinal maior da vida dos cristãos e manifesta a autenticidade e a verdade da vida das comunidades.»<sup>181</sup>

Podemos afirmar que é através de um permanente confronto com a caridade e as suas exigências que as instituições vão evoluindo no sentido de alcançar uma autêntica correspondência com aqueles e aquelas que desejam servir. O exemplo das Misericórdias é paradigmático, ao encontro do qual foi António Francisco dos Santos, sobretudo no âmbito do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, convocado pelo papa Francisco entre dezembro de 2015 e novembro de 2016. No prefácio a uma publicação patrocinada pela Santa Casa da Misericórdia do Porto, dedicada às catorze obras de misericórdia, declarou:

«Acompanham-me neste sonho homens e mulheres que, individualmente ou em família, em instituições ou organizações, de que as Santas Casas da Misericórdia são as mais paradigmáticas no nome e na missão, trabalham para que diariamente se cumpram as 14 Obras de Misericórdia corporais e espirituais; homens e mulheres, testemunhas de fé, portadores de estandartes de misericórdia e possuidores de um coração de bondade, que multiplicam diariamente milagres de misericórdia. São homens e mulheres a quem Portugal muito deve!»<sup>182</sup>

Aquilo que nas Santas Casas da Misericórdias é paradigmático, estende-se a todas as instituições e estruturas de uma forma ou de outra: elas são a concretização dos sonhos daqueles que as constituem e as animam, são o desdobramento e a extensão dos seus “estandartes de misericórdia” e do seu “coração de bondade”. Pertence de forma genética

---

<sup>181</sup> A.F. SANTOS, «Homilia do Senhor D. António na Igreja de Santa Clara, matriz da Paróquia da Sé, 5 de julho de 2014», *Igreja Portucalense* 35 (2014) 121-124.

<sup>182</sup> A.F. SANTOS, «Prefácio», in AA.VV., *As catorze obras de misericórdia*, Alêtheia Editores, Lisboa, 2016, 8-9.

às instituições e às estruturas este lastro ou raiz profunda que as alimenta e faz crescer e lhes permite dar frutos; de outro modo, falta-lhe sentido, tornam-se entidade ocas, meros sistemas burocráticos.

#### **2.4. Algumas notas essenciais do conceito de caridade**

Ao introduzirmos este segundo capítulo, deixamos entender que não seria apropriado falar numa “teologia da caridade” em António Francisco dos Santos, pelo menos não em sentido positivo, pois nunca ele a elaborou como tal. Daí resulta, por exemplo, que não encontramos nos seus escritos uma definição de caridade; todavia, podemos, a partir do que nos deixou, ver sem dúvida refletida uma noção de caridade com traços bastante peculiares. Neste ponto do nosso programa, procuraremos, segundo a nossa interpretação e deixando margem para outras leituras, mas sempre partindo de fontes concretas, apresentar uma grelha de alguns vetores que nos parecem estruturantes desse conceito.

Em jeito de abertura de mais um degrau em direção a uma compreensão mais profunda do tema da caridade em António Francisco dos Santos, podemos recordar uma bela expressão que nos deixou numa homilia no ano de 2014, talvez ainda reverberando o tema pastoral da diocese de Aveiro que há pouco havia deixando, na festa de São Cosme e de São Damião, na paróquia de Gondomar:

«O amor humano e cristão consiste em ocupar-se; cuidar; partilhar; compreender; ser presente; estar atento; saudar; falar; perdoar; dar-se aos outros. É lutar por novos modelos de sociedade, onde a proximidade se substitua à solidão; onde a fraternidade assuma o lugar da concorrência; onde o respeito pela diferença religiosa se afirme como um direito; onde a repartição dos bens tenha primazia diante da concentração excessiva na posse de poucos; onde a justiça, o respeito e o carinho pelos que sofrem estejam primeiro.»<sup>183</sup>

Esta descrição tão expressiva não se trata, evidentemente, de uma definição de caridade, mas os exemplos que se sucedem deixam entrever, ao mesmo tempo, algumas das características que lhe atribui, numa leitura muito pessoal. Desde logo, os termos do conceito de caridade não são teóricos, mas tratam de verbos que traduzem ações concretas, simples e quotidianas, ao alcance de todos: ocupar-se, cuidar, partilhar, compreender, ser

---

<sup>183</sup> A.F. SANTOS, «Homilia na Eucaristia da Festa de S. Cosme e Damião, Igreja Matriz de Gondomar, 6 de outubro de 2014», *Igreja Portucalense* 36 (2014) 73-75.

presente. Não se referem aqui moções internas, sentimentos ou disposições, nem se-quer um sistema de crenças nem convicções. Por fim, há um alcance da caridade ao mes-mo tempo interpessoal e também social, alcançando domínio tão vastos como a justiça social, a desigualdade económica e o diálogo e convivência inter-religiosa.

A partir deste e de outros excertos dos textos de António Francisco dos Santos, procuremos agora reunir esses traços fundamentais do seu esboço do conceito de caridade.

*a) a caridade, para a Igreja, não é um meio, mas um fim*

Um dos fios condutores que importa destacar, desde logo, dos escritos de António Francisco dos Santos, ainda antes de qualquer outro qualificativo em particular, é a compreensão do estatuto peculiar da caridade na identidade e na missão da Igreja. Muitos são sem dúvida os modelos que pretendem descrever e explicar o modo como a Igreja se organiza, os seus objetivos e a sua dimensão sociológica; entre tantos modelos e teorias, a caridade pode afigurar-se como uma entre outras tantas tarefas, porventura instrumentais em relação a outros objetivos primordiais, nomeadamente a evangelização. Todavia, para D. António não se pode considerar a caridade um meio para alcançar o que quer que seja – aceitação na opinião pública, consolidação de convicções, estratégias políticas – antes, a caridade deve ser acolhida e vivida como um fim em si mesmo, manifestação plena e viva da participação eclesial na realidade divina.

A 3 de fevereiro de 2015, numa homilia na festa de São Brás, na paróquia de Frazão, concelho de Paços de Ferreira, já como bispo do Porto, declara:

«Só conseguiremos cumprir esta missão se formos capazes de criar dinamismos necessários para que todos os cristãos adquiram consciência de que a alegria do evangelho nasce do encontro com Cristo e manifesta a autenticidade e a verdade da vida das comunidades. Temos consciência de que evangelizar é anunciar o amor de Deus e sentir a alegria do evangelho. Toda a missão, em Igreja, se resume a isso: anunciar o amor infinito com que Deus nos ama. Este amor exprime-se de forma plena e radical no amor com que Jesus Cristo nos amou, ao dar a sua vida por nós.»<sup>184</sup>

A caridade é, de facto, expressão do conteúdo da identidade e da missão da Igreja, e não um meio operativo, seja ele facultativo ou obrigatório, em todo o caso instrumental

---

<sup>184</sup> A.F. SANTOS, «Homilia na Eucaristia da Festa de S. Brás, Igreja Matriz de Frazão, 3 de fevereiro de 2015», *Igreja Portucalense* 37 (2015) 73-76.

em relação a outros fins. Esta primeira intuição deve permanecer no nosso horizonte ao olharmos transversalmente a outros aspetos da caridade no seu pensamento.

*b) a caridade é um processo*

Depois desta primeira nota, e regressando à citação que transcrevemos no início deste ponto<sup>185</sup>, podemos assinalar que um segundo traço ou nota essencial do conceito de caridade para António Francisco dos Santos é que se trata mais de um processo do que de um sentimento ou disposição ocasional, ou do que uma iniciativa isolada. Na verdade, podemos assinalar com os verbos que ele emprega na sua descrição referem-se, na sua maioria, a ações prolongadas no tempo: cuidar, ser presente, estar atento – entre as que podemos destacar para ilustrar esta ideia. Por outro lado, logo a seguir, ao referir-se à dimensão social da caridade, emprega a construção verbal «lutar por», reiterando o prolongamento no tempo que implica a caridade no concreto da vida: a proximidade, a fraternidade, a repartição das riquezas, a justiça, o respeito e o carinho não são realidade que se alcançam instantaneamente, nem se instauram por via de leis e convenções sociais, mas que exigem um autêntico processo, com empenho e sem dúvida complexo e demorado. A caridade instantânea, cristalizada num momento ou numa situação particular, e superficial, que não arranha o verniz do estado de coisas e não vai até à verdadeira raiz dos problemas sociais, não é a verdadeira caridade.

*c) a caridade é um encontro com os ausentes*

Um terceiro traço que poderíamos assinalar na busca de um esboço do conceito de caridade em António Francisco dos Santos é que, de certa forma, a caridade representa os ausentes, no sentido de ‘representar’ como trazer à presença, relembrar tornando presentes, aqueles que estão ausentes, por diversos motivos: pela fragilidade, pela doença, pelas circunstâncias da sua vida, pelas injustiças e violências da história, pelo esquecimento, e por todos os motivos que possam ter conduzido alguém a afastar-se da convivência e, por isso, da memória comunitária. Na homilia da sua entrada solene como bispo diocesano de Aveiro, a 8 de dezembro de 2014, António Francisco dos Santos declara:

---

<sup>185</sup> A.F. SANTOS, «Homilia na Eucaristia da Festa de S. Cosme e Damião, Igreja Matriz de Gondomar, 6 de outubro de 2014», *Igreja Portucalense* 36 (2014) 73-75.

«O meu pensamento e a minha oração colocam, desde esta primeira hora, no Coração de Deus, de todos quantos, fragilizados pelo sofrimento, pela doença ou pelas incertezas e provações da vida, não estão connosco, mas a quem eu me sinto enviado, com os mesmos sentimentos do bom samaritano do Evangelho (Lc 10, 29-37). Volto-me, assim, com redobrado afeto, para os pobres e doentes, para os idosos sem ninguém e para as vítimas da injustiça e da violência, do esquecimento, da solidão, do abandono. Para todos vós, queridos irmãos, orientarei, em permanência, a minha solicitude pastoral e a minha solidariedade cristã.»<sup>186</sup>

Neste momento decisivo e solene da sua entrada em Aveiro, o primeiro pensamento e a primeira oração dirigem-se a estes “ausentes”, com os mesmo sentimentos do bom samaritano. Já referimos, acima neste capítulo, a propósito da caridade assumida como projeto pessoal de vida por António Francisco dos Santos, que ele, de certa maneira, via configurada a sua experiência de caridade com o bom samaritano descrito nos evangelhos segundo São Lucas (*cf.* Lc 10, 19-37). Neste excerto, percebemos como a caridade, à luz desse mesmo modelo, se traduz concretamente num “ir ao encontro” daqueles que precisamente não estão presentes nesse encontro<sup>187</sup>. Em relação a esses, invisíveis, poderíamos simplesmente esquecê-los, ou aguardar que viessem ao encontro; mas a caridade não se limita àqueles que dela necessitam, antes impele, obriga a ir ao encontro, num movimento que torna presentes os ausentes.

#### *d) a caridade é encarnação, na continuidade de Jesus Cristo*

Um quarto aspeto da caridade em António Francisco dos Santos é a sua relação com o movimento descendente da encarnação de Deus-Filho em Jesus Cristo. Esta encarnação, inscrita num tempo e num lugar, numa História, numa sociedade e numa cultura, exige que o processo de aproximação, que torna Deus um Deus-connosco, seja ao mesmo tempo um movimento de abaixamento (ou *kenosis*), de descida ao concreto, que inclui a assunção de todas as características e exigências das outras pessoas que, por esse mesmo movimento, se tornam semelhantes a nós.

Do mesmo modo, António Francisco dos Santos entende essencial que a caridade seja também ela uma descida, uma encarnação no concreto da realidade a que somos con-

---

<sup>186</sup> A.F. SANTOS, «Homília de entrada na Diocese de Aveiro, Solenidade da Imaculada Conceição, Sé Catedral, 8 de dezembro de 2006», *Igreja Aveirense* 2 (2006) 102.

<sup>187</sup> Podemos identificar aqui algumas afinidades com a preocupação com as “periferias” manifestada pelo Papa Francisco em diversos dos seus documentos.

vocados em virtude da nossa vocação e missão, concretamente no contexto pastoral. Não cessou de afirmar isso em diversas circunstâncias, como numa intervenção logo a seguir à sua entrada como bispo diocesano, no Parque de Exposições de Aveiro, em 2006:

«Por onde passei, procurei sempre identificar-me com as pessoas e terras que servi, das encostas de Montemuro às margens do Douro, de Paris a Lamego, da minha diocese de origem à arquidiocese de Braga, onde iniciei o ministério episcopal e agora nesta querida diocese de Aveiro onde sou enviado como bispo diocesano [...] quero ser próximo de todos, conhecer as terras e as gentes, sentir as alegrias e as esperanças e partilhar as tristezas e as dores de cada um.»<sup>188</sup>

A caridade que assumiu como projeto de vida implicou, no desempenho do seu ministério de pastor, uma proximidade que não se deu apenas nos espaços físicos, antes se dilatou ao espaço dos afetos e dos projetos, das convicções, dos anseios e dos pontos de vista, de uma profunda sintonia que o levou a ser “um entre os outros”. Em Aveiro, declarou, também no início do seu ministério como bispo diocesano, que «quero ser aveirense convosco, viver ao ritmo do trabalho da vida e da cultura», nomeadamente em «cultivar uma sã colaboração» com os poderes públicos; dois dias depois, a 10 de dezembro de 2006, numa visita ao hospital Infante D. Pedro, das primeiras visitas que realizou naquela diocese, declara que «Quis que o meu primeiro gesto, como Bispo de Aveiro, fosse aqui. Assumo as vossas mágoas, partilho as vossas dores [...]»<sup>189</sup>.

*e) a caridade é um gastar a vida e sujar as mãos*

Quase como em desdobramento do ponto anterior, no que se refere à caridade como encarnação (descida ou *kenosis*) num tempo e num espaço muito concretos, “um com os outros” semelhantes, podemos entrever em António Francisco dos Santos um quarto aspeto: a caridade implica uma encarnação que não se fica por uma simples sintonia afetiva ou intelectual; pelo contrário, exige um envolvimento concreto e integral na realidade que se coloca diante de cada um, o mesmo é dizer, “gastar a vida”. Usando uma expressiva afirmação de D. António na apresentação do plano diocesano de pastoral, na diocese de

---

<sup>188</sup> A.F. SANTOS, «Intervenção no parque de Exposições de Aveiro, 9 de dezembro de 2006», *Igreja Aveirense* 2 (2006) 110.

<sup>189</sup> A.F. SANTOS, «Fotobiografia 2006-2014», *Correio do Vouga*, edição de 19 de março de 2006.

Aveiro, para o quinquénio 2008-2013: uma «caridade cristã [...] afetiva e efetiva»<sup>190</sup>, isto é, que não se fica apenas pelos afetos, mas que se deixa afetar efetivamente.

Na apresentação desse mesmo plano pastoral diocese, no Seminário de Santa Joana Princesa, na cidade de Aveiro, a 5 de outubro de 2009, explica de modo mais preciso esta dimensão da caridade ao afirmar:

«Ser Igreja da Caridade significa: anunciar este Deus que é Pai e amor que caminha connosco na história e nos conduz para a sua Vida e para a Eternidade; denunciar tudo o que impede a realização da dignidade humana e a promoção da justiça social; exercer no dia a dia a caridade, em gestos fraterno de acolhimento, em atitudes solidárias de vizinhança, em atenção solícita aos mais pobres, aos doentes e aos que vivem momentos de provação; gastar a vida e sujar as mãos na transformação da vida dos homens e das nossas comunidades.»<sup>191</sup>

Notamos a progressão que António Francisco dos Santos imprime ao descrever a “Igreja da Caridade”: certamente, a sua missão começa por «anunciar» a mensagem do Evangelho, a sua boa notícia; e ao mesmo tempo, deve «denunciar» o que fere, contraria e dificulta que essa boa notícia se concretize na vida das pessoas e das comunidades a quem ela se dirige. Mas certamente não fica por aí, ou seja, a caridade não se limita a uma intenção, a uma manifestação de vontade, mas entra pela realidade dentro para «exercer no dia a dia a caridade», a ponto de «gastar a vida» e «sujar as mãos» em prol da vida daqueles a quem se é enviado. Contraria-se assim uma ideia de caridade (e de fé) demasiado higiénica, que se coíbe de um compromisso histórico concreto.

#### *f) a caridade centra-se no serviço aos mais pobres*

Seria de certa forma uma ilação dos dois pontos anteriores saber de facto qual é o centro nevrálgico da caridade, quer em sentido teórico, quer prático, que para António Francisco dos Santos se identifica totalmente com o serviço aos mais pobres, aos necessitados, aos carenciados, aos injustiçados do nosso sistema social, político e económico. Toda a forma de caridade que, de uma maneira ou de outra, se esquive ou se desfoque dos pobres não é verdadeira caridade.

---

<sup>190</sup> A.F. SANTOS, «O serviço da caridade é uma sábia e santa forma de evangelizar», *Igreja Aveirense* 3 (2007) 76.

<sup>191</sup> A.F. SANTOS, «Apresentação do Plano Diocesano da Pastoral Socio-Caritativa, Aveiro, Seminário de Santa Joana Princesa, 5 de outubro de 2009», *Igreja Aveirense* 5 (2009) 21.



Num dos seus discursos mais programáticos, na Sé Catedral de Aveiro, a 8 de setembro de 2008, precisamente ao dar início ao quinquénio do projeto pastoral diocesano, afirma essa centralidade:

«Uma atenção especial à Caridade, pretendendo que a Igreja diocesana tome consciência da sua importância e se deixe renovar por ela. [...] O serviço de caridade abrange toda a missão da Igreja, mas adquire uma modalidade peculiar quando é feito em benefício dos pobres – amados de Deus e “vigários de Cristo” por excelência (cf. Mt 25, 40).»<sup>192</sup>

Os pobres são o rosto de Jesus Cristo para os homens e as mulheres crentes, no aqui e agora da História; passar ao lado desse rosto, ignorá-lo ou até desprezá-lo é uma incoerência do seu estilo de vida. Todavia, alerta António Francisco dos Santos no seguimento do mesmo discurso, o exercício da caridade não pode ser feito de forma voluntarista, desatenta e superficial, que pode ser uma grande irresponsabilidade. O cuidado dos pobres, para que a caridade seja exercida efetivamente em seu benefício, exige uma leitura lúcida e consistente da realidade, inclusivamente com o apoio das ciências humanas e sociais:

«Este serviço reveste muitas e diversificadas formas, sendo todas de valorizar. Impõe-se uma análise atenta a cada uma para que sejam sempre um benefício a quem precisa e uma forma de crescimento pessoal e comunitário. Não deixemos silenciar a voz dos pobres nem esconder os novos rostos de pobreza. [...] É necessário ir ao coração dos problemas sociais para proteger os mais frágeis e promover a sua dignidade, fonte essencial de um novo olhar e de um novo agir.»<sup>193</sup>

Os pobres não são apenas os destinatários da caridade, mas um rosto, uma voz, um olhar, uma fonte de dignidade. Por isso, não estão simplesmente disponíveis, não são apenas necessitados, mas na sua fragilidade clamam pela reconfiguração do seu rosto, pela recolocação da sua voz, pela nivelção dos olhares. O cuidado dos pobres não pode reverter a forma de manutenção do estado de pobreza, nem assumir uma postura perante os seus problemas que não seja conducente à solução desses mesmos problemas. A caridade tem de conduzir ao «coração dos problemas sociais», onde se joga uma complexa trama que sustenta e agrava essa pobreza e que aspira a um autêntico humanismo, um humanismo «talhado na caridade»<sup>194</sup>.

---

<sup>192</sup> A.F. SANTOS, «Igreja de Aveiro: âncora e farol de esperança», *Igreja Aveirense* 4 (2008) 83.

<sup>193</sup> *Ibidem*.

<sup>194</sup> A.F. SANTOS, «Dia da Igreja Diocesana, Aveiro, 22 de junho de 2009», *Igreja Aveirense* 5 (2009) 17.

*g) a caridade é terna, criativa e ousada*

Entre os inúmeros atributos que concede António Francisco dos Santos à caridade, sobretudo entendida como categoria no campo da pastoral (que aqui mais nos importa focar) podemos destacar três deles, em razão da sua peculiaridade e da frequência e diversidade de situações em que são invocados e reafirmados: são eles a ternura, a criatividade e a ousadia.

Ainda no seu programático discurso de 8 de setembro de 2008, na Sé Catedral de Aveiro, que deu início ao quinquénio pastoral diocesano da caridade, deixou o apelo: «Sejamos criativos na caridade, [...] e ousados e generosos no serviço aos pobres e a todos os que sofrem.»<sup>195</sup> A proposta pastoral de António Francisco dos Santos não se limita à caridade, em abstrato, mas a uma caridade criativa. De facto, a criatividade parece ser o primeiro e principal atributo de uma caridade que se quer especialmente efetiva perante os desafios históricos que se impõem: diante de novos e complexos problemas sociais, nomeadamente em virtude da crise económica que então se atravessava, de nada vale a simples repetição das mesmas respostas – para novos problemas, novas respostas, certamente em fidelidade à matriz humanista e cristã, mas novas no ardor, nos métodos e nas concretizações, para que alcancem a raiz dos problemas sociais, a que aludíamos na alínea anterior.

A criatividade alia-se por seu turno à ternura, a uma atitude que, em António Francisco dos Santos, se assemelhava à de uma mãe solícita pelos seus filhos que, por sua vez, tornava a todos os que eram tocados por essa caridade uma grande fraternidade.

«Face aos dramas e lágrimas dos que não têm nada nem ninguém, a Igreja envolve-os com a caridade terna e criativa que faz de todo o homem e mulher nossos irmãos. O exercício da caridade é, por parte da Igreja também um alerta, tantas vezes pioneiro e nem sempre compreendido, que nos lembre que a justiça é um imperativo indeclinável a que ninguém se deve eximir e que o progresso equilibrado e sustentável exige este respeito sagrado pela pessoa humana, pela sua dignidade, liberdade e valor irrepetível, porque em cada pessoa se espelha a imagem e semelhança de Deus.»<sup>196</sup>

---

<sup>195</sup> A.F. SANTOS, «Igreja de Aveiro: âncora e farol de esperança», *Igreja Aveirense* 4 (2008) 83.

<sup>196</sup> A.F. SANTOS, «Homilia na Solenidade de Santa Joana Princesa, Aveiro, 12 de maio de 2008», *Igreja Aveirense* 4 (2008) 44.

Das suas palavras, depreendemos que a caridade apenas se consegue exercer de forma criativa se for estimulada e estiver enraizada na ternura, que sustenta a lucidez de ver em cada homem a sua dignidade, liberdade e valor irrepetível. De certo modo, poderíamos dizer que o amor deve ser, em primeiro lugar, pela humanidade, para que nos possamos desdobrar em ações de caridade em prol dessa mesma humanidade.

Por fim, completando esta tríade de atributos da caridade surge a ousadia, um ímpeto dinâmico que possibilita os projetos e os desejos de se realizarem autenticamente; uma caridade, ainda que criativa e terna, mas não audaz, não passa de uma carta de boas intenções, sobretudo num tempo desafiante, onde as respostas aos problemas sociais nem sempre encontram acolhimento, nem muito menos consenso. Na apresentação do plano pastoral diocesano em Aveiro, dedicado ao tema da caridade, lança o desafio:

«Convido toda a Igreja diocesana: presbíteros, diáconos, comunidades religiosas, consagrados, famílias e comunidades, a vivermos a “ousadia da caridade”, [...] com os mais belos sentimentos cristãos de confiança, de responsabilidade e de comunhão. A Igreja preocupasse mais com a fidelidade ao Evangelho do que com o êxito dos seus planos ou com o sucesso das suas iniciativas. Servem-nos de paradigma para esta opção pastoral de evangelização, e para este serviço da caridade, da comunhão e da corresponsabilidade, as comunidades cristãs dos tempos apostólicos (At 2,16-21).»<sup>197</sup>

A ousadia da caridade, ou uma caridade audaz, é sem dúvida um dos seus atributos mais exigentes, pois requer, sobretudo no trabalho conjunto (e pastoral, concretamente), a confiança, a responsabilidade e o sentido de comunhão entre todos. Contudo, de facto, a ousadia na caridade não é optativa, muito menos para os crentes, porque é uma exigência que brota do próprio Evangelho. Muito menos se pode compadecer de calculismos de sucesso ou de popularidade: a sua exigência deve seguir o próprio modelo apostólico, que se funda no martírio, isto é, no testemunho de algo que não se pode calar à mercê de quaisquer pressões ou conveniências. Esta ousadia da caridade torna-se tanto mais necessária e imperativa para os crentes, quanto mais delicada e exigente se afigura a realidade social, especialmente nos momentos de crise que então se viviam<sup>198</sup>.

---

<sup>197</sup> A.F. SANTOS, «O serviço da caridade é uma sábia e santa forma de evangelizar», *Igreja Aveirense* 3 (2007) 77.

<sup>198</sup> A.F. SANTOS, «Homilia no Dia da Igreja Diocesana, Parque de Exposições de Aveiro, 6 de junho de 2010», *Igreja Aveirense* 6 (2010) 60.

*h) a caridade conduz a justiça à sua plenitude*

Uma última nota ou traço fundamental da caridade que podemos aqui assinalar em António Francisco dos Santos é a sua relação com a justiça, concretamente que a caridade completa ou leva à plenitude a justiça. Caridade e justiça podem parecer dois sistemas autónomos ou até contrastantes e mutuamente exclusivos: a justiça, podemos dizer genericamente, consiste em dar a cada um o que lhe pertence, que é seu por direito; a caridade, por definição, é um dom, é pura gratuidade, não resultando de nenhum direito. Sendo assim, a caridade pode ser considerada uma subversão da justiça.

Ora, essa subversão pode ser entendida em sentido negativo ou positivo; claramente António Francisco dos Santos interpretava-a em sentido positivo, como uma relação virtuosa, e até mesmo necessária. Na sua mensagem por ocasião do início do tempo litúrgico da Quaresma aos diocesanos de Aveiro, no ano de 2010, precisamente durante a difícil crise económica, afirmava esse imperativo:

«A justiça completa-se com a caridade, fonte inesgotável de amor, de generosidade e de dom. É com este espírito de caridade cristã e de partilha solidária que vos convindo, amados diocesanos, a uma generosa renúncia quaresmal.»<sup>199</sup>

Ao passo que a justiça é cega, como é tradicionalmente representada na mitologia clássica, a caridade fixa-se no rosto do outro e deixa-se interpelar pelo seu grito, que clama muitas vezes não pela medida baixa dos seus direitos, mas pela medida alta que apenas pode ser alcançada pela caridade. A dignidade, a liberdade e o valor irrepetível de cada homem e de cada mulher não se cinge nem se esgota nas garantias da lei, nem se restitui pela simples execução da justiça. Daí que, em linha com o próprio anúncio do Evangelho, António Francisco dos Santos recorde como a caridade é a síntese de toda a lei, não apenas da lei divina, mas também da lei humana, permitindo-lhe alcança a sua perfeição.

«A caridade é a síntese de toda a lei na linha do Evangelho de Jesus Cristo, que nos ensinou a descobrir um irmão no nosso próximo e a amarmo-nos uns aos outros como Ele nos amou.»<sup>200</sup>

---

<sup>199</sup> A.F. SANTOS, «Mensagem para a Quaresma 2010», *Igreja Aveirense* 6 (2010) 12-13.

<sup>200</sup> A.F. SANTOS, «Homilia do Bispo do Porto na Festa de Nossa Senhora da Misericórdia, Porto, Igreja da Santa Casa da Misericórdia, 11 de maio de 2014», *Igreja Portucalense* 35 (2014) 57-60.

Retomando a ideia que já tínhamos explanado no terceiro ponto deste capítulo, de que da caridade nascem as instituições, percebemos como, para António Francisco dos Santos, apenas a justiça aperfeiçoada pela caridade consegue, de facto, produzir uma transformação palpável e significativa no modelo de sociedade vigente e nas instituições humanas, quer ao nível local, quer em sentido mais amplo<sup>201</sup>. Na sua homilia na eucaristia do Encontro Nacional Leigos<sup>202</sup>, ocorrido no Porto em janeiro de 2015, D. António desenvolve bastante esta relação, mostrando como o verdadeiro progresso da sociedade humana apenas se dá quando enformada na caridade; a missão da Igreja passa precisamente por ser dadora de sentido, construtora de comunidade e inspiração da cultura, para levar à sua plenitude o bem latente nas realidades humanas.

## **2.5. “Igreja da Caridade”: uma pastoral diocesana enformada na caridade**

Aos nos debruçarmos sobre a caridade concretizada no pensamento e na ação de António Francisco dos Santos, olhámos em primeira instância para os seus escritos. Todavia, não podemos esquecer que também como responsável pastoral, sobretudo como bispo diocesano em duas dioceses – Aveiro e Porto – integrou diretamente a coordenação de diversos planos pastorais, com concretizações no âmbito da pastoral da caridade. Neste último ponto, procuraremos fazer uma análise dos planos diocesanos de pastoral das duas dioceses onde D. António serviu como bispo diocesano, dando particular importância ao modo como articulam o tema da caridade e quais os principais vetores da pastoral de uma eventual pastoral da caridade. Relegamos esta reflexão para o último ponto do nosso capítulo uma vez que os planos pastorais, embora na imediata dependência, não resultam exclusivamente da mente do bispo, mas são um articulado de diversas sensibilidades.

### *a) a visita pastoral como manifestação da caridade pelas comunidades*

Previamente à análise dos planos pastorais diocesanos, cabe aqui uma nota sobre a importância dada por António Francisco dos Santos às visitas pastorais, como manifestação da caridade para com as comunidades visitadas. Esta perspetiva é, em si mesma,

---

<sup>201</sup> A.F. SANTOS, «Homilia na eucaristia do Jubileu do Movimento dos Cursilhos de Cristandade na Diocese de Aveiro, 19 de setembro de 2010», *Igreja Aveirense* 6 (2010) 33.

<sup>202</sup> A.F. SANTOS, «Homilia no Encontro Nacional de Leigos. Igreja de S. Francisco, 24 de janeiro de 2015», *Igreja Portucalense* 37 (2015) 57-60.

bastante peculiar, uma vez que a visita pastoral se reveste mormente de um caráter canónico, com propósitos sem dúvida pastorais, mas com uma raiz histórica mas propriamente jurídica; mas também aqui justiça e caridade não se excluem, como vimos anteriormente.

«As visitas pastorais são uma das formas mais naturais da vida e da missão do bispo diocesano. Consistem em este viver próximo e fraterno com os sacerdotes e com as comunidades. Conhecer, amar e servir as comunidades, perceber os caminhos percorridos e adivinhar os horizontes de evangelização sonhados e desejados só é possível deste modo.»<sup>203</sup>

Ao longo do seu ministério episcopal, sempre valorizou de sobremaneira as visitas pastorais como forma de proximidade, concretização daquela solicitude pelos ausentes, que referimos mais acima. Tratava-se, na sua perspetiva, de um meio indispensável para a concretização da caridade em prol das comunidades, paroquiais e não só, também civis, que por isso sempre fez questão de exercer de forma demorada e atenta.

*b) Aveiro: Plano Pastoral Diocesano 2008-2013 – “Igreja diocesana renovada na Caridade é Esperança no Mundo”*

Temos podido verificar como António Francisco dos Santos, pastor sempre solícito e generoso no seu ministério, teve grande zelo evangelização, especialmente a dos mais pobres, e desde os começos do seu episcopado esteve convicto de que o «serviço da caridade é uma sabia e santa forma de evangelizar»<sup>204</sup>, documento fundador do projeto pastoral diocesano para Aveiro, no quinquénio de 2008 a 2013. Nesse período, procurou orientar toda a atividade pastoral diocesana para uma redescoberta da centralidade da caridade na atividade e, sobretudo, no estilo pastoral.

Com uma boa bagagem de experiência pastoral, nas dioceses e lugares por onde já tinha passado, apresentou uma pastoral da caridade bem integrada em todas as comunidades diocesanas, secretariados, movimentos apostólicos e comunidades religiosas, como um foco de evangelização muito importante para a pastoral diocesana, que ao longo do tempo haveria de dar os seus frutos.

---

<sup>203</sup> A.F. SANTOS, «Entrevista a D. António Francisco ao *Correio do Vouga*, 10 de dezembro de 2008», *Igreja Aveirense* 4 (2008) 60.

<sup>204</sup> A.F. SANTOS, «O Serviço da Caridade é uma sabia e santa forma de Evangelizar», 73.

«A caridade representa o maior mandamento evangélico e o mais efetivo imperativo social. Manda-nos amar como Deus ama e respeitar o outro nos seus direitos. Exige a prática da justiça e só a caridade nos torna capazes de a praticar plenamente. Inspira-nos e dá sentido e valor a uma vida de doação, a tantas vidas dadas a Deus por amor dos irmãos. Aqui radica a vivência da caridade e a opção preferencial pelos pobres a que a Igreja tem sido tão sensível e atenta. A fé implica a prática da caridade.»<sup>205</sup>

Das suas palavras, depreende-se com clareza que o serviço da caridade é verdadeiramente o caminho da Igreja. No plano pastoral diocesano de Aveiro para o quinquénio 2008-2013<sup>206</sup>, António Francisco dos Santos encorajou às comunidades diocesanas a procurarem a uma renovação espiritual dos seus membros, a numa nova dinâmica dentro da Pastoral da Caridade, para que apareça uma «Igreja serve e pobre, em estado de missão e de conversão, Igreja que se alimenta da Eucaristia, que dá testemunho de Jesus Cristo no mundo, procura evangelizar a Família e se coloca ao serviço dos mais pobres»<sup>207</sup> A Igreja nunca ficou na indiferença ou insensível perante as realidades de pobreza, de misérias, de injustiças face aqueles não têm nada nem ninguém, ela responde com a caridade acolhendo os homens como nossos irmãos.

A caridade, expressa no amor a Deus e no serviço aos irmãos, pretende ser um testemunho de proximidade e bondade, um testemunho credível e irradiante de fé nas comunidades, que seja capaz de mostrar a beleza de ser cristão no meio da sociedade atual. Assim a caridade torna-se momento de conversão, ato e caminho de evangelização.

«A evangelização não se pode reduzir aos que se movimentam no espaço dos recintos sagrados dos nossos templos, mas deve enviar-nos com espírito criativo e dinamismo missionário a todas as pessoas, famílias, grupos e povos em ordem a fazermos da caridade cristã e da solidariedade afetiva e efetiva com todos “um sinal visível e expressivo da verdadeira Igreja de Jesus Cristo” e um testemunho inequívoco e imprescindível da nossa fé»<sup>208</sup>.

Enquanto bispo, e através do plano pastoral diocesano, António Francisco dos Santos procurou centrar a vida da sua Diocese no serviço caritativo aos mais pobres, desafiando

---

<sup>205</sup> A.F. SANTOS, «O Serviço da Caridade é uma sabia e santa forma de Evangelizar», 75.

<sup>206</sup> A.F. SANTOS, «Diocese de Aveiro – Plano Diocesano de Pastoral 2008-2013: Igreja Diocesana renovada na Caridade é Esperança no Mundo», *Igreja Aveirense* 2 (2008) 70.

<sup>207</sup> A.F. SANTOS, «O Serviço da Caridade é uma sabia e santa forma de Evangelizar», 73.

<sup>208</sup> A.F. SANTOS, «O Serviço da Caridade é uma sabia e santa forma de Evangelizar», 76.

do cada um a estar atento à realidade que o rodeia, a ser próximo das pessoas e solícito na escuta. A caridade deve ser criativa, aspeto que já tivemos oportunidade de aprofundar, persistente e aberta a novos métodos e aprendizagens que aportem progresso que ajudam à missão<sup>209</sup>. Grande destaque também foi dado ao reforço e renovação dos secretariados e dos movimentos, com novos elementos e formação adequada, e do mesmo modo revigorar e renovar o trabalho em equipa dentro de cada arciprestado e entre arciprestados<sup>210</sup>.

Os planos pastorais diocesanos são uma ação de todos os cristãos em comunhão com o Bispo em favor da intensificação e a otimização do Bem em benefício das pessoas e para que exista continuidade na realização do serviço e na prática da caridade. Por isso as comunidades são um estímulo na realização deste serviço efetivo e afetivo por amor aos mais pobres para que a boa nova do evangelho possa chegar até eles.

O apelo de António Francisco dos Santos dirigido ao clero, aos agentes pastorais e às comunidades foi persistente no sentido da colaboração de todos de solicitude e generosidade, para ir até à raiz dos problemas sociais e ir também ao encontro dos mais frágeis que precisam verdadeiramente de nós, repartindo com eles o nosso tempo, a nossa atenção e o nosso pão, mas também as razões da nossa esperança e da nossa fé.

Uma frase do teólogo ecuménico alemão Jürgen Moltmann<sup>211</sup> parece ter sido inspiradora na elaboração deste plano pastoral diocesano: «O cristianismo só cumpre verdadeiramente a sua missão se contagia de esperança os homens»<sup>212</sup>. O desejo de António Francisco dos Santos, que aqui se esboça, parece ser de que em cada batizado se desperte o espírito de caridade que permita a Igreja ser sinal de esperança para todos homens e mulheres deste mundo e do nosso tempo.

---

<sup>209</sup> «Partimos, caros sacerdotes, diáconos, consagrados e consagradas, leigos e leigas, para esta viagem de cinco anos, ao jeito de S. Paulo, dispostos a trabalhar como se tudo dependesse de nós e decididos a rezar, sabendo que tudo depende de Deus.» A.F. SANTOS, «Diocese de Aveiro - Plano Diocesano de Pastoral 2008-2013», 75.

<sup>210</sup> O arciprestado é uma subdivisão da diocese que reúne um conjunto de paróquias que partilham um mesmo território homogéneo (geralmente, correspondente a um ou mais concelhos civis), sob a orientação de um arcipreste, que representa o Bispo diocesano, e que visa a cooperação pastoral a diversos níveis. Em algumas dioceses, como no Porto, dá-se o nome de vigararia aos arciprestados, e de vigário aos arciprestes. Cf. CDC, cân. 553, §1.

<sup>211</sup> Jürgen Moltmann (n. 1926), teólogo protestante alemão, professor emérito da Universidade de Tubinga, na Alemanha. Um dos teólogos mais influentes do séc. XX, autor de inúmeras obras, essencialmente na área da teologia, e um dos principais referenciais teóricos da designada teologia da libertação.

<sup>212</sup> A.F. SANTOS, «Diocese de Aveiro - Plano Diocesano de Pastoral 2008-2013», 79.



*c) Porto: Plano Pastoral Diocesano 2015-2020 – “A alegria do Evangelho é a nossa missão”*

No que se refere ao seu tempo como bispo do Porto, o plano pastoral diocesano para o quinquénio 2015-2020 é bastante específico e objetivo no que se refere a uma pastoral da caridade, com orientações muito práticas e esquematizadas em ordem à realização do projeto na Diocese. Esta diferença de abordagem em relação à experiência em Aveiro deve-se ao facto de que aqui a caridade já não é o tema forte do plano pastoral, pelo que nele já não se tecem grandes considerações; todavia, as orientações práticas transparecem um cuidado inegável e um estilo próprio que importa fazer notar.

Desde logo, num dos objetivos gerais do plano pastoral diocesano, António Francisco dos Santos lança o convite a toda a comunidade diocesana do Porto para «viver impelidos pela caridade e sair ao encontro de todos, acolhendo, e acompanhando com misericórdia»<sup>213</sup>. Para isso é necessário descobrir o lugar dos pobres na Igreja, deixar que eles nos evangelizem e interpelem a nossa vida. Cada agente de pastoral necessita de estar atento aos desafios que se apresentam a Igreja e os vários tipos de pobreza presentes a nossa volta, valorizar e cuidar a dignidade e o bem integral dos mais frágeis. Por isso, a reflexão e a prática das obras de misericórdia são um estímulo que nos ajudam a abraçar a missão e os desafios que se apresentam.

O plano de pastoral realça bem quais são os destinatários da pastoral da caridade: os membros das nossas comunidades cristãs, famílias, desempregados, sem-abrigo, reclusos e migrantes. Reclama-se também, e sobretudo, um olhar muito atento às periferias existências onde prolifera a pobreza encoberta e imprevista, para que os mais desprotegidos e os mais frágeis não sejam esquecidos e sintam que a Igreja lhes acolhe com amor<sup>214</sup>.

Os meios operativos para a concretização desse desígnio da pastoral da caridade estão também listados: a disponibilidade das comunidades, com os seus bens, recursos e meios, e sobretudo as suas pessoas; as várias iniciativas eclesiais que permitam observar as diferentes situações de pobreza e maior conhecimento da realidade a nossa volta; o voluntariado, que precisa ser valorizado e promovido, de jovens e adultos generosos com capacidades criativas de respostas, capazes de oferecerem o seu tempo aos outros; os

---

<sup>213</sup> A.F. SANTOS, *Plano Diocesano de Pastoral 2015/2020: A alegria do Evangelho é a nossa missão*, Diocese do Porto, Porto, 2015, 43.

<sup>214</sup> Cf. A.F. SANTOS, *Plano Diocesano de Pastoral 2015/2020*, 42.

encontros para partilha de experiências entre agentes e instituições ligados à ação socio-caritativa; uma vida sóbria e despojada e disponibilidade para a formação permanente, que habilite cada vez mais os agentes pastoreais para o bem daqueles que dizem servir. Por fim, o plano pastoral diocesano relembra a especial responsabilidade daqueles, sobretudo instituições, que pela sua própria natureza fizeram da caridade a bandeira da sua atuação: Cáritas Diocesana, o secretariado diocesano da pastoral social e da pastoral da saúde, as conferências de S. Vicente de Paulo disseminadas por todas as paróquias, as Santas Casas da Misericórdia<sup>215</sup>, os conselhos sociais e económicos paroquiais, os conselhos pastorais paroquial, as irmandades, entre outros. Através de todos eles, com a sua ajuda e perseverança, e apenas com elas é possível uma efetiva pastoral da caridade.<sup>216</sup>

---

<sup>215</sup> Às quais António Francisco dos Santos devotou especial atenção durante o Jubileu Extraordinário da Misericórdia, entre 2015 e 2016.

<sup>216</sup> Cf. A.F. SANTOS, *Plano Diocesano de Pastoral 2015/2020*, 43.

## Conclusão

O nosso estudo procurou apresentar brevemente o sentido e o alcance teológico do conceito de caridade e o modo como esse conceito foi assumido e enriquecido no pensamento e ministério pastoral de António Francisco dos Santos, onde teve grande importância enquanto categoria central do seu projeto de vida, pessoa e comunitário. Neste ponto, cumpre recapitular os principais aspetos abordados e conclusões sinalizadas ao longo da nossa investigação.

No primeiro capítulo, apresentámos a caridade como amor voluntário de escolha e não de sensibilidade, que é um dever de todos os cristãos e um sinal distintivo e uma manifestação da vida da Igreja. Desse modo, deve-se evita reduzir o conceito de caridade a um simples gesto de esmola, a uma oferta aos pobres ou à prestação de assistência social aos mais carenciados, embora tudo isto possa ser incluído no conceito de caridade. Se no Antigo Testamento, a caridade é definida como um «amar o próximo como a ti mesmo»<sup>217</sup> que enforma uma conduta de amor vivido em comunidade, solícito para com os pobres, os estrangeiros, os órfãos e as viúvas, no Novo Testamento, é o próprio Jesus que se refere ao próximo e à universalidade do amor a todos os homens sem distinção alguma, como é ilustrados nas parábolas do bom samaritano e do discurso ou sermão da montanha. Nas cartas paulinas e joaninas encontramos as principais sínteses do pensamento neotestamentário sobre a caridade. Os Padres da Igreja, entre outros aspetos, enfatizaram como devemos amar a Deus por si mesmo e não por aquilo que d'Ele possamos obter, ou seja, que a caridade tem por característica fundamental ser desinteressada, à semelhança do amor de Deus pela humanidade. Já no II Concílio Ecuménico do Vaticano, a caridade recupera um lugar central na reflexão teológica e na consciência cristão, com reflexo na valorização da ação caritativa da Igreja como dimensão pastoral, onde Cristo, de facto, prolonga o seu modo de viver e de amar. A caridade une o homem a Deus pelo vínculo da fé e ajuda-o de forma insubstituível no seu aperfeiçoamento espiritual, de tal modo que podemos afirmar que o homem é tanto melhor quanto mais ele ama.

---

<sup>217</sup> Ex 26, 6.

O primeiro e fundamental ato de caridade da Igreja é o anúncio do *kerygma* em todos os lugares do mundo e em todos os momentos da História. O Evangelho instrui-nos e leva-nos a compreender o lugar que os pobres têm na Igreja e na sociedade porque eles são, de facto, os primeiros e privilegiados destinatários do Evangelho. A Igreja age na caridade em favor dos pobres, servindo-os, promovendo a caridade e a justiça a seu favor como consequência direta e primordial da sua fé. O amor a Deus concretiza-se no amor ao próximo. A caridade é dom de Deus para unir todo o povo como num só corpo, que é a Igreja. O bispo é o responsável da pastoral na diocese e o primeiro a testemunhar e a garantir o serviço de caridade no meio do povo, expressão vital da missão da Igreja.

No segundo capítulo, começamos por apresentar uma breve biografia António Francisco dos Santos, dando especial ênfase, além de aspetos pessoais, ao seu percurso pastoral. Desse percurso, destacámos o período do seu episcopado, de 2004 a 2017, passando pelas dioceses de Braga, Aveiro e Porto, como o tempo mais fecundo e marcante da sua pastoral, o que se reflete na abundância e riqueza dos seus escritos. Durante este tempo, D. António deu um lugar destacado à caridade na sua pregação e na ação pastoral, concretizada numa opção preferencial pelos pobres, principais destinatários do Evangelho. Há uma clara continuidade entre o seu projeto de vida, pessoal e comunitário, e os próprios planos diocesanos de pastoral que propôs e que nortearam as dioceses que serviu. Um dos propósitos de António Francisco dos Santos, como pastor, foi levar o anúncio do amor de Deus aos seus diocesanos, sem excluir ninguém, donde a caridade assumiu o necessário plano de destaque numa pastoral que se propunha levar por diante essa difícil missão.

Da análise dos seus documentos, depreendemos que o intuito de António Francisco dos Santos foi, claramente, o de que surgisse uma nova Igreja renovada na caridade e, ao mesmo tempo, uma nova pedagogia pastoral que promovesse essa renovação em todas as comunidades cristãs e a todos os níveis da vida diocesana. Essa pedagogia pastoral passa por uma inculturação da caridade na vida da Igreja e na vida da sociedade contemporânea, que seja autêntica e consolidada ao longo dos tempos. Desse modo, poderia a Igreja tornar-se, para os homens e mulheres do nosso tempo, e de todos os tempos, um farol de esperança e rosto do amor de Deus pela humanidade. Nesta tarefa, todos são indispensáveis, mas têm especial relevo os sacerdotes, a quem cabe especial dever de cuidar e cultivar uma relação de intimidade com Deus, na oração e na celebração da eucaristia, o “sacramento da caridade”, que alimentar em nós o amor a Deus e aos irmãos.

As instituições de caridade são um contributo muito valioso e fundamental e um instrumento de evangelização. Porém, os tempos mudam e, por isso, é necessário um acompanhamento a estas instituições para que possam cumprir a sua missão e adaptar-se ao ritmo dos tempos novos. Outra característica da caridade é ir ao encontro daqueles que estão ausentes: dos mais frágeis, doentes, marginalizados e carenciados, pessoas esquecidas pela sua condição, incapacidade e por outros motivos: todas estas são pessoas que realmente precisam de uma palavra de consolo e de serem socorridas. Este foi também o estilo pastoral assumido por António Francisco dos Santos, que escolheu a caridade como projeto de vida, síntese de uma vida doada por amor aos pobres e as pessoas que estão à sua volta, com especial atenção ao clero e aos fiéis a si confiados.

A ação pastoral de D. António marcou muito as Igrejas diocesanas de Aveiro e do Porto, em especial, onde serviu como bispo diocesano. A sua dinâmica pastoral, o seu jeito de ser pastor e o seu espírito de caridade renovaram a evangelização e, em particular, a pastoral da caridade. Uma das suas características que merece maior destaque foi o seu interesse por conhecer a fundo a realidade à sua volta, indo ao encontro das pessoas, sendo capaz de as escutar e acolher autenticamente. Os pobres, os doentes, os marginalizados, os sem-abrigo e qualquer pessoa independentemente da sua condição tinham em António Francisco dos Santos uma palavra e um gesto de conforto e de esperança.

Os magistérios dos papas Bento XVI e Francisco influenciaram muito o pensamento de António Francisco dos Santos sobre a caridade, como pudemos testemunhar pelas abundantes citações – da *Deus Caritas Est*, da *Caritas in Veritate* e da *Evangelii Gaudium* entre outros – que enriqueceram e explicitaram o pensamento. Ele não escreveu nenhuma obra teológica sistemática sobre a caridade, nem protagonizou nenhum movimento ou obra de caridade em específico. Simplesmente, como cristão e como pastor, viveu aquilo em que acreditava e que anunciava, estabelecendo uma ligação entre fé e vida que se oferece como um modelo para todos. O legado pastoral de António Francisco é uma fonte de sabedoria e de inspiração.

Ao longo da elaboração deste estudo, enfrentámos diversas dificuldades que devem ser atendidas, no balanço global: em primeiro lugar, a inexistência de qualquer estudo, à exceção de um ou outro pouco aprofundado, sobre a figura de António Francisco dos Santos. Embora se tenham passados poucos anos desde a sua morte, o interesse pela sua figura, que existe e é patente, não se tem estendido ao campo da investigação; para isso, pretendemos contribuir e estimular a que outros estudos se realizem; em segundo lugar, as

fontes de António Francisco dos Santos estão muitas delas por publicar – sobretudo os escritos mais pessoais – e as restantes ainda se encontram muito dispersas por boletins diocesanos, publicações periódicas e pequenas publicações dispersas. As edições das fontes são ainda escassas e o aparato crítico reduzido.

Naturalmente, dos limites deste estudo, surgem desdobramentos que desafiamos futuros investigadores a desenvolver. Um dos temas que, através desta investigação, nos apercebemos que teria grande interesse, também no campo da pastoral, seria os das visitas pastorais de António Franciscos dos Santos, não só do lado das suas intervenções e dos seus gestos, mas também dos reflexos e do impacto nas comunidades visitadas, nos padres e outros agentes de pastoral com que interagiu, nos processos que desencadeou. Este e outros temas poderiam, mais tarde, completar uma visão de síntese mais ampla que teria uma grande pertinência, por exemplo, num eventual processo de canonização.

Em conclusão, faz sentido falar numa Igreja da Caridade? Os sinais dos tempos pedem uma Igreja serva e humilde, disponível para a evangelização, aberta e solícita para os pobres e para todos aqueles que procuram de coração e com sinceridade a verdade e o diálogo numa nova cultura da caridade. Uma Igreja da Caridade, atenta e inteligente em relação aos sinais dos tempos, pode e é capaz de acompanhar os tempos novos, onde subsistem e se multiplicam tantas formas de pobreza, cada vez mais complexas. Nos nossos dias, dão-se enormes avanços tecnológicos que melhoram e simplificam a vida do homem mas aumentam as injustiças e as vítimas de uma cultura de descarte, que perpetua situações, às vezes dissimuladas, mas insuportáveis, de injustiça e de miséria. A Igreja sempre defendeu e tem de continuar a defender os pobres e velar pela dignidade de todas as pessoas. A caridade é resposta da Igreja diante destas situações, como demonstrou de forma tão eloquente a vida, a obra e o pensamento de António Francisco dos Santos.

## Bibliografia

### A. Fontes

#### A.1. de António Francisco dos Santos

AA.VV., «Biografia de D. António Francisco dos Santos», *Igreja Portucalense* 34 (2014) 11-12.

SANTOS, A.F., «Apresentação do Plano Diocesano da Pastoral Socio-Caritativa, Aveiro, Seminário de Santa Joana Princesa, 5 de outubro de 2009», *Igreja Aveirense* 5 (2009) 21.

SANTOS, A.F., «Dia da Igreja Diocesana, Aveiro, 22 de junho de 2009», *Igreja Aveirense* 5 (2009) 17.

SANTOS, A.F., «Dia da Igreja Diocesana, Santuário de Nossa Senhora de Vagos, Aveiro, 29 de junho de 2008», *Igreja Aveirense* 4 (2008) 49.

SANTOS, A.F., «Dia Mundial de Oração pela Santificação dos Sacerdotes, “Viver e testemunhar a Santidade”, 21 de maio de 2008», *Igreja Aveirense* 4 (2008) 14.

SANTOS, A.F., «Diocese de Aveiro – Plano Diocesano de Pastoral 2008-2013: Igreja Diocesana renovada na Caridade é Esperança no Mundo», *Igreja Aveirense* 2 (2008) 70.

SANTOS, A.F., «Entrevista a D. António Francisco ao *Correio do Vouga*, 13 de dezembro de 2006», *Igreja Aveirense* 2 (2006) 125.

SANTOS, A.F., «Fotobiografia 2006-2014», *Correio do Vouga*, edição de 19 de março de 2006.

SANTOS, A.F., «Homilia de entrada na Diocese de Aveiro, Solenidade da Imaculada Conceição, Sé Catedral de Aveiro», *Igreja Aveirense* 2 (2006) 101-107.

SANTOS, A.F., «Homilia do Bispo do Porto na Festa de Nossa Senhora da Misericórdia, Porto, Igreja da Santa Casa da Misericórdia, 11 de maio de 2014», *Igreja Portucalense* 35 (2014) 57-60.

- SANTOS, A.F., «Homilia do Senhor D. António na Igreja de Santa Clara, matriz da Paróquia da Sé, 5 de julho de 2014», *Igreja Portucalense* 35 (2014) 121-124.
- SANTOS, A.F., «Homilia na celebração da Ceia do Senhor, Sé de Aveiro, 9 de abril de 2009», *Igreja Aveirense* 5 (2009) 42.
- SANTOS, A.F., «Homilia na Celebração do Crisma e Encerramento de Visita Pastoral, Vilarinho do Bairro, 15 de novembro de 2009», *Igreja Aveirense* 5 (2009) 55-56.
- SANTOS, A.F., «Homilia na Dedicção da Catedral e abertura do Ano Pastoral, Igreja Catedral, 9 de setembro de 2014», *Igreja Portucalense* 34 (2014) 40.
- SANTOS, A.F., «Homilia na entrada solene na Diocese do Porto, Catedral do Porto, 6 abril 2014», *Igreja Portucalense* 34 (2014) 51-52.
- SANTOS, A.F., «Homilia na Eucaristia da Festa de S. Cosme e Damião, Igreja Matriz de Gondomar, 6 de outubro de 2014», *Igreja Portucalense* 36 (2014) 73-75.
- SANTOS, A.F., «Homilia na eucaristia do Jubileu do Movimento dos Cursilhos de Cristianidade na Diocese de Aveiro, 19 de setembro de 2010», *Igreja Aveirense* 6 (2010) 33.
- SANTOS, A.F., «Homilia na Festa de S. Brás, Igreja Matriz de Frazão, 3 de fevereiro de 2015», *Igreja Portucalense* 37 (2015) 73-76.
- SANTOS, A.F., «Homilia na igreja de Santa Maria do Marco de Canaveses, 10 de julho de 2016», *Igreja Portucalense* 41 (2016) 91-94.
- SANTOS, A.F., «Homilia na Missa Crismal, Sé Catedral do Porto, 17 de abril de 2014», *Igreja Portucalense* 34 (2014) 63-68.
- SANTOS, A.F., «Homilia na Solenidade de Santa Joana Princesa, Aveiro, 12 de maio de 2008», *Igreja Aveirense* 4 (2008) 44.
- SANTOS, A.F., «Homilia na solenidade de Santa Maria Mãe de Deus, Dia Mundial da Paz», *Igreja Aveirense* 4 (2008) 25-28.
- SANTOS, A.F., «Homilia no Dia da Igreja Diocesana, Parque de Exposições de Aveiro, 6 de junho de 2010», *Igreja Aveirense* 6 (2010) 60.
- SANTOS, A.F., «Homilia no Encontro Nacional de Leigos. Igreja de S. Francisco, 24 de janeiro de 2015», *Igreja Portucalense* 37 (2015) 57-60.



- SANTOS, A.F., «Igreja de Aveiro: âncora e farol de esperança, Festa da Natividade da Virgem Santa Maria, Aveiro, 8 de setembro de 2008», *Igreja Aveirense* 4 (2008) 83.
- SANTOS, A.F., *In manus tuas*, Diocese de Aveiro, Aveiro, 2017.
- SANTOS, A.F., «Intervenção no parque de Exposições de Aveiro, 9 de dezembro de 2006», *Igreja Aveirense* 2 (2006) 110.
- SANTOS, A.F., «Mensagem à Diocese do Porto», *Igreja Portucalense* 34 (2014) 49-50.
- SANTOS, A.F., «Mensagem para a Quaresma 2010», *Igreja Aveirense* 6 (2010) 12-13.
- SANTOS, A.F., *Não devemos ter medo da bondade. O testamento espiritual de um pastor*, Universidade Católica Editora – Porto, Porto, 2018.
- SANTOS, A.F., «Novo bispo de Porto quer ser ‘apóstolo da bondade, da proximidade e da simplicidade’», entrevistado por Eunice Lourenço, Rádio Renascença, 21 de fevereiro de 2014, [https://rr.sapo.pt/informacao\\_detalhe.aspx?fid=26&did=139802](https://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=26&did=139802)
- SANTOS, A.F., «O serviço da caridade é uma sábia e santa forma de evangelizar», *Igreja Aveirense* 3 (2007) 73-77.
- SANTOS, A.F. [et al.], *Plano Diocesano de Pastoral 2015/2020: A alegria do Evangelho é a nossa missão*, Diocese do Porto, Porto, 2015.
- SANTOS, A.F., «Prefácio», in AA.VV., *As catorze obras de misericórdia*, Alêtheia Editores, Lisboa, 2016.
- SANTOS, A.F., «Prefácio», in BORILE, E. [et al.] (ed.), *Dicionário de Orientação Vocacional*, Paulinas, Prior Velho, 2008.
- SANTOS, A.F., «Saudação à Diocese de Aveiro», *Igreja Aveirense* 2 (2006) 95-99.

## **A.2. do Magistério da Igreja Católica e da Patrística**

- AGOSTINHO DE HIPONA, *De Trinitate*, Paulinas, Coimbra, 2007.
- AMBRÓSIO DE MILÃO, *Livro sobre Nabot de Jesrael*, PL, 14, 767.

- BENEDICTUS PP. XVI, *Adhortatio Apostolica Postsynodalis [...] de Eucharistia vitae missionisque Ecclesiae fonte et culmine (Sacramentum caritatis)*, in *AAS* 99 (2007) 105-180.
- BENEDICTUS PP. XVI, *Litterae Apostolicae Motu Proprio [...] De Caritate ministranda (Intima Ecclesia Natura)*, in *AAS* 104 (2012) 696-1004.
- BENEDICTUS PP. XVI, *Litterae Encyclicae [...] de humana integra progressionem in caritate veritateque (Caritas in Veritate)*, in *AAS* 101 (2009) 641-760.
- BENEDICTUS PP. XVI, *Litterae Encyclicae [...] De christiano amore (Deus caritas est)*, in *AAS* 98 (2006) 217-252.
- CONFERENCIA EPISCOPAL ESPAÑOLA, *La caridad en la vida de la Iglesia*, Madrid, 1994.
- FRANCISCUS PP., Audiência geral, 23 de novembro de 2016: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco\\_20161123\\_udienza-generale.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20161123_udienza-generale.html)
- FRANCISCUS PP., *Litterae Encyclicae de Communi Domo Colenda (Laudato Si')*, in *AAS* 107 (2015) 847-945.
- IOANNES PP. XXIII, *Litterae encyclicae [...] de pace omnium gentium in veritate, iustitia, caritate, libertate constituenda (Pacem in terris)*, in *AAS* 55 (1963) 257-304.
- IOANNES PP. XXIII, *Litterae encyclicae [...] de recentioribus rerum socialium processibus ad christiana praecepta componendis (Mater et Magistra)*, in *AAS* 53 (1961) 401-464.
- IOANNES PP. XXIII, *Litterae encyclicae [...] Pontificali eius Ministerio ineunte (Redemptor hominis)*, in *AAS* 71 (1979) 257-324.
- IOANNES PAULUS PP. II, *Litterae Encyclicae [...] vicesimo expleto anno ab editis Litteris Encyclicis a verbis "Populorum progressio" incipientibus (Sollicitudo rei socialis)*, in *AAS* 80 (1988) 513-585.
- IOANNES PAULUS PP. II, *Nuntius Scripto Datus Ob diem Paci fovendae dicatum (Sviluppo e solidarietà: due chiavi per la Pace)*, in *AAS* 79 (1987) 45-57.

- IOANNES PAULUS PP. II, *Adhortatio Apostolica Post-synodalis [...] de vocatione et missione Laicorum in Ecclesia et in mundo (Christifideles laici)*, in *AAS* 81 (1989) 393-521.
- IOANNES PAULUS PP. II, *Adhortatio Apostolica Postsynodalis [...] de Sacerdotum formatione in aetatis nostrae rerum condicione (Pastores dabo vobis)*, in *AAS* 84 (1992) 657-804.
- IOANNES PAULUS PP. II, *Adhortatio Apostolica Post-synodalis [...] de Episcopo ministro Evangelii Iesu Christi pro mundi spe (Pastores gregis)*, in *AAS* 96 (2004) 825-924.
- JOÃO CRISÓSTOMO, *Homilia XIII sobre a Carta aos Coríntios*, PG, 61, 113.
- PAULUS PP. VI, *Decretum de apostolatu laicorum (Apostolicam actuositatem)*, in *AAS* 58 (1966) 837-864.
- PAULUS PP. VI, *Decretum de presbyterorum ministerio et vita (Presbyterorum ordinis)*, in *AAS* 58 (1966) 991-1024.
- PAULUS PP. VI, *Epistula Apostolica [...] octogesimo expleto anno ab editis Litteris Encyclicis e verbis appellatis "Rerum Novarum" (Octagesima Adveniens)*, in *AAS* 63 (1971) 401-441.
- PAULUS PP. VI, *Litterae Encyclicae [...] de populorum progressionem promovendam (Populorum Progressio)*, in *AAS* 59 (1967) 257-299.
- PIUS PP. XII, *Litterae Encyclicae [...] (Summi Pontificatus)*, in *AAS* 31 (1939) 413-453.
- SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Decretum de Pastoralis Episcoporum Munere in Ecclesia (Christus Dominus)*, in *AAS* 58 (1966) 673-701.
- SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Constitutio de Sacra Liturgia (Sacrosanctum Concilium)*, in *AAS* 56 (1964) 97-134.
- SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Constitutio Dogmatica de Ecclesia (Lumen Gentium)*, in *AAS* 57 (1965) 5-71.
- SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Constitutio pastoralis de Ecclesia in Mundo huius temporis (Guadium et Spes)*, in *AAS* 58 (1966) 1025-1120.

## B. Instrumentos de trabalho

*Bíblia Sagrada*, 5ª edição revista e corrigida, Lisboa: Difusora Bíblica, 2014.

*Catecismo da Igreja Católica*, 2ª edição, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1997.

*Código de Direito Canónico promulgado por S.S. o Papa João Paulo II*, Versão portuguesa, 4ª edição revista, Apostolado da Oração, Braga, 1995.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*, Princí-  
pia, Cascais, 2005.

## C. Estudos

ALMEIDA, B.C., *Caminhando com dom António Francisco dos Santos. A propósito de um monumento em Tendais*, Fundação dom António Francisco dos Santos, Porto, 2019.

ALVES, P.A., «Caridade como experiência na patrística», *Semanário Ecclesia* 1447 (2014) 20-24.

BEEKS, R., «ἀγάπῳ», in BEEKS, R. (ed.), *Etymological Dictionary of Greek*, Vol. 1, Brill, Boston, 2010, 8-9.

BROGLIE, G., «Charité», in VILLIER, M. [et al.] (ed.), *Dictionnaire de Spiritualité, Ascétique et Mystique, Doctrine et Histoire*, Vol. 2, Beauchesne, Paris, 1937, 507-690.

CODA, P., «Caridade», in BORILE, E. [et al.] (ed.), *Dicionário de Orientação Vocacional*, Paulinas, Prior Velho, 2008, 200-213.

CODA, P., *El ágape como gracia y libertad. En la raíz de la teología y la praxis de los cristianos*, Ciudad Nueva, Málaga, 1996.

DE LA BROSSE, O. [et al.], «Caridade», in *Dicionário de Termos da Fé*, Perpétuo Socorro, Porto, 1995, 137-138.

DE VAN, M., «Carus», in *Etymological Dictionary of Latin and the other Italic Languages*, Brill, Leiden, 2008, 94-96.

ESTÉBANEZ, D., «Cáritas», in PEDROSA, V.M. [et al.] (ed.), *Diccionario de Pastoral y Evangelización*, Monte Carmelo, Burgos, 2000, 143-145.

- FLORISTÁN, C., «Cáritas», in FLORISTÁN, C.; Tamayo, J.J. (ed.), *Diccionario Abreviado de Pastoral*, Verbo Divino, Navarra, 1988, 65-66.
- FLORISTÁN, C., *Teología práctica. Teoría y praxis de la acción pastoral*, Sígueme, Salamanca, 1991.
- GELABERT BALLESTER, M., «Mutua implicación entre fe y caridad», *Corintios XIII. Revista de teología y pastoral de la caridad* 146 (2013) 9-24.
- JARAMILLO RIVAS, P., «Pastoral caritativa y social», in PEDROSA, V.M. [et al.] (ed.), *Diccionario de Pastoral y Evangelización*, Monte Carmelo, Burgos, 2000, 145-155.
- JEREMIAS, J., *La teología del Nuevo Testamento. 1. La predicación de Jesús*, Sígueme, Salamanca, 1974.
- KASPER, W., *La misericordia: clave del Evangelio y de la vida cristiana*, Sal Terrae, Santander, 2012.
- MANICARDI, L., *A caridade dá que fazer. Atualidade das obras de misericórdia*, 3ª edição aumentada, Paulinas, Prior Velho, 2016.
- PELLITERO, R., «Dimensión “pastoral” de la teología y teología pastoral», in *Scripta Theologica* 36 (2004) 215-230.
- QUELL, G., «ἀγαπάω, ἀγάπη, ἀγαπητός», in MONTAGNINI, F.; SCARPAT, G. (ed.), *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, Vol. 1, Paideia, Brescia, 1975, 57-92.
- RAMOS GUERREIRA, J.A., *Teología Pastoral*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1995.
- REISH, E., «Caridad», in RAHNER, K. [et al.] (ed.), *Sacramentum Mundi*, Vol. 1, Herder, Barcelona, 1972, 659-669.
- SBAFFI, M., «Caridade», in FIORES, S.; GOFFI, T. (ed.), *Dicionário de Espiritualidade*, Paulinas, São Paulo, 1989, 78-88.
- STAUFFER, E., «ἀγαπάω, ἀγάπη, ἀγαπητός», in MONTAGNINI, F.; SCARPAT, G. (ed.), *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, Vol. 1, Paideia, Brescia, 1975, 92-146.
- TREECE, P., *Massimiliano Kolbe. Il Santo de Auschwitz*, Immacolata, Bologna, 2012.

